



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARÁIBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL**  
**DOUTORADO EM LETRAS**

**MACKSA RAQUEL GOMES SOARES**

**CORPOS EM TRAVESSIA: ANCESTRALIDADE, FRATURA E MEMÓRIA NAS**  
**POÉTICAS NEGRAS-FEMININAS DE EMANCIPAÇÃO E CURA EM CONCEIÇÃO**  
**EVARISTO E RYANE LEÃO**

**JOÃO PESSOA - PB**  
**2025**

**MACKSA RAQUEL GOMES SOARES**

**CORPOS EM TRAVESSIA: ANCESTRALIDADE, FRATURA E MEMÓRIA  
NAS POÉTICAS NEGRAS-FEMININAS DE EMANCIPAÇÃO E CURA EM  
CONCEIÇÃO EVARISTO E RYANE LEÃO**

Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, na linha de Pesquisa de Estudos Decoloniais e Feministas.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Luciana Eleonora de Freitas Deplagne Calado

**JOÃO PESSOA - PB  
2025**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S676c Soares, Macksa Raquel Gomes.

Corpos em travessia : ancestralidade, fratura e memória nas poéticas negras-femininas de emancipação e cura em Conceição Evaristo e Ryane Leão / Macksa Raquel Gomes Soares. - João Pessoa, 2025.

163 f.

Orientação: Luciana Eleonora de Freitas Deplagne Calado.

Tese (Doutorado) - UFPB/PPGL.

1. Poesia negra feminina. 2. Mulheres negras. 3. Feminismo. 4. Movimentos decoloniais. I. Calado, Luciana Eleonora de Freitas Deplagne. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1:305-055.2(=01)(043)




CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL  
DOUTORADO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE TESE DO(A) ALUNO(A)  
MACKSA RAQUEL GOMES SOARES


Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco, às nove horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Tese intitulada: **“CORPOS EM TRAVESSIA: ANCESTRALIDADE, FRATURA E MEMÓRIA NAS POÉTICAS NEGRAS-FEMININAS DE EMANCIPAÇÃO E CURA EM CONCEIÇÃO EVARISTO E RYANE LEÃO”**, apresentada pelo(a) aluno(a) Macksa Raquel Gomes Soares, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTORA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (PPGL/UFPB), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os professores doutores Danielle de Luna e Silva (UFPB), Francielle Suenia da Silva (UFPB), Claudia Letícia Gonçalves Moraes (UFMA) e Cristian Souza de Sales (UNEB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: **APROVADO**. Proclamados os resultados pela presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 29 de agosto de 2025.

Parecer: A banca considerou relevante a contribuição da tese para os estudos literários, em especial para a Literatura negra brasileira. Foi ressaltada ainda a originalidade do trabalho no campo teórico-crítica, com destaque para a criação do conceito “travessia” como categoria de análise de obras poéticas de autoria negra. Por sua relevância, a tese foi recomendada para publicação.

Documento assinado digitalmente  
 LUCIANA ELEONORA DE FREITAS CALADO DEPL  
Data: 29/08/2025 14:20:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas  
Calado Deplagne  
(Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente  
 CLAUDIA LETICIA GONCALVES MORAES  
Data: 04/09/2025 09:53:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Claudia Letícia Gonçalves  
Moraes  
(Examinadora)



Documento assinado digitalmente  
**DANIELLE DE LUNA E SILVA**  
Data: 08/09/2025 11:55:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva  
(Examinadora)



Documento assinado digitalmente  
**CRISTIAN SOUZA DE SALES**  
Data: 06/09/2025 21:35:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cristian Souza de Sales  
(Examinadora)



Documento assinado digitalmente  
**FRANCIELLE SUENIA DA SILVA**  
Data: 08/09/2025 11:58:43-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Francielle Suenia da Silva  
(Examinadora)



Documento assinado digitalmente  
**MACKSA RAQUEL GOMES SOARES**  
Data: 08/09/2025 16:33:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Macksa Raquel Gomes Soares  
(Doutoranda)

**MACKSA RAQUEL GOMES SOARES**

**CORPOS EM TRAVESSIA: ANCESTRALIDADE, FRATURA E MEMÓRIA  
NAS POÉTICAS NEGRAS-FEMININAS DE EMANCIPAÇÃO E CURA EM  
CONCEIÇÃO EVARISTO E RYANE LEÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, na linha de Pesquisa de Estudos Decoloniais e Feministas.

Tese APROVADA em 29 de agosto de 2025

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne - UFPB  
Presidente da banca

---

Profa. Dra. Claudia Letícia Gonçalves Moraes  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Cristian Souza de Sales  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Francielle Suenia da Silva  
(Examinadora)

---

*desejo que possamos ler um poema  
a ponto de senti-lo mudando nossos rumos*

(Ryane Leão)

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, aos anjos da guarda, santos e orixás que encruzilham meus caminhos sempre.

Em quatro anos há um mundo de pessoas que atravessam nossos caminhos e entram nas nossas vivências, por isso sou grata, ainda que não consiga mencionar a todos nominalmente. Aqui registro as que com carinho, incentivo, palavras de coragem e engrandecimento, pulverizam esta trajetória.

À Laura, minha filha, minha poesia para o mundo, que em muitos momentos, aos cuidados de outros, vigiava-me com amor enquanto escrevia. É para você, com esperança.

Aos meus pais, João e Maria, ainda que sem o entendimento das minhas ausências, o amor prepondera. À Neide, minha irmã, mão firme no meu dia a dia dando apoio que preciso nas demandas diárias. À minha amiga-tia, Ivanilde que com palavras de esperança, tece o meu caminhar.

À Ryane Leão, pela disponibilidade em responder carinhosamente as perguntas que tracejam também esta pesquisa.

À minha orientadora, Luciana Calado, sempre com sorriso, radiava meus dias de angústia. Pelas leituras atentas e carinhosas, obrigada.

À Déborah Miranda, amiga de voz doce que ganhei nestes quatro anos, que no primeiro dia de aula já compôs comigo caminhos de leveza, os desalinhos da pesquisa, nos achamos e não vamos nos perder.

À banca negra de examinadoras, Cláudia Moraes, Cristian Sales, Daniella Luna, Francielle da Silva, pelo aceite ao convite, leituras e considerações precisas.

Sou, porque nós somos!

Grata.



Pra quem não sabia contar gotas, cê  
aprendeu  
a nadar  
O mar te cobriu sereno, planeta Marte  
[...]  
Sem ponto, sem vírgula, sem meia,  
descalça  
Descascou o medo pra caber coragem  
Sem calma, sem nada, sem ar [...]  
Borrifou um segredo pra fazer a Lua  
Temperou com calma teu desassossego  
Empanou com areia tua calma santa  
Salvou um beijo (ah-ah)  
Chorou na despedida, mas gozaram  
chamas  
Amanheceu à guarda de esperar o sono  
Desesperou de medo quando ficou tarde  
Chamou minha atenção  
Fazendo serenata  
O mergulho foi tão bom que me encheu  
de graça  
Molhou meu coração, ebulindo fumaça  
Num delirante assovio, psiu, psiu, psiu  
Num delirante assovio, psiu, psiu, psiu

(Liniker, na música, *Psiu*, 2020).

## RESUMO

A Literatura produzida por mãos negras é movimento de decolonizar a escrita, de romper com silêncios prescritos e históricos. Esse aquilombamento de palavras transforma linguagem em ação, (Lorde, 2019), ao mesmo tempo que reescreve um novo tempo à tradição literária brasileira. Alinhado a isso, as mulheres negras tecem os fios de esperança, de sonhos, de resistências quando escrevem sobre si, sobre o coletivo, sobre suas dores e alegrias, sobretudo quando se demoram em suas ancestralidades para recontar novas histórias. Nesse sentido, a poesia negra-feminina é porta aberta para esse caminhar decolonial e emancipatório de corpos femininos negros remendados pelos desmandos da tecnologia colonial. É nesse limiar que elaboramos processos de articulações em nós mesmas para recriar realidades, reverberar possibilidades, como destaca Audre Lorde (2019), por isso, para as mulheres negras, a poesia não é luxo, é ferramenta de sobrevivência, de resistência. Diante do exposto, esta pesquisa se assenta no lirismo de resistências proposto nas obras, *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2017), de Conceição Evaristo, *Jamais peço desculpas por me derramar*, (2019), de Ryane Leão, obras que formam a corpora desta tese. Os escritos de ambas as autoras elucidam sobre o feminismo negro orquestrado por mulheres que erguem-se em meios às violações de raça, gênero e classe e, de modo simultâneo, alvitram a ancestralidade, a memória, a religiosidade, a cura, empoderamento, e, por meio dessa literatura feminina, desarticulam estruturas violentas impostas pela colonização e constroem epistemologias decoloniais para refletir sobre o corpo doído de mulheres colonizadas. Gera-se, para tanto, uma escrita de travessia que surge dessa poesia de mulheres pretas, um corpo-abrigo. Desse modo e na contracorrente da colonialidade do poder, ser e especialmente de gênero, o objetivo deste estudo é refletir sobre a poesia negra-feminina de Conceição Evaristo e Ryane Leão como ferramenta ancestral, feminista negra e decolonial que subverte e promove rasuras epistemológicas frente às estruturas coloniais que fraturam e violentam corpos de mulheres negras secularmente. Ainda nessa perspectiva, esta análise está ancorada de forma específica em teorizar sobre o feminismo negro e as contribuições dos estudos decoloniais a partir de vivências plurais de mulheres negras marginalizadas; identificar a Literatura negra-brasileira como quilombo de palavras e construção identitária para dismantelar imagens estereotipadas dentro do cânone por meio de novas epistemes; refletir sobre a escrita feminina negra como travessia na contramão do sexismos, machismos e outras violações estruturantes que circundam esses corpos. Nessa esteira, a metodologia escolhida é a descritiva de caráter bibliográfico e natureza qualitativa na perspectiva da crítica literária interdisciplinar que versem sobre as narrativas tecidas pelas autoras arroladas acima. Parto, nesse sentido de alguns pressupostos teóricos críticos e necessários elaborados por alguns estudiosas/os para refletir acerca os estudos decoloniais, colonialidade/modernidade, desobediência epistêmica a exemplo de Quijano (2002), Mignolo (2017), Maldonado-Torres (2008), Kilomba (2019). A partir do viés feminista negro, decolonial e valho-me dos estudos, de Collins (2016), Carneiro (2019; 2020), Hooks (2018; 2019;), Gonzalez (2020), Lugones (2014; 2020) e outras. Para pensar sobre a poesia negra brasileira, como instrumento de resistência, de ancestralidade negra, alguns embasamentos são importantes como, Evaristo (2005; 2007;2009), Alves (2010), Souza (2017;2019), Martins (2007), Lorde (2019), Sales (2019), Rodrigues (2029) dentre outras/os aqui referenciadas/os com o intuito de empregar os principais embasamentos teóricos para um desenvolvimento de análises mais aprofundadas, para refletir os caminhos literários e a construção feministas decoloniais pelos quais este estudo passeia.

**Palavras-chave:** Poesia negra feminina; Corpos travessia; Feminismo negro; Estudos decoloniais; Mulheres negras.

## ABSTRACT

The Literature produced by black hands is a movement to decolonize writing, to break with prescribed and historical silences. This quilombamento of words transforms language into action (Lorde, 2019), while rewriting a new time to the Brazilian literary tradition. In line with this, black women weave the threads of hope, dreams, resistance when they write about themselves, about the collective, about their pains and joys, especially when they delay in their ancestry to retell new stories. In this sense, black-feminine poetry is an open door to this decolonial and emancipatory walk of black female bodies patched by the excesses of colonial technology. It is on this threshold that we elaborate processes of articulations in ourselves to recreate realities, reverberate possibilities, as highlighted by Audre Lorde (2019), so for black women, poetry is not luxury, it is a tool of survival, resistance. Given the above, this research is based on the lyricism of resistances proposed in the works, *Poems of remembrance and other movements* (2017), by Conceição Evaristo, *I never apologize for spilling*, (2019), by Ryane Leão, works that form the body of this thesis. The writings of both authors elucidate about black feminism orchestrated by women who rise in ways to violations of race, gender and class and, at the same time, live ancestry, memory, religiosity, healing, empowerment, and through this female literature, disarticulate violent structures imposed by colonization and construct decolonial epistemologies to reflect on the sick body of colonized women. It generates, therefore, a writing of crossing that arises from this poetry of black women, a body-shelter. Thus and in the countercurrent of coloniality of power, being and especially gender, the objective of this study is to reflect on the black-feminine poetry of Conceição Evaristo and Ryane Leão as an ancestral tool, a black and decolonial feminist who subverts and promotes epistemological rifts against the colonial structures that fractured and raped the bodies of black women secularly. Still in this perspective, this analysis is anchored specifically in theorizing about black feminism and the contributions of decolonial studies from plural experiences of marginalized black women; identify as a quilombo of words and identity construction to dismantle stereotyped images within the canon through new epistemes; reflect on black female writing as a crossing against sexism, machismo and other structuring violations that surround these bodies. On this track, the chosen methodology is the descriptive bibliographic character and qualitative nature in the perspective of interdisciplinary literary criticism that deal with the narratives woven by the authors listed above. Departure, in this sense of some critical and necessary theoretical assumptions elaborated by some scholars/ them to reflect on the decolonial studies, coloniality/ modernity, epistemic disobedience as example of Quijano (2002), Mignolo (2017), Maldonado-Torres (2008), Kilomba (2019). From the black feminist bias, decolonial and valho-me of studies, by Collins (2016), Carneiro (2019; 2020), Hooks (2018; 2019;), Gonzalez (2020), Lugones (2014; 2020) and others. To think about the Brazilian black poetry, as an instrument of resistance, of black ancestry, some basements are important as, Evaristo (2005; 2007;2009), Alves (2010), Souza (2017;2019), Martins (2007), Lorde (2019), Sales (2019), Rodrigues (2029) among others/ the ones referenced here/ them in order to use the main theoretical foundations for a more in-depth analysis development, to reflect the literary paths and decolonial feminist construction through which this study walks.

**Keywords:** Black-female poetry. Crossing bodies. Black feminism. Decolonial studies. Black women.

## RESUMEN

La literatura producida por manos negras es movimiento de descolonizar la escritura, de romper con silencios prescritos e históricos. Este aquilombamento de palabras transforma el lenguaje en acción, (Lorde, 2019), al mismo tiempo que reescribe un nuevo tiempo a la tradición literaria brasileña. Alineado con eso, las mujeres negras tejen los hilos de esperanza, de sueños, de resistencias cuando escriben sobre sí mismas, sobre el colectivo, sobre sus dolores y alegrías, sobre todo cuando se detienen en sus ancestralidades para contar nuevas historias. En este sentido, la poesía negro-femenina es puerta abierta para ese caminar decolonial y emancipatorio de cuerpos femeninos negros reparados por los desmandos de la tecnología colonial. Es en este umbral que elaboramos procesos de articulaciones en nosotros mismos para recrear realidades, reverberar posibilidades, como destaca Audre Lorde (2019), por eso, para las mujeres negras, la poesía no es lujo, es herramienta de supervivencia, de resistencia. Frente a lo expuesto, esta investigación se basa en el lirismo de resistencias propuesto en las obras, *Poemas de la Memoria* y otros movimientos (2017), de Conceição Evaristo, *Nunca pido disculpas por derramarme*, (2019), de Ryane Leão, obras que forman el cuerpo de esta tesis. Los escritos de ambas autoras elucidan sobre el feminismo negro orquestado por mujeres que se erigen en medios a las violaciones de raza, género y clase y, al mismo tiempo, avivan la ancestralidad, la memoria, la religiosidad, la curación, el empoderamiento, y, a través de esta literatura femenina, desarticulan estructuras violentas impuestas por la colonización y construyen epistemologías decoloniales para reflexionar sobre el cuerpo dolorido de las mujeres colonizadas. Se genera, para tanto, una escritura de travesía que surge de esta poesía de mujeres negras, un cuerpo-refugio. De esta manera y a contracorriente de la colonialidad del poder, del ser y especialmente del género, el objetivo de este estudio es reflexionar sobre la poesía negro-femenina de Conceição Evaristo y Ryane Leão como herramienta ancestral, feminista negra y decolonial que subverte y promueve rastros epistemológicos frente a las estructuras coloniales que fracturan y violan cuerpos de mujeres negras secularmente. También en esta perspectiva, este análisis está anclado específicamente en teorizar sobre el feminismo negro y las contribuciones de los estudios decoloniales a partir de experiencias plurales de mujeres negras marginadas; identificar la literatura negra-la construcción de identidad para dismantelar las imágenes estereotipadas dentro del canon a través de nuevas epistemes; reflexionar sobre la escritura femenina negra como una travesía en contra del sexismo, machismo y otras violaciones estructurantes que rodean estos cuerpos. En esta estela, la metodología elegida es la descriptiva de carácter bibliográfico y naturaleza cualitativa desde la perspectiva de la crítica literaria interdisciplinar que versan sobre las narrativas tejidas por los autores enumerados anteriormente. Parto, en este sentido de algunos presupuestos teóricos críticos y necesarios elaborados por algunos estudiosos/as para reflexionar sobre los estudios decoloniales, colonialidad/modernidad, desobediencia epistémica a ejemplo de Quijano (2002), Mignolo (2017), Maldonado-Torres (2008), Kilomba (2019). Desde el sesgo feminista negro, decolonial y valho-me de los estudios, de Collins (2016), Carneiro (2019; 2020), Hooks (2018; 2019;), Gonzalez (2020), Lugones (2014; 2020) y otros. Para pensar sobre la poesía negra brasileña, como instrumento de resistencia, de ancestralidad negra, algunos fundamentos son importantes como, Evaristo (2005; 2007;2009), Alves (2010), Souza (2017;2019), Martins (2007), Lorde (2019), Sales (2019), Rodrigues (2029) entre otras/las aquí referenciadas/as con el fin de emplear los principales fundamentos teóricos para un desarrollo de análisis más profundo, para reflejar los caminos literarios y la construcción feministas decoloniales por los que este estudio pasea.

**Palabras clave:** Poesía negra-femenina. Cuerpos cruzados. Feminismo negro. Estudios decoloniales. Mujeres negras.

## SUMÁRIO

<b>POÉTICAS DE CHEGADA .....</b>	<b>12</b>
<b>1 LITERATURA NEGRA BRASILEIRA: QUILOMBO DE PALAVRAS NO ENFRENTAMENTO AO SILENCIAMENTO EPISTÊMICO.....</b>	<b>20</b>
1.1 Literatura Negra-brasileira: conceito e multiplicidade de vozes. ....	21
1.2 Epistemologias Decoloniais: termos e reflexões que engendram as lutas e reivindicações por mãos negras. ....	26
1.3 Representação literária de corpos femininos negros: produção de ausências.....	36
1.4 <i>Corpus</i> feminino de emancipação na escrita: mulheres que agigantam vozes .....	40
<b>2 ESTUDOS DECOLONIAIS E FEMINISTAS: CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS E FAZEDURAS QUE DESARTICULAM ESTRUTURAS COLONIAIS DE DOR E MORTE.....</b>	<b>55</b>
2.1 Dororidades: qual a dor da mulher preta?.....	56
2.2 Mulheres negras: lutas para reinvenção do lugar das ausências .....	62
2.3 Feminismo Negro: rupturas interseccionais e produção de rotas de sobrevivência.....	66
2.4 Reflexões Decoloniais: apontamentos teóricos.....	71
2.5 Tecendo fios entre o feminismo decolonial e as lutas de mulheres negras .....	80
<b>3 POESIA NEGRA BRASILEIRA: TRAVESSIAS ANCESTRAIS PARA ENCONTRO DE ÁGUAS LÍRICAS E EMANCIPAÇÃO DE CORPOS FEMININOS NEGROS.....</b>	<b>87</b>
3.1 Poesia evaristiana: reza memorialística ancestral de e para as mulheres pretas .....	88
3.2 Escrita de Ryane Leão: corpo-desabitado de mulheres negras .....	111
3.3 Somos continuidades: confluências ancestrais e literárias nas vozes de Conceição Evaristo e Ryane Leão .....	125
<b>TRAVESSIA É VERBO CONTÍNUO. ....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE 1- ENTREVISTA RYANE LEÃO .....</b>	<b>158</b>

## POÉTICAS DE CHEGADA

Sempre estive rodeada de mulheres negras como esteio importante no alicerce do que me tornei. As mulheres comandam a casa, as relações afetivas, o sustento daqueles que com elas convivem, sobretudo, são elas que movem a vida, mesmo com pernas bambeando dentro de algumas estruturas maçantes e desumanizantes, ordenadas por uma cultura do patriarcado. Construí, para tanto, a simbologia de que somos nós, mulheres pretas, que erguemos cidades por meio da sabedoria ancestral, das rezas, da oralidade, das vivências e sobrevivências, das alegrias que compõem um corpo feminino negro, cuja resistência é uma de nossas marcas de realeza, pois, são as mulheres negras que engenham a magia de mundos inteiros.

Ao escrever, pensar, pesquisar e intuir sobre este objeto, sobre literatura negra feminina, estou sobrescrevendo a mim, no mesmo compasso, atravessada pelas mesmas dores, trançando o lirismo de muitas lágrimas insubmissas que retenho ao ler estas linhas poéticas tecidas e inundadas nos poemas que recordam e nos movimentam por dentro e por fora de Conceição Evaristo e Ryane Leão, ao mesmo tempo que não peço desculpas por me derramar nestas elucubrações.

Assim, ergo esta tese sob a benção das mulheres pretas que constroem espaços de identidade e poeticidades. Edifico este texto para celebrar minhas mais velhas e, ao mesmo, tempo recontar minha história, ressignificando palavras, bordando lirismo que a poesia de mulheres negras, no tecido deste estudo, irá nos proporcionar a partir do plurilugar que a literatura negra brasileira intercruza através de autorias femininas. É sobre este lugar que me coloco nesta pesquisa com navegações e travessias em águas profundas na construção de conhecimento e autopercepção. Também é sobre mim, sobre minha filha Laura para florescer e para continuação de caminhos abertos, porque as revoluções começam em mim, em nós.

Isto posto, é preciso reiterar que a Literatura Negra instaura fraturas importantes na ordem epistêmica de silêncios profundos colocados pela colonização. Nesse sentido, este trabalho parte desse movimento de rompimento que a escrita de mulheres negras propõe, é sobre este arco temporal de caminhos destroçados pelas violências estruturais que este estudo se fundamenta e vale-se da poesia negra brasileira para refletir sobre as várias trajetórias decoloniais que o corpo feminino utiliza para criar novas epistemologias de sobrevivências, de resistências, escritas-travessia para novos contornos, porque “há mundos submersos que só o silêncio da poesia penetra” (Evaristo, 2017,p.124). Desse modo, mulheres negras escrevem sobre aquilo que as fazem ser o que são, escrevem para pertencerem a algum lugar, escrevem no vazio, no lugar-objeto, lugar-outro, mas também trazem essa escrita para reverberar em suas

vivências, sobretudo escrevem para rasurar, para dolorir, recontar, avultar e revoltar. Escritas de inteirezas, de cinzas, de resistências, de navegações e de atravessamento do lugar de dor para poetização de alegrias, emancipação de corpos e mentes, principalmente escrevem para promoverem travessias de si às outras através da poesia, da prosa. Escrevem, porque narrativas são múltiplas e outras quando as contamos a partir do que somos, não do que inventaram sobre nós.

Nessa concepção, esta pesquisa pauta-se em refletir sobre a poesia negra-feminina de Conceição Evaristo e Ryane Leão como ferramenta ancestral, feminista negra e decolonial que subverte e promove rasuras epistemológicas frente às estruturas coloniais que fraturam e violentam corpos de mulheres negras secularmente. Igualmente, serão pensados especificamente acerca do feminismo negro e decolonial a partir de vivências plurais de mulheres negras marginalizadas e, de modo simultâneo, entender sobre a literatura negra feminina como quilombos de palavras e pontes identitárias para desmistificar imagéticos estereotipados dos corpos femininos negros e violências estruturantes que circundam as mulheres pretas. Partindo ainda de alguns pressupostos para refletir sobre a escrita poética como instrumento decolonial e de emancipação desses corpos feridos pela colonização.

Entender, nesse contexto, como o lirismo poético ancestral torna-se travessia para recontar essas mulheres marcadas por violações epistêmicas. Nesse sentido e com o intuito de pensar e construir categorias analíticas que embasem esta tese, a proposição do termo travessia<sup>1</sup> nasce como instrumento teórico e subjetivo para pensar a partir do corpo negro de quem escreve e lê essa poesia, ou seja, refletir sobre essas mulheres feridas e violadas historicamente por mecanismos coloniais com objetivo de silenciar nossas existências. Mulheres que ainda assim vislumbram o esperar dos dias, a suavidade de um tempo bom, a magia e a mansidão no temporal (Leão, 2019) numa realidade de cruezas e destroços, assim são as mulheres que constroem mundos inteiros quando o coração e a mente estão partidos, como sinalizado acima. O termo como categoria de análise, no entanto, não romantiza violências, mas é pensado como ferramenta de sobrevivência, como dispositivo (Carneiro, 2005). Escrita como mecanismo de resistência, desdobramento da linguagem, ainda que colonizada, como estratégia de luta, de escrevivências.

---

<sup>1</sup> O termo travessia também é estudado pelo autor africano, Jean-Godefroy Bidima, (2002), cuja reflexão gira em torno da metáfora do movimento, partilhar sentidos com os outros a partir deslocamentos históricos na diáspora. Atravessar, lembrar e compartilhar memórias. As elucubrações intuídas pelo filósofo não constituem a centralidade da proposta analítica presente neste estudo.

Desse modo, conjecturar o termo travessia como parte da tessitura poética instaura novas epistemologias negras femininas, porque desloca a colonialidade do ser Maldonado-Torres (2008), uma vez que a palavra travessia faz menção ao tráfico de negros e negras, ao exílio forçado, à perda, aqui torna-se uma simbologia de retorno no colo, no abrigo da poesia de mulheres pretas, como afago das dores, como caminhos de volta, na complexidade de pensar a si, reconstruir identidades, humanizar nossos corpos pretos. O corpo-travessia que é bordado na memória e no corpo-escrevivência, na suavidade mineira de Conceição Evaristo. Na composição dessa roda, tem-se ainda a literatura de Ryane Leão que opera como uma poética de autoreparação, corpo-movimento, que não apenas sofre com os atravessamentos históricos, raciais e de gênero, mas que reescreve, que busca na sua centralidade a partir de um gesto de cura. A poesia de ambas as autoras não se configura como um corpo fixo, mas um território que se refaz na travessia que dança entre dores, ancestralidade e humanidade, na polifonia dessas obras.

Nessa gira, me valho da poesia evaristiana com uma reza ancestral de mulheres que tecem o grande véu da existência para pensar e reverberar a si e às outras como canto recíproco de resistências e *escrevivências*. Nesse sentido, este estudo acolhe o seguinte questionamento: De que maneira o lirismo ancestral de Conceição Evaristo reinventa mulheres negras e promove rupturas decoloniais frente às violências epistêmicas? Ainda nessa tessitura de cura, parto da poesia de Ryane Leão como escrita-abrigo de corpos desabitados diante do espelho disruptivo da colonização. Como isso colocado, a segunda pergunta que movimenta esta pesquisa é: a partir de quais ferramentas feministas e decoloniais a escrita de Ryane Leão acolhe esses corpos machucados e estereotipados e faz-se travessia para mulheres pretas? Ainda pretendo responder e refletir no tocante à: como a escrita poética de mulheres negras pode emancipar corpos, mentes feridas pela colonização e elaborar travessias e criar novos imagéticos dentro dessa estrutura de dor? Parto desses pontos de questionamentos embasada na literatura de duas mulheres negras, como já arrolado acima e destaco a importância de escritas pontuadas em arcos temporais diversos e coesos para o alinhamento e análises ao longo desta tese.

Maria da Conceição Evaristo em tons memorialísticos, ancestrais traz à roda a força feminina que pluraliza vozes de mulheres negras e, ao mesmo tempo, politiza essa voz e esse corpo demarcando discurso de um feminismo negro bem definido. Ryane Leão contemporiza essas falas elevando mulheres pretas à autopercepção e reinvenção de uma nova narrativa sobre si mesma.

Nessa esteira, é importante destacar que Conceição Evaristo é um dos nomes mais importantes da literatura contemporânea negra brasileira, compondo, desse modo, ao lado de



outras importantes mulheres literatas como, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Eliana Alves Cruz, Ana Maria Gonçalves<sup>2</sup> e muitas outras nomes nessa grande roda literária numa escrita de engajamento, denúncias, empoderamento feminino, Evaristo, portanto, através das personagens, em sua maioria mulheres negras, amplia vozes antes mazeladas, faz pertencer corpos atravessados pelo racismo, sexismo.

A escrita evaristiana é aclamada e amplamente estudada por ser referência e bem como por oferecer na sua produção em prosa e poética a vida do povo negro, os direitos femininos, saúde, educação, a vida precarizada, sobretudo no que tange às vivências das mulheres negras. A obra de Conceição Evaristo conversa com a realidade por trazer à tona o espelho de uma sociedade na qual as mulheres são a mola que impulsiona a vida dos filhos, dos companheiros, dos seus familiares. Esse movimento decolonial de dar luz ao protagonismo das mulheres pretas faz da literatura evaristiana um importante quilombo onde a *escrevivência*, a pluralidade, a memória, a identidade representam e constroem essa literatura que nos move, nos empodera, especialmente nos abriga em um colo negro afetuoso.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p.30).

É sobre esse pertencer e diante do silenciamento, apagamentos e embranquecimento de vozes negras como as de Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus é relevante destacar a importância de leitoras e leitores, de pesquisadoras (es) que fazem dessas vozes lidas e ouvidas dentro de um cânone eurocentrado. Evaristo compôs doze números dos *Cadernos Negros* intercalando entre publicações de poemas e contos nos anos de 1990 a 2007. O reconhecimento de Maria da Conceição Evaristo acontece primeiramente no exterior, na década de 1990, na roda de autores brancos como João Ulbaldo Ribeiro, Marina Colassanti e seus pares como Miriam Alves, Geni Guimarães e Luiz Silva (Cuti). Evaristo estreia no romance em 2003 quando escreve *Ponciá Vicêncio*. Falando sobre Ponciá, Evaristo descreve:

Por ocasião de uma palestra, iniciei minha fala afirmando que gostava de meus parentes; de alguns mais, de outros menos. Nos primeiros instantes, a audiência se surpreendeu, percebi movimentos tradutores do incômodo que minhas primeiras palavras causaram. A palestrante iria falar sobre familiares? Não! Eu estava me

---

<sup>2</sup> A autora tornou-se recentemente a primeira mulher negra eleita pela Academia Brasileira de Letras, 10 de julho de 2025, eleita com 30 votos. Abre, desse modo, travessias para que outras vozes-mulheres caminhem para esse reconhecimento ancestral no mundo das letras.

referindo a outro tipo de parentesco. Falava das personagens criadas por mim. Minhas crias, portanto, parentes e de primeiro grau. Em meu enlevo por parentes, há uma parenta da qual eu gosto particularmente. Essa é a Ponciá Vicêncio. Entretanto, nem sempre gostei dela. Não foi amor à primeira vista. Aprendi a gostar da moça, de tanto amor que ela provocava nas pessoas. E, quando me chegavam falando de Ponciá Vicêncio, eu parava para escutar e achava sempre um motivo para gostar dela também. Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me a lembrança do doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso (Evaristo, 2017).

O texto inicial da obra de Ponciá Vicêncio corrobora com o que foi discutido neste estudo. Evoco estas palavras para, ratificar que engasgo é nosso, porque partimos do mesmo ponto de subalternidade. Para Yasmin Santos na obra que autobiografa Conceição Evaristo, “Conceição Evaristo: voz insubmissa” (2024), a escrita evaristiana traz um encantamento e mistério inerente à prosa, à poética. Assim define:

*Ponciá Vicêncio* talvez seja a obra-prima de Conceição. Demonstra o domínio da técnica narrativa contemporânea, permeado por uma linguagem poética, e dialoga com outros grandes clássicos da literatura brasileira. Ponciá tem comovido não só o leitorado, mas também parte da academia que, além de adotar a obra em seus concursos, tem convidado a escritora a dar palestras e conferências sobre o romance (Santos, 2024, p.89).

As obras de Conceição Evaristo discorrem sobre as vivências negras sobremaneira, no embalo encantado, a autora percorre memórias de corpo, de afeto para as escrevivências negras. Fita nossos olhos para a infância, para nossas avós, nossas ancestrais. Ao escrever, Evaristo entrança e destrança as nossas subjetividades quando conflui por um tempo genuíno de dores, resistência com elementos mágicos do realismo negro. Assim, Evaristo tece com fios de ancestralidade, corporeidade e denúncia a literatura negra brasileira na contemporaneidade.

Suas obras compreendem romances, contos, poemas, artigos, ensaios, antologias, prefácios, entrevistas. Aqui destaco obras literárias, a saber, *Becos da memória* (2006), romance que conta a favela como espaço coletivo memorialístico; *Histórias de leves enganos e parecenças* (2022), obra que explora as linhas entre ficção e realismo mágico, encantamento, religiosidade, identidade; *Canção para ninar menino grande* (2022), aborda a construção da masculinidade negra, as nuances identitárias dos homens negros e as relações com as mulheres no romance. *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), são contos que desenham mulheres negras atravessadas por diversas violências, mas que resistem e contam suas histórias de dor, de amor. Na obra Evaristo traz a oralidade e o encontro do eu dessas vozes femininas como a centralidade e feitura de sua escrita. *Olhos d'água* (2014), reunião de contos com temas voltados para o racismo estrutural, infância negra, cotidiano negro, solidão da mulher negra.

*Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), o centro desta pesquisa, cujos temas permeiam dor, memória, corpo, escrita como travessias e afago. Desse modo, Maria da Conceição Evaristo vai desenhando sobre nosso corpo-memória, fortalecendo nossas alianças com ancestralidade, com a história silenciada.

Hoje Conceição Evaristo é premiada e personalidade literária no cenário nacional e ainda que tardia, em 08 de março de 2024 tornou-se a primeira mulher negra a tomar posse na Academia Mineira de Letras, instituição com 115 anos, “o chão mineiro de palavras mais se expande se suas sementes são diversificadas em suas origens”, disse (Evaristo, 2024). A posse de Maria da Conceição Evaristo nascida na favela Pindura Saia, Belo Horizonte (MG) na academia marca a chegada de uma mulher negra no chão canônico, soberanamente branco e eurocêntrico. Faz-se, portanto, caminhos de volta, revolução. No discurso de posse assevera: “Estar aqui é sonhar um futuro para que as novas gerações possam estar aqui também... é sonhar um futuro não só para crianças negras... acredito muito que uma geração futura possa criar outras formas de relações sociais, outros modos de pensar o Brasil ” (Evaristo, 2024).

A autora ainda conta com prêmios importantes da literatura no Brasil como, Jabuti, em 2019 e Juca Pato de intelectual do ano, em 2023, o que demonstra que as vozes negras aquilombam-se e agigantam-se prenhes de esperança e com a certeza que espaços eurocentrados, masculinos e brancos sejam pulverizados, decolonizados.

No ciclo de continuidades e de apontamentos no que se refere a escrita feminina negra decolonial que movimenta o cânone literário brasileiro, a autora que também compõe este estudo, Ryane Leão traz no bojo de suas obras uma escrita marcadamente contemporânea com traços de uma linguagem rápida, característica dos *slams*, lambes-lambes e das redes sociais, aspectos linguísticos que aproxima o texto poético dos usuários digitais, tendência à brevidade, sendo notável o alcance de suas poesias em plataformas digitais, especialmente *Instagram*.

Nesse contexto, é importante destacar que a autora tem uma escrita atuante nos espaços virtuais de comunicação dando novas formas e produzindo sentidos à poesia e recepção dessa produção literária por meio de cartazes e publicações com temáticas voltadas ao público feminino negro como uma maneira de reorganizar a si, as emoções, sobretudo visibilizando as pautas feministas. Nessa troca de busca de si e do outro como um encontro recíproco de atravessamentos, Ryane Leão convoca mulheres silenciadas a encontrar vozes, ampliar discursos num coletivo feminino negro de pertencimento, resistência, de abrigo através da palavra-corporificada. “Eu acho que cada poema, cada escrita que a gente vai lendo de uma

mulher negra vai preenchendo esse espelho que não é só distorcido, mas também é quebrado. Às vezes foi a gente que quebrou, às vezes foi o mundo” (Leão, 2024, p.2)<sup>3</sup>.

Ryane Leão é nascida em Cuiabá, Mato grosso, reside atualmente em São Paulo, professora, ativista. Em 2008 começou a divulgar seus textos em lambe-lambes<sup>4</sup>, que são cartazes colados em espaços públicos, em blogs, saraus, *slams* e nas redes sociais no perfil @onde jaz meu coração. Ryane Leão centraliza sua poética em microtextos, verso livre, moderno, mas sem rigidez formal. Os textos curtos caracterizam e intensificam o impacto emocional, o fluxo da fala e facilitam a circulação digital, assim como nos lambe-lambes e murais. A escrita de Leão traz a oralidade e a coloquialidade como marcas da fala feminina, negra e periférica, cujas expressões imperativas aproxima a poesia dos leitores.

Sempre que falo da minha trajetória, eu falo que saraus e os *slams*, especialmente os *slams* das minas, São Paulo me mostraram que eu também posso, eu também vou e mais do que isso construir a minha voz, a forma que eu me coloco, a forma que a palavra dança com o corpo. Foi essencial. O Lambe-lambe surge no momento que me mudo para São Paulo e é muito solitário, foi pouquinho antes de conhecer os saraus e eu saio com o caderninho anotando tudo que eu leio. Os muros me ajudaram muito, os artistas de rua me ajudaram muito. Eu até tenho uma tatuagem no pulso que são aspas, porque eu li no muro tudo posso entre aspas e não época eu tatuei para tudo poder também. Então eu estava bem sem grana, trabalhava numa rede de lanchonete e foi aí que eu pensei que tipo de arte que eu posso fazer para ser acessível e foi aí que eu pensei vou fazer lambe e foi aí que construir a maior rede de leitores até hoje, mais que até na rede social. Foi na rua, 5 anos colando poesia na rua (Leão, 2024, p.2).

Ryane Leão é cofundadora da *Odara- English School for Black Girls*, escola de inglês para mulheres negras. Também ministra oficinas de escrita criativa estimulando autoestima, cura, fortalecimento coletivo para mulheres. A coletânea de poemas da autora aborda acerca do empoderamento feminino, identidade, racismo, cura, autoreparação. Tornou-se best-seller com a obra *Tudo nela brilha e queima*, publicada em 2017. Em 2019 lança *Jamais peço desculpas por derramar*, poemas estudados nesta tese, cujos versos intensos diz sobre renascimento, lutas, olhar para si, reafirmando a existência feminina. *Ninguém pode parar uma mulher ventania* (2025), é uma obra lançada recentemente, dividida em três partes e ilustrada que cerceia temas como transformação, espiritualidade.

As pesquisas que se debruçam sobre a literatura de Ryane Leão são, em sua maioria, voltadas para análise do discurso, poesia digital, *instapoemas*, *insta-poems*, *insta-poets*,

<sup>3</sup> Trecho da entrevista concedida à esta tese pela autora Ryane Leão, em 10/09/2024.

<sup>4</sup> Originalmente, os lambe-lambes são cartazes colados nos muros das cidades com colas à base de água/ cola lambida. São intervenções artísticas e urbanas, sobretudo nas literaturas periféricas e dos movimentos sociais, ou seja, são recursos linguísticos que se valem da linguagem visual e verbal para comunicar ideias, denúncias, afeto e subjetividades.

recepção. Somam-se a isso as que se voltam para pensar essa escrita numa perspectiva feminista construindo elo comparativos com outras autoras brasileiras estrangeiras no sentido de refletir sobre identidade, representação de corpos femininos. Percebe-se, para tanto, que a poesia de Ryane Leão ainda é pouco ou ainda não está sendo estudada na perspectiva decolonial ou como um movimento de empoderamento feminino, autoconhecimento. Com base nessas constatações, esta tese pretende, dentre outros objetivos, aprofundar e refletir de maneira profícua sobre esses corpos femininos negros que a escrita da autora cuiabana reivindica em seus textos, assim como faz Conceição Evaristo.

Nesse sentido, a pesquisa vale-se da revisão bibliográfica como recurso metodológico na perspectiva da crítica literária e interdisciplinar. Dito isto, este estudo é relevante por trazer ao centro a poesia negra feminina de autoras que constroem novas epistemes no contrafluxo de uma literatura canônica, hétero e branca e, de igual modo, promove novos caminhos de debates sobre as mulheres negras e além de refletir sobre a cultura, arte, olhares negros e pulverizar espaços acadêmicos, literários por mãos negras, especialmente femininas. Assim faço este texto em oferta às mulheres que me permitiram estar aqui. Ofereço esta dança às mulheres negras que estão em mim, que se refazem, às que são revolução cotidiana. Eu danço e deságua em vocês. A nós!

## 1 LITERATURA NEGRA BRASILEIRA: QUILOMBO DE PALAVRAS NO ENFRENTAMENTO AO SILENCIAMENTO EPISTÊMICO.

*Ao escrever a vida  
no tubo de ensaio da partida  
esmaecida nadando,  
há neste inútil movimento  
a enganosa-esperança  
de lançar o tempo  
e afagar o eterno.*

(Evaristo,2017).

A literatura é movimento e para tanto deve acompanhar as transformações sociais, culturais, étnicas, estéticas, assim, elaborar intervenções no cotidiano de modo a recriá-lo, descrevê-lo, é, sobretudo uma possibilidade de enxergar e imaginar outros mundos. Literatura é casa, abriga quem precisa olhar diferente para as mesmas realidades. É um constante deslocar-se, é assumir vozes para enunciar-se. Partindo dessa reflexão, inicio este capítulo valendo-me de reflexões teóricas sobre a produção literária brasileira que historicamente construiu ausências para escritoras negras e negros, instrumentalizado por uma cultura com raízes sistêmicas no racismo, sexismo e outras formas de opressão que edificam e ditam paradigmas privilegiados. E é sobre essas lacunas históricas, sociais e literárias que este capítulo se debruçará com objetivo de propor olhares críticos para refletirmos sobre a construção de um imaginário branco e masculino e eleger contranarrativas decoloniais que demarcam esse espaço como legítimo dentro da Literatura Brasileira para vozes discursivas e audíveis de negras e negros.

De modo igual, ainda este estudo destaca algumas epistemes que foram elaboradas com objetivo de trazer ao centro conceitos decoloniais que promovem reflexões profícuas sobre movimentos decoloniais que resistem aos processos opressores. Nesse sentido, alguns termos são tomados por esta pesquisa para fins de contextualização e aprofundamento do objeto de estudo. No centro desses debates, também será discutido sobre a infantilização de vozes negras, o encobrimento do Outro a partir da construção de imagéticos estereotipados da mulher negra na literatura instaurando, nesse sentido, violações epistêmicas ao longo dos séculos e como isso

reverbera no modo como a tradição literária enxerga esses corpos e quais caminhos decoloniais e literários permitem novas epistemologias na representação literária desse *corpus*.

No subcapítulo subsequente, discute-se a escrita de mulheres negras como um processo pedagógico e decolonial de emancipação dessas vozes, ou seja, mulheres pretas que se erguem para além da violência sistêmica e estrutural do racismo, sexismo para, por meio da escrita, agigantar vozes. Saem da condição de objeto para sujeito das vivências, dos discursos, valendo-se da linguagem como instrumento de ação para transformação de realidades cruéis de silenciamento e apagamento epistêmico. Assim, alguns nomes serão elevados nesta pesquisa como objetivo de mostrar sobre o trabalho de aberturas de caminhos literários que nossas mais velhas fizeram mesmo em contextos opressivos e sem esperança. Mulheres negras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Miriam Alves, vozes que continuamente repetem sobre a urgência da promoção de novos olhares.

Evoco essas mulheres pretas, porque estas corporificam poeticamente suas narrativas, e, igualmente, por entender a importância de pedir a benção para essas ancestrais e finalmente para então dizer: há caminhos, é preciso, então (re)escrever a vida.

### **1.1 Literatura Negra-brasileira: conceito e multiplicidade de vozes.**

No decurso da nossa trajetória escolar, acadêmica e como professoras e professores de literatura é notável a omissão no que diz respeito aos autores negros e autoras negras e suas produções, ou seja, vozes e escritos não eram e hoje ainda em menor escala, lidos e selecionados para que chegassem nas prateleiras, nos livros didáticos ou em mãos de leitores assíduos, comprovando o apagamento secular desse *corpus*. Há nesse fato um dado sobre a afasia que atravessa a literatura brasileira, processo histórico e social importante para refletirmos como a produção de autoria negra tem insurgido e promovido palavras pulsantes e resistentes frente ao apagamento e silenciamento desses sujeitos.

Para o teórico, romancista e professor da UFMG, Eduardo de Assis Duarte (2010), a Literatura Afro-brasileira tem ampliado seu *corpus* na poesia e na prosa. Nas palavras de Duarte (2010, p. 113), “enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita”, valendo-se de mecanismos discursivos e identitários acerca de temas sobre as vivências de pessoas negras, pluralizam-se, dessa forma, os debates e pertencimentos aliados a uma etnicidade legítima nas letras e importante para a sociedade de modo geral. “Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe

como é múltipla e diversa” (Duarte, 2010, p.113). Nessa esteira, a poeta e intelectual negra, Conceição Evaristo (2009, p.18) sobreleva que tanto existe uma Literatura afro-brasileira quanto uma vertente elaborada a partir de vivências femininas.

Começo este subcapítulo, ampliando, nesse contexto, as discussões propostas e justificativas de escolhas eleitas por este estudo, desse modo trago à roda de análises, pressupostos teóricos no que se refere à nomenclatura Literatura Afro-brasileira, Literatura Negra-brasileira para fins de escurecimento no tocante aos caminhos trilhados por esta tese. É costumaz a discussão no que tange ao termo mais adequado a ser usado para arte de palavras produzida por negros e negras no Brasil. Para Eduardo de Assis Duarte (2010), o termo afro-brasileiro reporta-se ao processo de mistura cultural em curso no Brasil historicamente desde a chegada dos africanos e africanas. Seria uma literatura híbrida nos aspectos étnicos, linguísticos, religiosos e culturais. O autor caracteriza, nesse sentido, como uma forma mais “elástica e mais produtiva” do sujeito negro. Dessa maneira afirma que, a escritura afro-brasileira é constituinte de uma “tradição fraturada”, traço ínsito de países colonizados.<sup>5</sup>

Na contramão, Luiz Silva (Cuti), intelectual, escritor e iniciador dos Cadernos Negros, argumenta que adotar o prefixo afro seria então negar o papel que é inerente no âmbito da literatura brasileira. “É como se só a produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil” (Cuti, 2010, p. 34). O autor, assim, sublinha que admitir o termo afro-brasileiro seria priorizar uma literatura mesclada, apêndice da africana. E ratifica ainda que seria uma maneira de desqualificar a produção negra baseada em hierarquizações culturais e linguísticas e, de modo igual, não questionar a realidade do Brasil. “Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global com roupagem de um novo tráfico, agora de livros” (Cuti, 2010, p. 35). Alinhado a isso, a pesquisadora e professora da (UFBA), Fernanda Rodrigues de Miranda em sua tese *Corpo de romances de Autoras Negras Brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada* (2019) acrescenta que:

Como ideia, a literatura negra congrega uma potência irredutível de ruptura, porque mescla em um sintagma dois nominativos que a racionalidade eurocêntrica não concebe em paralelo: como foi dito por inúmeros pensadores negros e antirracistas, diferente do que acontece com “música negra”, “arte negra”, “dança negra”, etc., a literatura negra causa incômodo e reação, porque deliberadamente posiciona o negro como sujeito da escrita (Miranda, 2019, p. 13).

---

<sup>5</sup> “O conceito de Literatura Afro-Brasileira associa-se à existência, no Brasil, de uma articulação entre textos dada por um modo negro de ver e sentir o mundo, pelo desejo de resgatar uma memória negra esquecida” (Bernd, 2011, p. 405).



Fica evidente que são diversos os termos para nomear essa escritura demonstrando sua fazedura dinâmica. Literatura afro-brasileira, afrodescendente, negro-brasileira, literatura negra, todos coabitam um conceito em construção. Para Miriam Alves em seu trabalho “BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea” (2010), a literatura afro-brasileira ainda é um terreno de “polêmicas conceituais” e faz a seguinte explanação:

Pode ser um conceito em construção academicista, mas consiste numa prática existencial para os seus produtores, que ressignifica a palavra negro, retirando-a de sua conotação negativa, construída desde os tempos coloniais, e que permanece até hoje, para fazê-la significar autorreconhecimento da própria identidade e pertencimento etnicorracial. Coloca em discussão a formação da identidade brasileira e desnuda o mito da democracia racial (Alves, 2010, p. 42).

Na gira desses apontamentos diversos, este estudo tomará o termos Literatura negra brasileira e Poesia negra brasileira como aporte de análises também por saber que ambas metaforizam a dimensão social e histórica do povo negro, igualmente por refletir acerca do nome negro com o objetivo de reverenciar a produção de negras e negros no cenário literário brasileiro e desmistificar estereótipos associados à palavra, igualmente refletir sobre o hibridismo que esta representa em relação as características linguísticas, religiosas como uma marca ancestral de apropriar-se de memórias fraturadas por todo um contexto de invasões e violências coloniais. Assim, como alvitra a intelectual negra e poeta Livia Natália (2020, p. 211), “a afirmação positivada da negritude é algo não programado pelo pensamento colonial”, nesse viés, é válido enegrecer politicamente este texto com fala negras, traços negroides e lugares pretos socialmente legítimos dentro das letras.

A literatura negra brasileira causa rupturas na estrutura epistêmica de pensar o mundo, de fazer arte, desse modo, Fernanda Rodrigues de Miranda (2019) sobreleva ainda que:

A ideia de uma literatura negra instaura a fratura fundamental, que realinha a ordem epistêmica ao suspender o silenciamento sobre o qual essa ordem se sustenta, mantendo a voz do negro “em fechados futuros, /furiosos silêncios” (Miranda, 2019, p. 13).

Nessa baila de rupturas, a literatura negra reconfigura a ordem sistêmica que aprisiona e reprime vozes em terminologias, na contramão disso e como um movimento ideológico, a literatura negra apresenta uma textualidade discursiva ampla em seu *corpus*, apresentado ao longo deste estudo.

É preciso dizer, portanto, que a Literatura negra brasileira se constitui não somente a partir da cor da pele, “epidermização”, embora importante para a tradução do texto, mas para além disso, é importante grifar, que o *lôcus* de enunciação se eleva nessa construção discursiva,

ou seja, o ser que fala, o lugar de potência política e reparação histórica que se estabelece a partir desse ambiente linguístico e dessa voz que se agiganta e se multiplica toda vez que alguém a lê.

A literatura negra parte, nesse sentido, de um sujeito étnico que enuncia através de seus textos as dores, as alegrias do tornar-se negro, cuja amplificação da fala é histórica, uma vez que insubordina uma cultura de infantilização de vozes negras. Autorizada a fala, essa autora negra e o autor negro exibem seu posicionamento na escrita no fluxo oposto de uma literatura hegemônica que nega a humanidade desses sujeitos. Assim, temas como, memórias soterradas de nossos mais velhos, religiosidade, ancestralidade, racismo, preconceitos, sexualidade e outros que além de assuntos dolorosos, são gestados por essa escrita marcadamente negra que reatualiza as subjetividades e elegem temáticas que fazem parte do nosso cotidiano.<sup>6</sup>

Sobre isso, Cuti (2010) destaca:

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o lugar de onde fala (Cuti, 2010, p. 25).

A reverberação disso na prática da escrita demarca e reivindica dentro da literatura negra brasileira a construção de identidade, o revolver de memórias ancestrais abruptamente apagadas da história, ao mesmo tempo, a retomada de lugar de sujeito, não mais como o objeto-outro colonizado. Nesse sentido, Miriam Alves (2010) chama atenção mais uma vez e enfatiza que:

A Literatura afro-brasileira funciona como um catalisador de histórias as quais transforma em registro ficcional e poético para transmiti-las não só como anais de fatos, mas, sobretudo, como grafia de emoções perpetuando, no ato da escrita, o resgate do passado, o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao esquecimento ou ao segundo plano da historiografia, inclusive das artes literárias (Alves, 2010, p. 44).

Como protagonistas de suas histórias, autoras e autores negros tomam para si vozes e, assim, re-escrevem suas vivências assentando lugares de enunciação legítima elevando-se, criando espaços decoloniais. Desse modo, afirma a intelectual negra e professora da UFBA, Florentina da Silva Souza, no estudo sobre os *Cadernos negros* (2006), “na literatura que se

---

<sup>6</sup> Na minha experiência de produtora de literatura e militante negra, percebo que esses temas recorrentes levantados se aplicam basicamente às obras dos autores afrodescendentes de forma geral, se quer generalizar ou encarcerar em categorias que podem impedir a apreciação de outras possibilidades, atentando para épocas distintas, para especificidades de estilo e experiências cognitivas. Isso porque, além das emoções humanas e percepções que geram a arte da escritura para os afrodispóricos, existe, também, outro ingrediente: a dura realidade das discriminações, segregações e preconceitos que elencam um número de sensações experimentadas e expressas de forma única. Nas palavras que um dia ouvi do poeta Cuti: “Só a um negro é dado sentir e entender o que é ser um negro” (Alves, 2010, p. 43).

define como negra, os personagens negros são sujeitos e não objetos ou personagens secundários” (Souza, 2006, p. 111).

Com uma escrita no contrafluxo do cânone, autoras e autores negros tecem o fio literário e nos emprestam, enquanto leitoras(es) uma vasta produção, cuja centralidade dessa escritura também elege a raça como tema, mas não só. Sobre a amplitude literária negra, volto a Fernanda Rodrigues de Miranda (2019) por achar cabível a seguinte reflexão:

Mas talvez seja preciso considerar que classificar esta autoria a partir da forma como nela se plasma a “questão racial”, sinalizando tanto negro como tema quanto temas do autor negro, pode constituir uma maneira limitada de pensar a dimensão da racialidade na história, na política, na sociabilidade e nas culturas brasileiras. Pois raça, tanto na série literária quanto na série social, é também uma via para pensar as cidades, os silêncios, a constituição nacional, a modernidade, a melancolia, o gênero e a sexualidade, o território, a economia, etc. O humor e o lazer, por exemplo, o afeto, as facetas, o contemporâneo, o erótico, o poder, a geopolítica, as fraturas subjetivas, a tecnologia, a medicina, os biomas, o surreal, o drama, a infância, adolescência e velhice, etc., compõe a textualidade de autores negros sem serem considerados, a priori, partes de edifício enunciativo em que espera-se encontrar voz negra, marcada previamente por temas constitutivos (Miranda, 2019, p. 16-17).

A teórica deixa em evidência que as temáticas que norteiam e fazem dessa escritura genuinamente negra estão centradas na abrangência como esses textos alcançam seu público e os envolvem e não somente na epiderme de quem a escreve. Nesse sentido, existem diversos estudiosos como Eduardo de Assis Duarte que elencam as temáticas que caracterizam esse fazer literário como negro. Segundo Duarte em seu livro “Machado de Assis Afrodescendente: escrita de marujo” (2007) destaca os seguintes pontos:

Em primeiro lugar, a temática: o negro é o tema principal da literatura negra, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas como universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre dessa literatura (1988:54). Em segundo lugar, a autoria. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afrobrasileiro, e, neste caso, há que se atentar para abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja o ponto de vista. Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva, e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Um quarto componente, situa-se no âmbito da linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos, e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas num processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um público leitor afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. “Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro Brasileira, mas sim a sua interação” (Duarte, 2007, grifo meu).

Ambos os teóricos acima mencionados, nos ajudam a pensar que a Literatura Negra brasileira em sua grandiosidade e que esta passeia por temas que movem a sociedade e que não cabem rótulos ou conceitos que minimizem essa arte. Duarte (2007) destaca ainda que os componentes citados por ele não caracterizam essa literatura quando analisados isoladamente, mas sim numa cadeia discursiva, dialógica, uma vez que literatura é deslocamento e a escrita não pode ser vista como algo inerte. Miranda (2019), nessa esteira, sublinha, de modo simultâneo, que autores brancos por uma questão de “posicionalidade” que define ambos na estrutura social, epistêmica e histórica não podem compor o mesmo tecido textual, porém reafirma que autoras e autores negros podem e extrapolam a questão racial quando o texto, a intencionalidade assim desejar.

São inúmeras as discussões acerca da existência dessa literatura, do seu conceito e sua intencionalidade. Reafirmo neste estudo, amparada por vozes já supracitadas, que essa literatura é viva. Me valho novamente das palavras de Miranda (2019, p. 28), “superamos a fase de provar a existência desta literatura, pois quem duvida, sofre de cegueira”. Para tanto é mister sublinhar que, a Literatura negra brasileira é legítima e crítica, por um viés político, social, cultural e artístico, o vácuo epistêmico de apagamento desses saberes e vozes subalternas, sobretudo quando este sujeito que escreve é mulher. Nesse contexto e como nos inquieta Glória Anzaldúa (2000), intelectual feminista norte-americana quando afirma que, “não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas” (Anzaldúa, 2000, p. 235).

Na esteira dessa prece, cuja provocação nos propõe liberdade, autonomia da escrita, do corpo, reiteramos, é preciso falar sobre aquilo que nos oprime, nos violenta, para promoção de caminhos possíveis e decoloniais. Nessa perspectiva, sabemos que a intelectualidade negra vem produzindo insurgências para pensar a (re)existência, elucubrações para projetar trajetos epistemológicos de lutas.

## **1.2 Epistemologias Decoloniais: termos e reflexões que engendram as lutas e reivindicações por mãos negras.**

Na feitura de tranças decoloniais as quais este estudo se debruça, esse subcapítulo traz à gira alguns apontamentos no que tange às epistemologias e discussões acerca de termos que foram elaboradas e cunhadas por mãos negras para teorizar, propor reflexões e resistir aos processos históricos, coloniais que violentam e oprimem nossos corpos negros. Nesse sentido, alguns conceitos, categorias e levantes aparecem em destaque com intuito de sobrelevar esses

movimentos decoloniais que fortalecem as lutas diárias pela visibilidade e acesso a vieses iguais e ainda por ser um dos objetivos deste estudo, o de realçar perspectivas, trocas e construções identitárias, literárias de vozes negras, especialmente por meio de falas e escritas femininas e, de modo igual, valer-se desses termos para ajudar a costurar o engendramento desta pesquisa.

*Quilombos/quilombismo/aquilombamento (de vozes, de palavras).* Nesse contexto de elaboração de novas epistemologias e refazer caminhos de debates inteiros e profícuos sobre as demandas dos povos negros, é preciso sublinhar que os quilombos, enquanto organizações tradicionais, políticas e identitárias desmistificaram imaginários sobre as reivindicações negras como apenas movimentações de fugas isoladas, já que estas foram impulsionadas pela urgência de resistir a violações, como destaca a historiadora Beatriz Nascimento (2021). Na contramão desses discursos e práticas eivadas de preconceitos, assentaram-se como autênticos símbolos de resistências e, sobretudo o rompimento de um imaginário social de passividade, infringiram, simultaneamente com a ideia de liberdade romantizada pela historiografia por parte dos povos pretos.

Os quilombos são grupos de combate e exemplo de que a sociedade pode alinhar-se com coerência respeitando as diversidades. Beatriz Nascimento (2021) reitera que, os quilombos são como um embrião que instiga mudanças sociais. Assim, sublinha que, “o quilombo pode ser uma atividade dos negros para se conservarem no sentido histórico e de sobrevivência grupal, e que ele se apresenta como assentamento social e organização que criam uma nova ordem interna e estrutural” (Nascimento, 2021, p. 124).

Para o ativista do Movimento Negro Unificado (MNU), fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), poeta, dramaturgo, Abdias do Nascimento em sua obra “O Quilombismo: documento de militância pan-africanista” (2002), destaca que a estrutura do quilombo é ideológica e política de resistência. Afirma e corrobora com a autora mencionada acima que:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos confirmam esta colocação (Nascimento, 2002, p. 348).

Nesse movimento de romper estereótipos, legitimar as lutas do povo preto, Abdias Nascimento teorizou e cunhou o termo *quilombismo* como um conceito assim definido como científico histórico-social, uma reinvenção de simbologias de resistências afro-brasileiras, enquanto práticas e organização de sociedade. “Deve-se assim compreender a subordinação do quilombismo ao conceito que define o ser humano como seu objeto e sujeito científico, dentro

de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre vias do conhecimento” (Nascimento, 2002, p. 350). O autor reitera que esse é um caminho científico contrário às avenidas de opressões e violências sofridas pelo colonialismo, racismo. É sobre reconstruir rotas instrumentalizadas por ideias conceituais coletivas afro-brasileiras.

A partir dessas considerações, este estudo entende que epistemologias elencadas por intelectuais negros e negras traçam caminhos de lutas, cujos desdobramentos reverberam nas vivências e experiências em todas os âmbitos. Na literatura esses deslocamentos se asseveram à medida em que os reflexos de lutas também são partilhados por autoras e autores negros, que em meio à inviabilização, às visões estereotipadas e as diversas violências aquilombam-se em prol dos nós, enquanto grupo em defesa da intelectualidade, da ciência, da arte. O aquilombamento de palavras e de ações reverberam e legitimam nossas existências, nos devolvem lugares de protagonismos. Nesse deslocamento de criar novos contornos para resistir a uma literatura hegemônica e violência epistêmica é que espaços literários e políticos são elaborados como, o *do Movimento Negro Unificado* (MNU).

Nos anos 1970<sup>7</sup>, consolidava-se, desse modo, a resistência negra no teatro, na política, na arte, na academia, cujo processo reverberava na literatura. Amparados por esse desejo de solmizar o grito político é que historicamente o povo negro tem se dedicado às lutas por um tempo de igualdade étnica, social, cultural, artística. Nessa perspectiva, as confrarias, os quilombos, as organizações religiosas, os movimentos sociais negros se voltam com pautas contra a escravidão, as discriminações raciais, religiosas, acadêmicas com posicionamentos e erguendo bandeiras de vozes coletivas para que mudanças e políticas públicas alcançassem as pessoas negras, principalmente contribuindo para o rompimento de imagens e discursos estereotipados no que tange à pessoa negra e suas tradições.

Na construção de um nós, o movimento negro levanta-se promovendo debates à despeito de uma formação identitária negra para que olhares e transformações estruturais pudessem ocorrer para nossa gente preta. Assim descreve Lélia Gonzalez (2020), “o MNU combina problemas de raça e classe como foco de sua preocupação” (Gonzalez, 2020, p. 113). Acerca disso, explica Miriam Alves (2010):

A militância negra antirracista, com delineamento e orientação explicitamente política, emergiu na segunda metade da década de 1970, quando o Movimento Negro começa a se reestruturar, em algumas das principais cidades brasileiras, certamente

---

<sup>7</sup> Uma boa parte dos autores arrolados no site Literafro, da fase contemporânea da literatura Afrobrasileira, principalmente após a década de 1970, tem em comum a atuação ou contato com a efervescência das reivindicações e luta contra a discriminação racial encampada pelo que se acostuma a chamar genericamente de Movimento Negro, ou MNU (ALVES, 2010, p.12).

inspirado nas lutas dos direitos civis dos Estados Unidos e nas lutas pela independência dos países africanos, então colônias dos países europeus (Alves, 2010, p. 36).

À luz de necessidades urgentes e tendo como símbolo de lutas, resistência o líder dos Palmares, Zumbi, o que para a historiadora negra Beatriz Nascimento (2021), representa a figura do herói e “civilizador de uma cultura negra, atraem outras codificações que não as já estereotipadas pela tradição e pela história” (Nascimento, 2021, p. 217). O MNU<sup>8</sup> se desenvolveu nas capitais do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e outras cidades em meio ao contexto histórico das perseguições da ditadura militar e repressões policiais.

O MNU realizava assembleias, seminários, encontros estaduais e municipais onde intelectuais e ativistas negros reúnem-se para desnudar e denunciar opressões, explorações, violências policiais, econômicas e, desse modo, promover emancipação do povo negro, esse é o objetivo principal desse movimento, importante responsável para as mudanças que enxergamos na atualidade, assim acrescenta umas das mulheres intelectuais a frente dessas lutas, Lélia Gonzalez (2020):

O MNU se define como um movimento político de reivindicações sem distinção de raça, sexo, educação, crença política ou religiosa e sem fins lucrativos. Seu objetivo é a mobilização e organização da população negra brasileira em sua luta pela emancipação política, social, econômica e cultural, que tem sido obstada pelo preconceito racial e suas práticas. Ao mesmo tempo, o MNU também se propõe denunciar as diferentes formas de opressão e exploração do povo brasileiro como um todo. Tendo como ponto de partida seu programa de ação, tenta articular os problemas específicos dos negros com problemas gerais do povo brasileiro (Gonzalez, 2020, p.119).

Diante do exposto, fica evidenciado a relevância dos movimentos e organizações negras no que concerne às resoluções, manifestos e contribuições arroladas por mãos negras em benefício da população preta. Saliento, ainda sobre o papel importante das mulheres negras em “dupla militância”, como caracteriza Lélia Gonzalez, que foram frentes cruciais para que se consolidassem direitos femininos fundamentais das quais pautas feministas negras se alimentam na contemporaneidade, tais como as denúncias acerca do machismo pelos seus companheiros negros ou não, assim, o MNU chama atenção para as necessidades dessas mulheres invisibilizadas pelas políticas públicas.

---

<sup>8</sup> Segundo Lélia Gonzalez (2020), dois eventos violentos e históricos marcaram e impulsionaram a criação do até então Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MUCDR) e que mais tarde passou a ser chamado de Movimento Unificado (MNU), a tortura e o assassinato por policiais do operário Robson Silveira da Luz e a expulsão em virtude da cor de quatro adolescentes do time de vôlei, em São Paulo, o que culminou em revoltas e protestos por organizações negras.

O protagonismo de mulheres negras e as discussões do feminismo negro ganharam destaque nos debates centrais do MNU contra o racismo, sexismo e são temas dos quais se ocupam o MNU até os dias de hoje. Mulheres negras como Beatriz Nascimento, historiadora e ativista importante para este país (MNU - Rio de Janeiro); Lélia Gonzalez, antropóloga, professora e uma das fundadoras do MNU, voz ativa no feminismo negro e fundadora do *Nzinga* – Coletivo de Mulheres Negras com objetivo de trazer à baila e discutir temas raciais; Luiza Bairros (MNU-BA), intelectual e ativista com debates voltados para relações de gênero, igualdade entre raças; Miriam Alves, escritora e ativista que discute através da literatura insurgente e decolonial temáticas que atravessam corpos femininos negros, assim como tantos outros nomes de mulheres que insubordinam e lutam contra as discriminações de gênero, raça, classe, sexualidade e elegeram e elegem pautas relevantes para as mulheres pretas.

Na gira, também está Conceição Evaristo, destaque neste estudo, atuante movimento negro, demarcando em suas obras o caráter político e coletivo. Nesse sentido, Yasmin Santos (2024), enfatiza que:

As obras da autora, além de posicionar a escrita de Conceição num histórico de emergência dos movimentos negros, que “são pedagógicos no sentido em que mostram a inutilidade- ao menos para negro- de brancos escreverem sobre negros, as obras de Conceição seriam então o outro mundo negro do povo” (Santos, 2024, p. 53).

Mulheres posicionadas em movimentos em prol da coletividade são porta-vozes de pautas importantes às bandeiras femininas, sobretudo são mulheres que enxergam a si como vozes potentes e dignas de direitos eficazes e legítimos. Por isso é preciso erguer a voz, inclusive dentro do próprio Movimento Negro, como fizeram as precursoras, arroladas acima e tantas outras. É necessário se fazer ouvir e repetir, como nos ensina Lélia Gonzalez (2020):

Se realmente quisermos provocar o nascimento de uma nova sociedade, isso só pode ocorrer na medida em que nós próprias nos tornemos novos seres humanos; ou seja, apenas se resolvermos nossas alienações seremos capazes de transformar a sociedade que estamos denunciando (Gonzalez, 2020, p. 123).

A autora elucida que precisamos, enquanto mulheres e mulheres negras, trazer a existência a nós mesmas, ou seja, se pertencer enquanto corpo e mente que merecem olhares sensíveis sobre si, com acolhimento das urgências subjetivas para propor mudanças sociais e políticas. O feminismo negro traz à roda debates que perpassam as lutas de mulheres negras historicamente colocadas como esse ser-outro, ser-objeto, invisível para a sociedade e/ou quando enxergadas somos distribuídas nesse não-lugar, no vazio dessa não existência, temática que será mais amplamente discutida ao longo dessa pesquisa.



As pautas discutidas pelo feminismo negro e reivindicadas dentro do MNU refletem nas conquistas já adquiridas pelo desejo de re-existir ou ainda de ter o direito à vida com dignidade. Os caminhos de reivindicações ainda estão sendo trilhados, mas não andamos sós, somos muitas elaborando e reelaborando entrelaçamentos epistemológicos que quando alinhavados na coletividade não se desfazem.

De acordo com a escritora negra e poeta, Miriam Alves (2010), o Movimento Negro Unificado dedicava-se a difundir reflexões valendo-se de textos acadêmicos produzidos por mãos negras com o intuito de fortalecer essas escrituras nos âmbitos dos debates. Acrescenta, nesse contexto, Conceição Evaristo (2009): “É preciso enfatizar que, embora a década de 1970 tenha sido um período marcante na afirmação de textos negros, durante toda a formação da literatura brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si e de si” (Evaristo, 2009, p. 25).

Nessa teimosia promissora de se fazer ouvir, os *Cadernos Negros* (CN) se tornaram a mais duradora forma de expressão literária negra no Brasil. Nesse contexto de lutas e reivindicações históricas, a partir dos anos 1980, iniciam-se ações que desenhavam uma revisão na historiografia na contramão do silenciamento, assim lutavam por um corpo de trabalho que viabilizasse o objeto específico de enunciação discursiva negra. Como explica, Eduardo de Assis Duarte, em seu livro, “Literatura, política, identidades: ensaios” (2005):

A postura revisionista ensaia os primeiros passos na academia pelas mãos do feminismo, bem como a partir das demandas oriundas do movimento negro e da fundação no Brasil de grupos como Quilombhoje. Nesse contexto, destacam-se os trabalhos de Moema Parente Augel, Zilá Bernd, Domício Proença Filho, Oliveira Silveira, Oswaldo de Camargo, Luiza Lobo, Leda Martins e membros do movimento negro, que, ao lado de brasilianistas contemporâneos como David Brookshaw, dedicam-se ao resgate da escrita afro-descendentes (Duarte, 2005, p. 115).

No processo de aquilombamento por meio das palavras, é enriquecedor destacar a importância dos *Cadernos negros* para a produção literária negra brasileira. Lançado em 1978, os periódicos traziam o objetivo de elaborar uma nova identidade nacional através da literatura, com publicação de poemas e contos de escritores e escritoras negras de vários estados brasileiros.

Para Florentina da Silva Souza, na obra “Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU” (2006), há um “desejo pedagógico” proposto pelos autores dos cadernos para construir um desenho identitário de valorização da arte negra, da cultura, religiosidade, estética para si e para seu grupo frente ao apagamento e violências sofridas pelo povo preto. E, desse

modo, lutar contra o racismo, discriminação e todas as formas de violações que inutilizam discursos e práticas na sociedade.

Organizados na encruzilhada dos contatos propiciados pela diáspora, os periódicos representam um momento significativo da produção textual brasileira não institucionalizada, que rasura as configurações totalizantes do afro-brasileiro. Esse processo produz um espaço de representações antagônico porque é contestador das construções homogeneizadoras, o qual se articula com os diversos saberes e culturas que lhe são disponibilizados (Souza, 2006, p. 67).

A urgência da produção textual proposta pelos Cadernos Negros objetiva, nessa esteira, desmistificar imagens que desqualificam e inferiorizam os corpos negros também na literatura. É reelaborar, nesse sentido, espaços de representações que valorizem as humanidades de sujeitos e sujeitas negras. Nesse sentido, esse movimento proposto pelos Cadernos Negros torna-se pedagógico à medida que refletimos sobre a tecnologia colonial secular de anulação, marginalização baseada no estrato racial no que concerne aos corpos e mentes negros. As contranarrativas-epistemológicas como, os Cadernos Negros nos ensinam a aprender a desaprender e reelaborar outros olhares, a ler e escrever dentro de uma cultura não ocidentalizada, a partir da lógica de uma escrita autônoma, criando espaços de lutas, sobrevivência. Nesse espírito de coletividade, é mister sublinhar o papel importante que tem a escrita de mulheres negras para a configuração dessa literatura dos CN que trinca e quebra lugares estereotipados. A escrita feminina por mãos negras nesse contexto devolve humanidades às mulheres pretas e a outras gerações.

Na composição de si e de inscrever-se como ser social para além dos perfis de objeto, corpo sem mente, sem alma, pretos e pretas abrem espaços de enunciação e esse contorno se assevera em grau de intensidade mais acentuada, considerando todas as violações pelas quais a mulher preta passa. Escrever para essa mulher é um ato de reinvenção de si mesma e do papel que a sociedade a impôs ao longo da história. A saída da condição de descarte, serviçal e marginalizada é poder que se adquire nessa literatura de rompimento de lugares menores, culturalmente associado à mulher negra. Em sentido igual, Miriam Alves destaca que:

É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciado, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se. Esta literatura é algumas vezes chamada de intimista, talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da “não fala”, profanando o confinamento do silêncio. Traz a público as experiências com perfis, contornos e timbres específicos que tomam de assalto esse território. Com esta ação feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim desloca a imagem e a autoimagem da mulher (Alves, 2010, p. 184).

É esse processo de não falar, como descreve a autora acima, que o aquilombamento intelectual dos Cadernos Negros refaz esse caminho reconfigurando paradigmas e decolonizando espaços amordaçados. Escritoras e escritores organizados elevam-se, ampliam territórios e revolucionam o mundo das artes, das letras, delineando questões urgentes étnicas e sociais.

Nesse contexto, mulheres pretas como, Neuza Maria, Célia Aparecida Pereira (Celinha), Geni Mariano Guimarães, Sônia Aristides Barbosa, Sônia de Fátima, Anita Realce, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Zula Gibi, Lia Vieira, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Mel Adún e outras vozes femininas deram visibilidade ao feminismo negro a partir da perspectiva da literatura nos Cadernos Negros escrevendo sobre dores, desigualdades de gênero, raça, memórias, sobretudo sobre a poética de suas vivências diárias.<sup>9</sup> São mulheres negras pensando sobre si mesmas e ainda sobre outras mulheres numa corrente ancestral a partir de um outro lugar de memórias e rupturas epistemológicas. Desse modo, trazem ao centro uma escrita que destoa do cânone em negação dessas segregações, uma escrita não branca que quer ser lida e interpretada de forma contundente e legítima. Nessa perspectiva, a Literatura negra brasileira reelabora estruturas de uma *escrevivência*<sup>10</sup> livre arrumada em um *corpus* político, emancipador, inspirado na mãe preta que deixa de acolher o seu senhor para abrigar a si, segundo Evaristo (2020), isso se configura como o ato de escrever.

Assim, sob um signo colonizador, a escrita negra brasileira destrói o *Epistemicídio* histórico insubordina e discute a violência epistêmica, cuja prática é de não eleger o conhecimento produzido por autores e autoras negras como válido. Em sua tese “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser” (2005), a filósofa negra e importante pensadora contemporânea, Sueli Carneiro, afirma que o epistemicídio é uma das formas mais eficazes e duráveis de dominação dentro do *lôcus* da racialidade.

Para a intelectual, o epistemicídio é uma violência colonial que desvaloriza os conhecimentos em todas as suas formas dos povos subalternos para, desse modo, “subordinar,

---

<sup>9</sup> “Em Cadernos Negros as mulheres negras têm uma representação diversa - não há estereótipos- e os textos (mesmo os não engajados) trazem poeticidade, memória e ritmo contrariando, assim, o senso comum acadêmico” (Figueiredo, 2009, p. 33).

<sup>10</sup> Termo elaborado e cunhado pela escritora, poeta, romancista e intelectual negra, Conceição Evaristo para descrever a escrita produzida pelo *corpus* negro a partir de uma vivência marcada pelo racismo, sexismo. Escrever seria uma forma de reorganizar a dor em detrimento às discriminações que atravessam a comunidade negra. Desse modo, indaga, “é preciso comprometer a vida com a escrita ou é um inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (Evaristo, 2005, p. 1). O termo será amplamente teorizado e discutido ao longo deste estudo nos capítulos subsequentes.

marginalizar, inviabilizar grupos sociais” (Carneiro, 2005, p. 96). A autora afirma ainda que, no tocante aos aspectos raciais, o epistemicídio destitui esse indivíduo já marcado violentamente pelo racismo em todas as áreas de sua vivência, na busca para alcançar o conhecimento.

A violência epistêmica marca individualmente e no coletivo, porque faz com que esse sujeito negro desde muito cedo já internalize que sua capacidade intelectual é ilegítima, ou seja, “fere de morte a racialidade do subjugado ou sequestra, mutila a capacidade de aprender” (Carneiro, 2005, p. 97). Essa prática de desqualificação torna-se presente nos mecanismos de acesso à educação<sup>11</sup> desde do processo escravista no Brasil, quando sujeitos negros eram considerados corpos sem alma, ou seja, uma narrativa sobre negro/a como o Outro/a, “ negro como o não-ser” (Carneiro, 2005, p. 99).

Partindo desses pressupostos, o apagamento histórico dessas vozes ou ainda a discussão acerca da legitimidade da literatura negra, como arrolado acima, é sim uma violência epistêmica que tem posto máscaras de silêncio em sujeitos e sujeitas negras no decurso da composição literária brasileira. Prática fundada na colonização do saber e violência epistêmica, diminuem as produções de conhecimentos desses povos subalternizados, assim, realça a professora, poeta negra, Lêda Maria Martins (2007, p. 57), “a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de aprender e figurar o real, deixados à margem, não ecoam em nossas escritas”. A partir desse mecanismo amplamente difundido pela colonialidade/modernidade, essas produções são minimizadas pela superioridade epistêmica que desvaloriza, apaga e silencia saberes.

Contrariando esse padrão eurocentrado, movimentos de mulheres, sociais, literários e acadêmicos elaboram teorias e práticas epistemológicas, como aludido acima, para disputarem espaços, direitos de existência, ancorados na descolonização das mentes, dos corpos, da sexualidade, das artes de povos subalternizados, como enfatiza Martins (2007, p. 56), “a máscara vaza nosso olhar” e, assim, seguimos contra a afasia dessas vozes. E a fala através das brechas dessas máscaras já propôs o rompimento contra- hegemônico e continua resistindo e produzindo *corpus* decolonial, *corpus* emancipador de escrita.

---

<sup>11</sup> Uma bula papal encerra a possível questão se a criança negra deveria ir à escola ao afirmar que os negros não têm alma. A ausência de alma, no lugar do que posteriormente seria o lugar da razão, no contexto da laicização do Estado moderno, será o primeiro argumento para afirmar a não-educabilidade dos negros. Será, então, pelo estabelecimento das ideias e discursos fundadores acerca da educabilidade dos afrodescendentes, que se articulará o epistemicídio ao dispositivo de racialidade (Carneiro, 2005, 104).

É preciso, no entanto, entender quais são os vieses que nos oprimem para só então traçar caminhos eficientes e possíveis, isto é, entender para transformar a realidade. Nesse delineamento de ideias e escrevivências, fazer, consumir, difundir literatura negra é descolonizar o saber, os saberes, a historiografia, os corpos e mentes.

Nesse processo de entoar o silêncio e organizar o grito é que a escrita literária vem resistindo contra as violências estruturais. Nas palavras de Cuti (2010, p.14), a literatura continua insurgindo e construindo novos discursos para além do racismo e todas as formas opressão:

Certa mordaca em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas a fibra é forte, tecidas nas instâncias de poder, e a literatura é um dos seus fios mais fortes que mais oferece resistência (...) A literatura, pois precisa de um forte antídoto contra o racismo nela entranhado (Cuti, 2010, p. 14).

É mister reiterar que a degradação do ser negro, colocado como Outro e a negação de tudo que este produz, é igualmente por sermos banhados por uma água ilusória de cordialidade racial no Brasil, ainda que as discussões sobre as questões raciais na produção literária já tivessem iniciadas a partir do século XIX. Essa falsa harmonia é imposta pela branquitude<sup>12</sup>, enquanto grupo social de poder, que fundamenta esse discurso estereotipado, miúdo sobre os corpos negros também na literatura ao longo de toda a historiografia, especialmente os femininos.

O mito da pseudo harmonia entre raças impera entre as pessoas não racializadas e constitui o racismo como prática naturalizada, que igualmente violenta corpos negros, fixando no imaginário de não brancos que a cor da pele não seja marco crucial para violações e mortes sejam práticas corriqueiras quando se é negro/a. Lélia Gonzalez (2020) sintetiza: “primeira coisa que se acha nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 224-225).

À despeito disso, Beatriz Nascimento (2021) indaga: “Se somos parte integrante de uma democracia racial, porque nossas oportunidades sociais são mínimas em comparação com os brancos? ” (Nascimento, 2021, p. 66). O questionamento evidencia acerca de teorias raciais infundadas que deixam a prática do racismo cada vez mais presente e violenta nas vidas de sujeitos negros e a reflexão ainda reitera que o racismo é uma cultura enraizada e organizada

---

<sup>12</sup> Conforme a pesquisadora e psicóloga Cida Bento no livro, *O pacto da Branquitude* (2022), a branquitude refere-se a um “conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais” (Bento, 2022, p. 62).

historicamente que assola, exclui e animaliza uma parcela da população e que precisa ser combatido.

Nessa perspectiva, é preciso iterar que, não haverá democracia racial enquanto brancos, negros e não negros não forem lidos socialmente da mesma forma, não estiverem feridos de corpo, alma e coração por uma cultura que mutila, mata e dissolve vidas negras e indígenas diariamente. Não haverá democracia entre as raças enquanto feridas coloniais estiverem continuamente abertas e promovendo mais violências.

Nesse contexto, é mister repetidamente afirmar que o racismo existe em bases concretas e é, de modo simultâneo, responsável por desigualdades que afetam vidas de mulheres e homens pretos. Reafirmamos que o fator raça é parâmetro para validar o cânone, pois a Literatura brasileira vivencia e legitima a invisibilidade das questões étnicas e também de gênero relegando a essas esferas o espaço marginal e com imagens estereotipadas por toda a tradição literária. A Literatura negra brasileira na contracorrente redesenha esse espaço com escritas que destrancam portas, denunciam violências e invadem o cânone literário para requerer o direito à arte, à escrita, à intelectualidade, especialmente o poder de fala.

### **1.3 Representação literária de corpos femininos negros: produção de ausências**

Com o poder instrumentalizado pela ideia do Outro, as negras/os sempre foram faladas, classificadas como inferiores arroladas pelo discurso etnocêntrico colonial, já discutido neste texto. Somando a essa discussão, Homi Bhabha, professor e crítico indiano, no livro *O local da Cultura*, (1998), acrescenta que:

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação, porque é uma forma presa fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite) constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (Bhabha, 1998, p. 115).

O autor torna evidente, dessa maneira, que o discurso estereotipado se institui na “fixidez” e na qualidade de produzir imaginários, ou seja, são representações e conceitos repetidos no imagético social para se fixar e de maneira efetiva. Nessa concepção, a construção do Outro dentro de uma estrutura racista, elabora estereótipos do homem negro forte, violento, com capacidade cognitiva abaixo e acrescido a isso, criou-se, sobre mulher negra, a imagem de ser lasciva, com características sexuais desenfreadas, ou seja, estereótipos de um corpo-público, corpo-estupro, assim, mulheres negras, principalmente, são “colocadas como ausentes mesmo presentes” historicamente, de acordo com Lélia Gonzalez (2020).

A autora ainda em seu artigo “A mulher negra na sociedade brasileira” afirma que, quando nos referimos sobre a situação das mulheres negras, essas violências crescem, uma vez que, nós, enquanto mulheres pretas somos atravessadas por opressões como o sexismo, racismo e a construção de imagens distorcidas e estereotipadas a partir dessas estruturas. Desse modo, a intelectual destaca: “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo, sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (Gonzalez, 2020, p. 58).

Essa inferiorização dos corpos negros, principalmente sobre as mulheres revela que a tecnologia da colonização é eficaz na promoção de violências. Pessoas negras são colocadas como o “restante da sociedade” e sobre mulher negra recai a imagem única de doméstica, objetos sexuais, ou seja, processos de distorção sobre esses corpos elaborados pela democracia racial no Brasil.

Conceição Evaristo no texto ensaístico, *Da representação à auto-apresentação da mulher negra na Literatura Brasileira* (2005, p. 52) reitera que, “a representação da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” e também para cuidar da criança branca da casa grande, nunca para gerar e educar seus próprios filhos. No mesmo texto, Evaristo afirma que à mulher preta, dentro da perspectiva literária, não foi dado o direito de existir como mãe, como matriz da família, mas, como “infecundas, perigosas”, isto é, as mulheres negras são representadas como corpos sem alma, brutalizados em sua essência, incapazes da afetividade, retirada a sua dignidade.

É preciso dizer, nesse contexto, que a escrita literária, desde sua formação, traz aspectos que institucionaliza discursos coloniais, escravagistas, sobretudo quando se refere ao feminino negro. Poetas como Gregório de Matos que traz o bojo de uma escrita poética, ainda no contexto do Brasil colônia, marcada por visões estereotipadas no que tange à figura feminina negra, atribuindo-lhe características corpóreas e sexuais que demarcam esse lugar-objeto da mulher preta. Acerca disso, no artigo intitulado “Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”, Conceição Evaristo (2009) destaca que,

Pode-se dizer que, com Gregório, começa a esboçar o paradigma de sensualidade e da sexualidade, atribuído às mulheres negras e mulatas presentes na literatura brasileira. O poeta ainda faz do homem mestiço objeto de críticas e insultos, delineando, em seus versos, o estereótipo do mulato como uma pessoa pernóstica e imitador do branco (Evaristo, 2009, p. 20).

No mesmo texto Conceição Evaristo traz à roda discussões acerca da ficção romântica, cuja estrutura é erguida sob uma escrita que nega humanidades de personagens negros e que

romantiza, ao mesmo tempo, violências coloniais, como o estupro disfarçado de amor nos moldes europeus. Dentre esses autores, sublinha a retórica, que o autor brasileiro José de Alencar na obra *Iracema* (1865), desenha a indígena Iracema passiva, apaixonada por seu algoz português, relação amorosa idealizada por um olhar branco colonizado. A narrativa de fundação do movimento indianista na prosa delineia um perfil de uma identidade nacional colonizada e que romantiza e nega a presença dos povos africanos como parte da constituição do povo brasileiro.

Valendo-se desses apontamentos, é importante destacar que há em muitas obras na escritura literária brasileira a tentativa do embranquecimento de personagens negros e negras, como na obra *Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, onde a personagem aparece “quase branca”, dócil, com educação europeia associada à mulher branca para assim caber na sociedade, ainda que escravizada, mas de pele clara, desse modo, digna de um protagonismo literário, enquanto ser feminino.

Assim, como em muitos exemplos presentes na historiografia literária, autores brasileiros utilizam-se desse espaço privilegiado, valendo-se de sofismas europeus para instituir diferenças, proclamar que a imagem da mulher idealizada e amada é sempre a branca, bela, terna e feminina. À mulher negra, indígena, as sobras, o lugar infértil, o vazio, a ideia do corpo baldio, corpo sem alma.

Partindo das afirmações desses discursos, autores, como o maranhense Aluísio de Azevedo, desenha personagens negras na obra *O Cortiço* (1890), como Rita Baiana, hipersexualizada, animalizada, perigosa sedutora, cujo corpo bonito é a única característica identitária dessa mulher que sobressai nessa narrativa: “mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada” (Azevedo, 1994, p. 73). De modo igual, Bertoleza, carrega uma descrição eivada de preconceitos, como uma mulher desprovida de inteligência, incansável na subserviência ao homem branco, brutalizada na sua humanidade. “Bertoleza representava agora ao lado de João Romão papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante (...) E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem” (Azevedo, 1994, p. 17).

O autor Aluísio de Azevedo, influenciado por produções literárias europeizadas e/ou ainda por não refletir sobre a realidade brasileira, a partir de imagens preconceituosas, racistas, sexistas, construiu uma narrativa canônica abraçada pelo público e estudada nas escolas ajudando a reforçar, assim, imaginários sobre as mulheres negras, que são nominadas como mulatas em toda a obra, dividindo a descrição com adjetivos animais. É válido mencionar



ainda, que a obra está prenhe de relatos misóginos em relação ao corpo feminino no geral, o que demonstra que nós mulheres estamos sempre sujeitas a olhares e ações que violentam nossos corpos e às mulheres negras agrava-se, porque estamos situadas no não-lugar, no vazio.

Sob a perspectiva da representação na escrita do corpo-mulher, sublinha a professora (UFBA) e poeta, Livia Natália Souza (2017) que:

Certamente isto é uma herança da forma como o corpo da mulher negra foi inserido no universo de representação. Não apenas eram lidas como seres inferiores, destinadas à procriação quase que automática, mas a lides domésticas a elas reservadas parecem ter não só o amoldado àquele espaço, como endossado um aspecto patologizante de seu comportamento: são animais que, uma vez destinadas à procriação e submissão, compreendem a vida como uma sucessão de experiências meramente corpóreas, que podem ser resumidas na tríade trabalho braçal- procriação - sexo. As representações em todos os espaços - seja a literatura, a televisão, as artes em geral ou o discurso que circula nas ruas - devolvem-nas continuamente a este lugar (Souza, 2017, p. 115).

Essas narrativas são eficazes para construírem em nós, pessoas pretas, imaginários que são validados individualmente e no coletivo. Retomam, de modo igual, memórias de leituras nas quais as imagens de mulheres negras não estavam associadas às nossas vivências, às nossas autoimagens enquanto corpo feminino preto. Reminiscências de uma autoestima fraturada, de um espelho que se tornava turvo à medida que esses reflexos negativos, depreciativos faziam parte do dia a dia e, igualmente, elabora e constroem ainda hoje infinitos e duros olhares sobre nós mesmas como inferior, sem direito ao afeto, colonizando, dessa forma, nossos corpos e sentimentos. Assim, nos afirma Carneiro (2005), essas violências epistêmicas ferem nossas mentes e corações cotidianamente.

Evidencia-se, nesse sentido, que os recortes de raça e gênero atravessam o discurso literário sob a negação dessa mulher negra e não negra com centralidade e complexidade para esse personagem no texto, elaboram estereótipos não humanizados e apagam qualquer resquício do eu-mulher ou ainda coloca essa autora, autor negro no bojo da incapacidade de produzir arte, de ser representada/o, lido como um ser-pessoa, mas como seres invisíveis. Conceição Evaristo (2009) sobreleva, sobre a afasia dos negros na literatura, cujos personagens não possuíam o dom da linguagem, falados por outros ou ainda impedidos de falar. O silenciamento dessas vozes desnuda a realidade racial do Brasil, como afirma a autora, “uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracteriza muitas das personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores” (Evaristo, 2009, p. 22).

O poder da linguagem negado aos povos subalternos revela o domínio de uma cultura branca sobre os corpos negros. Nesse sentido, é necessário criar mecanismos para subverter

imagens estereotipadas, mesmo em meio às limitações, decolonizar práticas sociais, discursos sobre si, especialmente, aprender a desaprender e criar novas narrativas para si e sobre si.

Essa performance de autoafirmação encontra na escrita estratégias de contornos para as pessoas subalternizadas. Especialmente às mulheres negras, autoinscrever-se no mundo através da escrita é um ato pedagógico de insubordinação, é fazer acordar de sonos injustos, é, principalmente, comprometer a vida com a escrita, porque nossos corpos têm pressa, como ressalta mais uma vez Conceição Evaristo (2005).

#### **1.4 *Corpus* feminino de emancipação na escrita: mulheres que agigantam vozes**

Este subcapítulo inclina-se para refletir sobre a escrita como instrumento pedagógico e decolonial. Pensar sobre esse balaio de despojamento de si, sobre colorir a vida, sobre o movimento de outonar, articular a vida que as mulheres negras historicamente fazem quando falam, cantam, ensinam, escrevem. Estetizam as dores, as alegrias de serem quem são. Para isso, acho importante mencionar de forma sucinta sobre as precursoras desse aquilombamento literário na historiografia. Me atenho a nomes de mulheres negras ancestrais para deixar registrado o processo de pavimentação de caminhos que essas vozes mais velhas conseguiram fazer. É sobre legados, força, rupturas necessárias.

Nós mulheres reconfiguramos rotas de existências ao longo dos tempos, especialmente as negras e não negras, porque estamos sempre no entremeio, na constituição lacunar de um corpo frisado pelo machismo, racismo e outras tantas violências estruturantes, desse modo, envoltas na previsibilidade de discursos e práticas misóginas, como já mencionado. Nessa avenida de contranarrativas, uma das nossas mais velhas, Conceição Evaristo (2005), no texto, “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita” adverte que escrever é uma “teimosa esperança” de emancipação. A escrita é, nesse sentido, uma “fina lâmina”, como pontua Leda Maria Martins (2007), que tece o fio da vida e rasura lugares comuns, colonizados.

Escrever, portanto, é um atrevimento perigoso, principalmente para mulheres colonizadas. Acerca dessa premissa, Gloria Anzaldúa (2000) questiona:

Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que somos monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós: a negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios, a chinesa de olhos puxados e mão hábil ... (Anzaldúa, 2000, p. 230).

Escrever, para tanto, é criar espaços fronteiriços para além de olhares já associados ao corpo feminino subalternizado. Desse modo, e no exercício didático de ir de encontro a uma cultura colonial, racista e sexista que ainda hoje abre feridas profundas, é que o movimento de emancipação literário negro discute e contrapõe aos estereótipos elaborados e cunhados pela literatura hegemônica brasileira ao longo dos tempos, já pautados neste estudo. Utilizo-me novamente da palavra pedagógico e acrescento o decolonial para demarcar essa escrita feita por mulheres de autonomia que é contrária a toda uma cultura também educacional na qual nossos corpos femininos foram apagados ou estudados através de uma leitura sexista que hipersexualiza a mulher negra ou a coloca num lugar animalizado, grotesco, sem resquício de humanidades, como descrito acima.

A Literatura negra brasileira, assim como todas as organizações arroladas acima, traça ferramentas pedagógicas e decoloniais para reescrever e criticar esses arranjos coloniais que permeiam a Literatura Brasileira. Nesse sentido, essa escrita rasura a estrutura discursiva de um imaginário branco, epistemicida, cujo atravessamento inferioriza esses corpos.

Nesse movimento de rompimento, a escrita de mulheres negras se insere caligrafando o *corpus* de uma literatura que instrumentaliza discursos e descentraliza a cultura estereotípica. Ela suplanta a centralidade hegemônica branca e masculina e insere palavras de liberdade performando, emancipando o cânone e promovendo revoluções.

A partir desses caminhos e inventando para si e para outras, mulheres pretas ficionam espaços literários coletivos, pluralizam vozes, novos epistemes e imagens de um corpo livre, corpo este desenhado como objeto. Assim, o discurso-outro se transforma em eu-discurso.

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma *auto-representação*. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo *do outro* como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (Evaristo, 2005, p. 54).

Conceição Evaristo, destaca que quando uma mulher negra insubordina o lugar comum que está colocada, ela ganha o direito de gestar a vida. Nesse sentido, engravidar o texto, como fala a teórica Leda Martins (2007), é esse gesto revolucionário, ancestral e autônomo de prover existência de si e de gerações. O corpo-mulher-negra torna-se corpo-ancestral, cuja arte desenrampa um Brasil não visto, não estudado, só que agora pelas mãos de mulheres também nas letras, lugar intelectual negado. Intelectualidade requerida por cada mulher negra que escreve do alpendre da subalternidade, da mudez histórica. Nesse sentido bell hooks (1995, p. 466), no texto “Intelectuais Negras” realça que, “o trabalho intelectual é uma parte da luta pela

libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passaram de objeto a sujeito que descolonizaram e libertaram suas mentes. ”

Nesse contexto, é tornar-se sujeito da escrita e simultaneamente sujeito da sua própria história, como destaca a teórica negra e psicóloga Grada Kilomba (2019):

Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor validada/o legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada (Kilomba, 2019, p. 28).

Na construção de oposições coloniais, mulheres negras elaboraram novas epistemologias decoloniais literárias. Corpo-mulher-negra como o de Maria Firmina dos Reis, primeira escritora negra na historiografia literária brasileira, escreveu *Úrsula*<sup>13</sup> (1859), romance inaugural na luta abolicionista. Silenciada por séculos, a autora maranhense performou um Brasil desconhecido e trouxe à tona vozes, personagens negros e mazelas de um país que se quer, até hoje, no obscurantismo de sua história, de suas ancestralidades. Sobre isso, a pesquisadora e professora Algemira Macêdo Mendes (2006) grifa que:

O caso de Maria Firmina dos Reis se enquadra nesse paradigma. Aventurou-se a escrever dentro do contexto que a realidade brasileira impunha à época, somando-se às dificuldades econômicas e geográficas já que nunca saiu do eixo Guimarães e São Luís (MA). Apesar de estar inserida em uma sociedade patriarcalista e na maioria das vezes seus escritos apresentarem um estilo ultrarromântico-característica da época em que ela viveu- considerados, à primeira vista, ingênuos e açucarados, essa escritora como suas contemporâneas mencionava assuntos negados por escritores de seu tempo e revela uma veia abolicionista, articulada com o contexto das relações econômicas, sociais e culturais da época (Mendes, 2006, p. 23-24).

Com sua obra editada e reeditada, Maria Firmina dos Reis figura uma persona literária feminina em detrimento a disritmia racial, literária neste país. Com a biografia recentemente começou a ser pesquisada e publicada. Firmina nasceu em 11 de março de 1822, em São Luís, Maranhão, mas viveu a vida na cidade de Guimarães, interior do estado, onde faleceu em 11 de novembro de 1917. Firmina tornou-se a primeira professora do primário efetiva na carreira do magistério no Maranhão, aos vinte dois anos e mais tarde, já na aposentadoria, fundou a primeira escola para meninas e meninos.

---

<sup>13</sup> *Úrsula* é seu texto de estreia, publicado à altura dos seus 34 anos, pela Tipografia do Progresso - São Luís. De acordo com Luciana Martins Diogo (2016), a estreia do livro foi noticiada em alguns jornais do Maranhão já no início de 1860 e seguiu sendo alvo de resenhas e comentários pela imprensa. Tais comentários comprovam que o romance não passou despercebido, pelo contrário, foi divulgado e celebrado por jornais que circulavam no Maranhão. Entretanto, ainda que a autora tenha superado as barreiras materiais do seu tempo para escrever e publicar, sua obra ficou totalmente esquecida, e apenas em 1975 surgiu a 2ª edição (*fac-símile*) do romance (Miranda, 2019, p. 55).

Maria Firmina era atuante na arte de coser palavras e na profissão de professora. Publicou o romance *Gupeva* (1861), em 1871, *Cantos à beira mar*, e em 1861 participou da antologia poética *Parnaso Maranhense*. A autora também escreveu para a imprensa assinando pelas iniciais M.F.R atestando, assim, o silenciamento imposto às mulheres negras.

Maria Firmina dos Reis, como mulher negra e nordestina desbravou a “mata fechada”, como menciona a pesquisadora Fernanda Rodrigues de Miranda (2019), abriu caminhos da escrita, da historiografia literária brasileira masculina e branca e principalmente de outras mulheres iguais.

Embora tenha ficado de fora, inclusive, das ausências identificadas, isto é, à margem da marginalidade onde se situava a autoria feminina branca, Maria Firmina dos Reis foi precursora negra que inscreveu a presença ativa, viva e potente da pessoa negra no romance, sem, para isso, apagar alteridade. Essa presença fundou um espaço textual, uma possibilidade, de falar, que estava disponível na tradição literária. Sua escrita instaura um novo e disruptivo no mundo das significações da razão colonial, pois inscreve o negro enquanto *sujeito* de uma experiência histórica anterior à escravidão, com vínculos afetivos, pertencimentos territoriais e ética de existência coletiva. E principalmente, falando por si mesmo. Na obra, do homem negro brota a medida do humano, e da mulher negra emerge um arquivo de memória cuja narração fratura o ordenamento colonial que organizava a sociedade (Miranda, 2019, p. 60).

A autora maranhense decoloniza a literatura e politiza com seu corpo voz espaços antes não ocupados por mulheres negras. No prólogo, Firmina chama atenção:

O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não o soube colorir, nem aformosentar. Pobre avezinha silvestre, anda terra a terra, e nem olha para as planuras onde gira a água. Mas, ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à míngua, sentido e magoado, só afagado pelo carinho materno. Ele semelha a donzela, que não é formosa; porque a natureza negou-lhe as graças feminis, e que por isso não pode encontrar uma afeição pura, que corresponda ao afeto da sua alma; mas que com o pranto de uma dor sincera e viva, que lhe vem dos seios da alma, onde arde em chamas a mais intensa e abrasadora paixão, e que embalde quer recolher para a corução<sup>14</sup>, move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga ao menos a olhá-la com bondade. Deixai, pois, que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós (Reis, 2018, p.11).

Firmina debuta a literatura brasileira, introduz discursos que ficcionalizam as realidades e promovem rupturas nesse véu de silêncios. Sua escrita marca o início da publicação de romances abolicionistas no Brasil provido por uma mulher negra.

Aprazia-se com essa notícia a boa senhora Luíza B.; mas a encantadora Úrsula, melancólica, e mais bela que nunca, sentia um indefinível pesar ao lembrar-se que em breve volveria para o seu antigo exulamento, e ainda maior que dantes: o cavaleiro falava de sua próxima partida. Túlio acompanhava-o. Tinha-se alforriado. O generoso mancebo assim que entrou em convalescença dera-lhe dinheiro correspondente ao seu valor como gênero, dizendo-lhe: — Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade. Túlio obteve, pois, por dinheiro aquilo que

<sup>14</sup> Preserva-se a grafia original da obra.

Deus lhe dera, como a todos os viventes — era livre como o ar, como o haviam sido seus pais, lá nesses adustos sertões da África; e como se fora a sombra do seu jovem protetor estava disposto a segui-lo por toda a parte. Agora Túlio daria todo o seu sangue para poupar ao mancebo uma dor sequer, o mais leve pesar; a sua gratidão não conhecia limites. A liberdade era tudo quanto Túlio aspirava; tinha-a — era feliz! (Reis, 2018, p.33).

Maria Firmina dos Reis constrói uma obra que tensiona as convenções do romantismo brasileiro, ao mesmo tempo que inaugura uma crítica social e política ousada para seu tempo. Em *Úrsula* (1859), Reis dar voz aos personagens negros escravizados, rompe com a representação animalizada ou meramente cênica desses sujeitos e os inscreve como indivíduos com memórias vivas, sentimento e dignidade, destaca, assim, no cenário literário, temas antes silenciados. A autora adota uma postura abolicionista radical, muito antes do fim oficial da escravidão de 1888, e humaniza aqueles que eram silenciados social e historicamente.

Ao escrever a partir do aprisionamento histórico imposto às mulheres, a autora maranhense dá as mãos a outras figuras femininas pretas, que com ela tecem uma escrita dissidente e dissonante e trazem ao bojo da sua escritura literária a estética da dor com os atravessamentos da precariedade e marginalidade, lugares-outros, nos quais está disposta socialmente, mulheres como Carolina Maria Jesus que também ficcionalizam a vida, erguem os olhos sobremaneira diante da razão colonial.

Negra, mulher, migrante de Sacramento, no Triângulo Mineiro, em 1947, mãe solteira, moradora da primeira favela na cidade de São Paulo, Canindé, Carolina Maria de Jesus emergiu do anonimato absoluto quando resolveu escrever sobre seu cotidiano favelado em diários encardidos, encontrados no lixo. Carolina de Jesus assume o lugar do discurso, da subalterna que fala e elabora caminhos decoloniais e epistêmicos. “Ela já não é mais um sujeito-efeito do discurso hegemônico, e isto causa uma reordenação das formas de compreensão deste discurso”, explica Livia Natália Souza (2017, p.116).

A autora escreve *Quarto de despejo*<sup>15</sup>: diário de uma favelada (1960), sua primeira obra e a mais popularizada, nela conta sobre a favela de Canindé, onde morava com os filhos, assim Carolina traz ao centro temas como a fome, ao mesmo tempo, a força de uma mulher não

---

<sup>15</sup> *Quarto do Despejo* (1960) é uma narrativa que traz a escrita de uma autora que experimenta da literatura confessional para revelar-se ao mundo, mas de uma perspectiva de quem o protagoniza efetivamente. O não- lugar dessa autora não a paralisa, a historiciza enquanto um feminino plural, a fala deste lugar de Carolina de Jesus não a limita em um personagem ficcional apenas, porque o texto é sobre verdades, mesmo que com recortes memorialísticos, (re) costurados. São experiências contadas e instrumentalizadas pela experiência da moradora, de uma favelada, deste modo, aspectos sociais que validam essa fala, embora forjada, ainda que de um lugar de discurso que para ser lido e reconhecido, validou-se pelas mãos de terceiros, uma vez que a autora é redescoberta por um jornalista, reforçando que o direito de voz é impugnado aos subalternos, como já acenado anteriormente. Audálio Dantas vê no diário produzido por Carolina a potência da escrita, de contar a favela pelo corpo de quem experiencia o lugar (Soares, 2020, p. 49).

privilegiada que quando fala, contraria estruturas coloniais, racistas, sexistas que assolam esse corpo-feminino-preto. Publicou ainda obras como *Diário de Bitita* (1986), *Casa de Alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963), *Pedaços da fome* (1963).

Uma favelada, que não maneja bem com a língua portuguesa- como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita- e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” sob o olhar de muitos- uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca (Evaristo, 2009, p. 28).

A autora dos despejos inventa um lugar epistemológico para si e para outras vozes femininas, se apropriando de um discurso legítimo sobre si e, ao mesmo tempo, sobre o outro. Carolina de Jesus agiganta a fala e insubordina esse espaço da escrita privilegiado, quando refletimos a partir de toda uma história silenciada ou falada por outrem. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* foi traduzida por vários países, na França, Estados Unidos, Suécia, Japão, Polônia, Hungria, Cuba, Itália e outros, sendo, portanto, a primeira autora negra brasileira a ter sua obra traduzida. Sobre isso no estudo sobre autoras negras nos romances, a pesquisadora Fernanda Rodrigues de Miranda (2019) faz a seguinte pontuação:

De fato, ela surgiu no mundo das letras como uma grande novidade, algo nunca visto antes, pois no contexto dos anos 1960, a favela era um acontecimento recente na cidade, e mais impactante que isso era alguém vindo da favela produzir uma obra escrita, e mais impressionante ainda era esse alguém ser uma mulher negra. Mas, embora essa mulher tenha expandido o alcance de sua produção até para fora do país, não disputava espaço no campo literário nacional- pois seu texto fora considerado como algo de fora da literatura (Miranda, 2019, p. 120).

O silenciamento, o pertencimento ou não à literatura, as discussões que cerceiam a gramática das obras de Carolina Maria de Jesus ainda hoje denunciam o ciclo de violências epistêmicas, coloniais e racistas que constituem nossa tradição literária brasileira. Contudo, a autora mineira promove rupturas sistêmicas, porque escreve e é notada como sujeito a partir da potencialidade dessa escrita.

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam: — Negrinha! Negrinha fedida! ... não compreendi, mas achei tão confuso! Por causa dos meninos brancos criticarem nosso cabelo: — cabelo pixaim! Cabelo duro!  
O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me:  
— Bitita, atira uma pedra naquela manga para mim. Pensava: Mesmo sendo preta tenho alguma utilidade  
(...)  
Minha mãe lavava roupa por dia e ganhava cinco mil-réis. Levava-me com ela. Eu ficava sentada debaixo dos arvoredos. O meu olhar ficava circulando através das

vidraças olhando os patrões comer na mesa. E com inveja dos pretos que podiam trabalhar dentro das casas dos ricos. Um dia minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na. Fiquei nervosa. Mas não podia dizer nada. Se reclamasse o soldado me batia com um chicote de borracha. (Jesus, 1986, p. 29-89).

A menina Bitita dá voz a dores que são presentificadas em muitas realidades de famílias negras. Trazendo a cor da pele como característica importante para o texto, a autora denuncia e insurge a esse arranjo que desmonta vidas pretas até os dias de hoje. Reflete, sobretudo acerca da constituição dessas memórias de meninas e meninos negros na infância fraturadas por violências estruturais. Carolina de Jesus resgata nas pessoas pretas, a reflexão dolorosa de que o racismo sempre esteve presente nas pequenas e grandes lembranças de infâncias atravessadas pela configuração racial. “Admitamos que a criança se lembre: é no quadro da família que a imagem se situa, porque desde o início ela estava ali inserida e dela jamais saiu” (Halbwachs, 2006, p. 6).

No trecho acima, Carolina igualmente desnuda ainda como a irracionalidade é persistente nas vidas das pessoas pretas. Bitita conta como sua mãe foi presa injustamente fazendo um recorte histórico das opressões, onde o chicote, o açoite apenas se modernizaram: “Eu pensava: É só as pretas que vão presas” (Jesus, 1986, p. 29). O texto evidencia ainda a realidade comum aos negros que é a violência policial, o racismo institucionalizado: “o policial nunca se engana”, alerta Sueli Carneiro (2011, p.73).

Carolina de Jesus foi uma autora de um não lugar e ela busca esse espaço por meio da literatura. De modo igual, recria a sua existência através dos instrumentos que sobram no lugar de despejos. Antes de ser negra, pobre, Carolina Maria de Jesus é um ser da escrita, o ser errante, peregrina. Escrever ajuda essa autora a sair dos lugares objetificados, das sobras. A literatura de Carolina agiganta vozes e nas dobras dessa escritura essa mulher negra é revisitada, repensada, sobretudo humanizada a partir dos tecidos discursivos.

Nesse espaço, onde o corpo feminino é lido como inferior, destinado à procriação, sexualizado, mulheres colonizadas, como Carolina quando falam pela fresta da máscara, criam espaços fronteiriços de liberdade para outras tantas mulheres negras e não negras. Ergue o olhar para além da violência epistêmica e traz ao bojo dos estudos feministas falas precursoras e relevantes para construção de um movimento onde mulheres negras em condição de precariedade também possam falar e serem ouvidas.

Apenas o frio nos fustiga. E várias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palito!<sup>16</sup>. E eu fico condoída vendo as crianças pisar na lama (...)

<sup>16</sup> Palavra escrita tal como na obra, a qual remete a uma discussão linguística que não se aterá esta análise.



Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as minhas janelas são de prata e as luzes de brilhante. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades.... É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (...).

Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo – a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revoltou-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo (Jesus, 2013, p. 22, 46 e 58).

Nessa escrita-movimento Carolina Maria de Jesus narra a vida e constroem uma escrita fugidia para representar também em outros espaços. A arte da autora autoriza o colorir da realidade, ainda que mazelada. Assim, a escrita atravessa o discurso singular, uma vez que intercruza com seus pares. E com voz e audácia de menina, Bitita reafirmava: “Eu não tenho a tendência cleptomaníaca, então eu ainda vou ser feliz. Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra” (Jesus, 1986, p. 187).

A escrita caroliana traduz o hiato que há entre as classes, negros/ brancos/ pobres/ ricos/ homens e mulheres. Demarca que estas classes, raças e gêneros estão em assentos diferentes, ao mesmo tempo que costura a identidade por intermédio da narrativa, enquanto pessoa, enquanto corpo mutilado. Para Carolina e todas as pessoas negras, escrever, ler, falar, manter-se vivo é simbólico. Sobreviver é poetizar nossos lugares. É dá nome à dor, aos que nos ferem. O texto literário destaca a escrita feminina de Carolina Maria de Jesus por meio de uma narrativa subjetiva carregada de significados, que por sua vez traduz e traz à tona diversos problemas sociais vivenciados cotidianamente (Soares<sup>17</sup>, 2020, p. 26).

Carolina é movimento audível para mulheres colonizadas, sobretudo é a esperança de que falas a partir do alpendre da subalternidade sejam ecoadas e valorizadas para a constituição de dias melhores. “Sonhei que eu residia numa casa residível” (Jesus, 2013, p. 39), podemos afirmar que tanto residiu numa casa de alvenaria, como fez casas com sua escrita de potência, escrita de travessia e revolucionou estruturas opressoras com o discurso-casa, discurso-abrigo para corpos femininos iguais aos dela.

A partir desses apontamentos, destaca-se que Carolina Maria de Jesus e outras intelectuais negras interseccionalizam os elementos de raça, gênero e classe com narrativas que descrevem um Brasil oficial, um país de memórias soterradas, fazendo emergir recortes históricos e sujeitos que vivem à margem. Literatura da precariedade, dos retalhos.

É no corpo mesmo da escrita que este outro Brasil se performa e se instala, e que a arte se quer também como ofício de transfiguração, de rearranjo da memória e da história. Nos retalhos dos textos aqui aludidos, os significantes voz, corpo e memória são os atavios que tecem o corpo alterno e alternativos dessa escritura. Ali, em

---

<sup>17</sup> Reflexão da minha dissertação de mestrado, defendida em 2020, cuja abordagem se volta para pensar sobre as tessituras da escrita como identidade na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960).

contrapontos, contraltos, sussurros, sobretons, a negrura jubilosamente se ostenta, com os fios de uma linguagem que reinaugura, em cada pulsação rítmica, em cada expressão figurada, em cada gesto textual, as setes faces dessas silhuetas desdobráveis (Martins, 2007, p. 65).

Nesse retalhar para construir, a literatura de vozes silenciadas vai sendo tecida e revelando que escrever é mostrar-se, é falar sobre o que dói, mas é, ao mesmo tempo, é curar-se.

Tem pessoas aqui na favela que diz que quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu só sozinha. Tenho três filhos. Eu não tenho que dá satisfações a ninguém. Eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que em álcool. Se você acha que estou agindo acertadamente peço para dizer: Muito bem, Carolina! (Jesus, 2013, p. 74).

No tecido literário de transfigurar, de recolher as folhas de memórias pretas e de transformar o silêncio em ação, como nos ensina Audre Lorde (2019) é que Geni Guimarães, escritora e ativista negra paulista também deslinda sua literatura fundamentada em memórias ancestrais e uma escrita decolonial, pedagógica. Isto posto, é importante sublinhar que Geni Guimarães nos empresta uma escrita carregada de significados e remonta em negras/os reminiscências ancestrais de dor, uma vez que ao rememorar-se, conta-os, ao mesmo tempo. Igualmente reflete sobre novos olhares para as realidades.

A escritora, poeta e professora Geni Mariano Guimarães publicou nos *Cadernos Negros* e em 1979 lança o livro *Terceiro Filho*, livro de contos, *A cor da Ternura* (1989), vencedor do prêmio Jabuti de Literatura juvenil, em 1990 e o prêmio Adolfo Aisen, em 1992 pela Academia Brasileira de Letras, com o mesmo livro. Publicou ainda, *Aquilo que a mãe não quer* (1998), *Balé das emoções* (1993), *Poemas de Regresso* (2020).

Nessa perspectiva, Geni Guimarães nas frestas dos seus textos, por vezes autobiográficos, revela a valorização da cultura negra, a denúncia de violências, lembranças fraturadas de infância de meninas e meninos negros, como é o exemplo da obra de contos, *Leite do Peito* (1988), cuja autora empresta seu nome à personagem principal, assim Geni costura histórias atravessadas pelo racismo, a pobreza, reflete, de igual modo, sobre a educação antirracista e como a violência epistêmica invalida uma educação de qualidade para pessoas negras. Simultâneo a isso, Guimarães traz à roda de memórias, sabores, vivências com a família que deixa os textos com um cheiro de meninice e que igualmente imprime, como uma fotografia, reminiscências de muitas crianças pretas.

Minha mãe trançava meu cabelo. Ela, sentada num banquinho que meu pai havia feito com os restos de um pilão, quando novo, triturava milho para as galinhas, e eu, de cócoras na sua frente, ouvia silenciosamente: amanhã, seu cabelo tá pronto. Hoje você dorme com o lenço na cabeça que não desmancha (Guimarães, 2001, p. 45).

O trecho da obra *Leite do peito* (2001) traz a representação da mãe preta que trança o cabelo da filha num gesto ancestral, ao mesmo tempo que, devolve as memórias da maioria das meninas negras, sobretudo Geni Guimarães coloca na roda a discussão da representatividade do cabelo, do reconhecimento de meninas pretas marcadas pelo racismo estrutural.

Sublinha Leda Martins (2007):

Ao determos nosso olhar sobre a produção literária de Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Elisa Lucinda e Geni Guimarães, por exemplo, não nos é difícil perceber que a letra ficcional e poética torna-se, em seus textos, um instrumento e um locus privilegiado para uma potente e persistente rasura, descontinuidade e desconstrução, tanto dos inumeráveis vícios de figuratização da persona negra feminina na literatura brasileira quanto de alçamento de uma voz alterna em relação ao racionalismo e sexismo que permeiam oblíquas formas discursivas. Tanto a tradição literária quanto seus engenhos retóricos-ideológicos são revisitados pelas lentes dessas escritoras, que plissam os itinerários familiares do nosso cânone nele imprimindo e espargindo uma certa disritmia e dissonância tonificantes (Martins, 2007, p. 64).

A escrita de Gini Guimarães, como explica Leda Martins, alinhava principalmente as lembranças de um tempo onde o olhar de criança cria novos espaços de reflexão de temas urgentes para sociedade.

— Pai, que cor será Deus...  
 — Ué... Branco- afirmou.  
 — Mas acho que ninguém viu ele mesmo, em carne e osso. Será que não é preto...  
 — Filha do céu, pensa no que fala. Está escrito na Sagrada escritura. A gente não pode ficar blasfemando assim.  
 — Mas a sagrada Escritura...  
 Ele olhou-me reprovando o diálogo, e por que não podia ir mais longe, acrescentei apenas:  
 — É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O senhor é tão bom.  
 Em toda minha vida eu nunca tinha visto o meu pai rir tanto. Riu um riso aberto, amplo, barulhento (Guimarães, 2001, p.71-72).

As narrativas literárias são essa porta de reconexão com um tempo em que a curiosidade permitia a imaginação do novo, um mundo de possibilidades, cuja particularidade só é dada quando se é criança. Guimarães recupera no trecho acima as infâncias negras fraturadas, dar lugar ao lúdico, ao sonho, particularidades muitas vezes retiradas do contexto dessas crianças pretas. Desse modo, Geni Guimarães inscreve-se no contexto literário como uma potência que promove rasgos por meio de uma perspectiva não hegemônica, cuja obra é tracejada por elementos autobiográficos e que reflete sobre questões de identidade, gênero, raça, classe a partir do olhar e vivência de uma mulher negra.

Geni Guimarães é uma escritora, poeta, atriz e dramaturga brasileira, cujo trabalho é marcado pela centralidade das experiências negras, sobretudo feminina, e pela afirmação da identidade afro-brasileira. Com obras que tematizam acerca da oralidade, ancestralidade e construção poética de resistência, suas personagens e vozes líricas são, majoritariamente, mulheres negras que enfrentam o racismo, o sexismo e a desigualdade, mas também afirmam seus saberes, afetos e espiritualidades.

Na feitura desse estudo, exalto mulheres-escritas que se movem para além daquilo que as curvam, ultrapassam o espaço da incapacidade cognitiva imposta pela violência epistêmica. Mulheres pretas cujas vozes deixam de ser infantilizadas para ser validadas, ouvidas atentamente, uma vez que falar, ser ouvido (a), escrever e ler são atos de poder.

Nessa travessia de trançar, as intelectuais negras rompem com o discurso turvo de poder dentro de uma cultura colonial. A intelectualidade negra está subjugada historicamente dentro de um contexto sistêmico que deslegitima nossas produções a partir de uma lógica que coloniza os saberes, as mentes. A construção de conhecimento negada e/ou inviabilizada às negras e negros neste país desnuda a superioridade racial, de classe e de gênero, cujas bases são estruturais e epistemológicas. No texto “Intelectuais negras”, bell hooks (1995) avulta que, “o trabalho intelectual é parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objetos a sujeito que descolonizariam e libertariam as mentes” (hooks, 1995, p. 466).

No desenhar de novas epistemes, vozes intelectuais são importantes para reconfiguração da tecnologia colonial, como as de Conceição Evaristo, que com uma narrativa poética desenha uma literatura feminista e ancestral, inscrevendo-se, rompendo e tecendo com fios da coragem, da teimosia, novas formas de ressignificar o escrever-viver. Nesse sentido, a pesquisadora e intelectual negra, Miriam Cristina dos Santos em sua obra “Intelectuais negras: prosa Negro-Brasileira Contemporânea” (2018) destaca:

Diferentemente de obras que naturalizam a situação de subsistência do negro ou do corpo feminino negro enquanto objeto de troca, Conceição Evaristo traz para cena contemporânea personagens negros como sujeitos e reafirma o compromisso da literatura negro-brasileira com uma representação não estereotipada (Santos, 2018, p. 103).

E, ao mesmo tempo, Conceição Evaristo discute pautas do feminismo negro a partir dessa literatura, ou seja, uma narrativa feminista que se aprende no seio familiar negro, onde mulheres negras são atuantes e mais presentes que homens.

Nessa perspectiva, Evaristo, como uma ancestral mais velha, estende as mãos às novas gerações de mulheres negras, como eu, para assim redesenhar a trajetória, porque são as mulheres que tecem o véu da existência. São as mulheres que erguem as outras para que a vida aconteça. São as mulheres negras que na gira levantam as suas iguais para fortalecer a comunidade, para criar os filhos, para sobrepor às diversas violências que atravessam nossos corpos, sobretudo para ensinar que o amor também nasce nas inconsistências, nos encontros.

A escrevivência tecidas nas obras de Evaristo e de autoras descritas neste estudo também nasce nas chegadas e partidas, do vaivém da vida, do movimentar-se para coser as histórias, no gozo da escrita, nas gargalhadas altas. No comprometimento com outras vozes-mulheres floresce a literatura negra feminina:

A sonoridade dos nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivos de gargalhar e creio que a ela também. E foi tão espontâneo, que me recordei de algo que li um dia sobre o porquê de as mulheres negras sorrirem tanto. Embora o texto fosse um ensaio, lá estavam Isaltina e eu, como personagens do escrito, no momento em que vivemos a nossa gargalhada nascida daquele franco afago. E quando nossos risos serenaram, ela me agradeceu pelo fato de eu ter passado pela casa dela, para colher a sua história. Era uma honra, uma honra! — repetia pausadamente — sempre inquieta a me olhar (Evaristo, 2020, p.54).

O trecho foi retirado do livro que conta vivências de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020). O livro de contos é desenhado a partir de histórias que entrecortam a narradora igualmente com olhares sensíveis e críticos, Conceição Evaristo “inventa/conta” e subverte mulheres pontilhadas pelas dores das relações, pela vida, sobretudo inventadas pelo amor por si e pelos outros. São histórias de violências, de traumas reais, especialmente são reinvenções de subjetividades de mulheres que alvitram o senso comum, juntam os cacos e serenam risos, traços comuns nas narrativas da autora de Minas Gerais.

Gosto de ouvir, mas não sei se sei sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outras, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem as conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto da minha mão a correr sobre o meu próprio, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas... Entretanto afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2020, p. 8).

O contar da vida, o inventar mundos circundam as obras de Conceição Evaristo, porque são escritos que enovelam em nós lugares bonitos, espaços de reflexões, especialmente de trocas sensíveis. Como num rosário, a escritora mineira nos conta, escreve nossas vivências,

nossas sobrevivências. Reza em cada narrativa ficcional lírica que é possível ir além dos muros. “Nas contas do meu rosário eu teço intumescidos sonhos e esperanças” (Evaristo, 2017, p.44). A vida e obra de Conceição Evaristo serão tecidas ao longo dessas elucubrações que me permitirem este estudo, uma vez que o objeto de pesquisa será embebecido pelas escritivências da autora e mãe de Ainá.

Ainda sobre essa busca de pertencimento, intelectuais negras como Miriam Alves elaboram narrativas de si que acionam memórias, angústias, medos, conquistas, desejos. Essas marcas literárias bordam a literatura de Miriam Alves que escreve e estabelece diálogos com outras vivências negras femininas. A escritora paulista (1952) possui um amplo trabalho na poesia, prosa, contos, artigos, ensaios, etc. Fez parte do grupo Quilombhoje (1982) e da segunda geração dos Cadernos Negros (1978). Com discurso feminista e ativismo no movimento negro, Miriam Alves vale-se da escrita para contestar o discurso estereotipado, opressões sexistas, racistas que circundam e violentam os corpos femininos negros. No contrafluxo do cânone, a escritora constrói um tecido literário com marcas políticas e do feminismo negro que reivindicam o lugar múltiplo e que comunica com quem a lê.

Em entrevista à Hiago Rizzi, em 2022, Miriam Alves faz a seguinte colocação:

A minha escrita enquanto mulher negra e escritora tem que ter um viés de saída, não só relatar ou dizer, não só das mazelas ou das alegrias - tem que ter alguma coisa, é ideologia da minha escrita. Tem que ter alguma saída, porque as realidades que eu escrevo são muito duras - a palavra fere, mas também cura. Mesmo que você tenha que dar corte para suturar depois, ela cura. Na escrita, eu quero dar esse corte sabendo que tenho uma agulha de costura e também um analgésico...você nunca está em lugar nenhum a partir do momento em que é negra. Então como você nunca está, vai criando personagens e, para não ser esquizofrênico e psicótico, é escritor (Alves, 2022, p. 2).

Nessa escritura que também salva, cura, Miriam Alves traz em suas obras a relação estética do corpo e identidade de mulheres negras e vale-se desse instrumento literário na construção da nossa autoestima, da autoimagem desses corpos femininos que secularmente são mexidos, violentados pela colonização, pelas discriminações raciais. A escrita de Miriam Alves vai na contramão da colonização do saber, ser. A pesquisadora e professora Cristian Souza Sales (2013) ressalta, de modo igual que:

Evidenciado os seus lugares de enunciação, racial e de gênero, observo que Miriam Alves tem buscado contestar as representações estereotipadas e significações depreciativas disseminadas pelo discurso literário brasileiro e contemporizadas como “verdades” para o imaginário social sobre os corpos das mulheres negras. Diante dos desenhos sociais construídos, a escritora tem buscado desvencilhá-los das marcas de racialização e sexualização impostas historicamente pela dominação masculina falocêntrica e branca, antes de revesti-los de outros significantes literários (Sales, 2013, p. 8).

Desse modo, a autora desenvolve uma escrita pautada em reelaborar novas molduras simbólicas que denunciam o silenciamento, a representação desse imagético que coloniza ainda hoje corpos negros, sobretudo feminino. A literatura produzida por mulheres negras remonta espaços vazios deixados por uma história de violências a partir de uma escrita de criar inteiros, restituir autoestima, olhares sensíveis para si e para outras. Nessa roda de juntar para construir Miriam Alves em sua obra “Juntar pedaços” sobreleva:

“Você faz mosaico? É que percebi sua atenção voltada para estes restos de cerâmicas.” Fiquei sem respostas, não era o caso. Ela continuou: “Eu sou mosaicista. Faço também artesanatos com retalhos de tecidos. Saber juntar pedaços, transformá-los numa coisa bela, é arte. Quer conhecer meu ateliê? Leve alguns cacos, poderá ser útil.” Fomos caminhando, Carla me ensinando como juntar pedaços (Alves, 2021, p.22).

É arte que resgata identidades e aveludam episódios de dor. Mulheres pretas escrevem também para criar um mundo onde vivências negras sejam respeitadas. Para transformar silêncios em ações, como reza em nós Audre Lorde (2019). A linguagem como poder para elaborar processos de deixar cair as folhas de si, para enxergar-se, sobretudo para não morrer. Chamo Audre Lorde, poeta negra e importante voz no feminismo negro, novamente para compor estas linhas com a seguinte máxima presente no texto “Transformação do silêncio em linguagem e ação” (2019):

E quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida. Não nos escondamos detrás das falsas separações que nos impuseram e que tão seguidamente as aceitamos como nossas. Por exemplo: “Não posso ensinar a literatura das mulheres negras porque sua experiência é diferente da minha”. Entretanto, durante quantos anos ensinaram Platão, Shakespeare e Proust? Ou: “Ela é uma mulher branca, o que ela pode dizer para mim” Ou: “Ela é lésbica... O que vai dizer o meu marido, ou meu chefe?” Ou ainda: “Esta mulher escreve sobre nossos filhos, e eu não sou mãe”. E assim todas as outras formas em que nos abstraímos umas das outras (Lorde, 2019, p. 53).

Audre Lorde (2019) nos convoca à sororidade, a espalhar sementes, a construir espaços em que a literatura possa ser um elo para outras discussões. A caminhar em comunidade, difundindo a escrita de outras vozes para decolonizar estruturas que edificam violências, uma vez que a mudez histórica é movida a cada vez que uma mulher fala, apesar das travas, dos muros. Falemos e alto para que outras mulheres possam nos ouvir. E a literatura produzida por mulheres negras é porta para que silêncios sejam audíveis.

Lorde (2019) sublinha, o que neste texto já fora referido, existem mulheres pretas desejosas de falar de si e das suas vivências, é urgente recepcioná-las, ouvi-las atentamente para que a primavera de outras flores possa chegar. Ouvir o canto de nossa ancestralidade, construir

jardins com novas flores é fazer decolonial, é destruir o discurso colonizador e negativo sobre nossa existência.

Meus pensamentos libertos foram ao ápice, numa tempestade de ideias. Trovejou, relampejou, intensificou, os ventos formaram um redemoinho, a chuva de palavras me encharcou, desfazendo significantes das vestes alheias, que cobrem, vendam e insistem em me vender em modelos formais congelados, coisificando minha literatura negra que faço. Fui ficando nua, as gotas de chuvas em vogais e consoantes reluziram outros significados, redescobrimos outros símbolos, ressignificando minha verdadeira nudez (Alves, 2021, p.19).

Mulheres pretas quando insurgem e forjam escritas-movimento, escritas de travessias que tecem em caminhos destroçados, refletem e denunciam violências estruturais contra nossos corpos, desfazem significantes das vestes de outros, como comunica Miriam Alves (2021). É preciso desenroutar e ressignificar outros símbolos para nós mesmas, criar novos imagéticos. Ressaltar e vibrar através dessa literatura é dá força para que rompemos essa corda que aperta nossas mentes, nosso ser e saber incitados por processos atrozos da colonização. A literatura negra é ancestral, nasce, renasce e insurge à colonialidade e nos empresta autoras e autores negros como inventores de conhecimento e nos ajudam a repensar a ideia de estar no mundo.



## 2 ESTUDOS DECOLONIAIS E FEMINISTAS: CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS E FAZEDURAS QUE DESARTICULAM ESTRUTURAS COLONIAIS DE DOR E MORTE

*pretinha  
continuamos tendo muito em comum  
existir de maneira mínima não nos interessa  
nem nos basta  
onde vamos manter  
nossas partes imensas  
se somos mulheres densas*

(Leão, 2019).

Como já exteriorizado nesta pesquisa, a narrativa da colonização é um projeto violento e tem deixado rastros de destruição e aniquilação de corpos e mentes. Na contramão dessa estrutura, o pensamento decolonial ajuda a refletir o desalinho alicerçador de discursos e ações que atravessam nossas vivências, enquanto seres colonizados.

A partir dessas perspectivas, comporão a roda deste capítulo discussões com intuito de pensar acerca do conceito de dororidade à luz das vivências do corpo negro feminino, assim como sobre o feminismo negro e decolonial como ferramentas culturais e políticas de rupturas no contrafluxo de tecnologias coloniais, de modo igual refletir sobre algumas epistemologias de fissuras de ciclos violentos de gênero orquestrado pela cultura sexista e racista sobre os corpos femininos, especialmente os negros e colonizados.

Para isso, tomarei vozes de teóricas brasileiras negras, afro-americanas que nos ajudam a dialogar sobre os conceitos fundamentais, abordagens históricas, elucidações acerca das situações das mulheres negras recortadas pelo racismo, sexismo, patriarcalismo, e tantas outras vozes femininas colonizadas e marcadas pela violência. Assim como, reflito a partir de estudos latinos-americanos para alargar as discussões acerca das demandas e fundamentos feministas afim de mapear sobre o movimento negro feminista e decolonial, para assim, construir estas análises.

Numa construção dialógica, este capítulo também vai refletir sobre a colonialidade e suas implicações no mundo historicamente, especialmente na América Latina aliada ao conceito de modernidade/colonialidade como processos que se equiparam e são termos que este estudo

utilizará como aportes teóricos necessários para posicionamentos aqui destacados. Igualmente, serão teorizados, à luz dos estudos decoloniais, acerca da colonização de poder, do saber, ser como instrumentos de dominação que ainda reconfiguram a ferida colonial e instrumentalizam a permanência do racismo, sexismo, violências de gênero na contemporaneidade. E, ao longo destas elucubrações, propor análises acerca das ferramentas epistemológicas e fazeduras decoloniais na contramão da exploração e morte.

## **2.1 Dororidades: qual a dor da mulher preta?**

A dor da cor está impressa em nosso corpo, mente e saber, se multiplica à medida que avançamos outros espaços, alcançamos outras vozes e interpela os aspectos de gênero e classe, pois são estruturas que nos leem e, em muitas vezes, nos aprisionam em estereótipos e violências constantes ao longo da nossa história negra. “Não existem novas dores, já as sentimos antes” (Lorde, 2019, p. 48).

Nesse sentido, este subcapítulo se desenha para reflexão acerca das dororidades raciais considerando as mulheres negras como ponto fundante da teorização proposta por este texto. Entender, para tanto, de que forma as mulheres pretas redescobrem-se como pessoas negras para só a partir disso, criarem novas epistemologias de re-existências e sobrepor às tecnologias coloniais e as políticas de morte que caminham lado a lado com esse corpo feminino preto. As elucubrações trazidas neste recorte nos levam às perspectivas de temas que se voltam para reverberar sobre a construção da autoestima, autoimagem de meninas/mulheres dentro de uma cultura racista, sexista e epistemicida que ditam padrões sociais, educacionais, religiosos para a população negra.

O termo dororidade que é alvitado neste subcapítulo foi teorizado pela professora pesquisadora e feminista negra Vilma Piedade. Autora do livro “Dororidades”, publicado em 2017 pela editora Nós, se debruça sobre algumas reflexões e teorias no que concerne à raça, gênero e as diversas violências raciais que silenciam, invisibilizam e dororizam os corpos negros, sobretudo o feminino, explica, “a dor que pode ser sentida a depender da cor da pele.” (Piedade, 2017, p.13). Desse modo, a autora amplia e explica o conceito:

Mas, qual a finalidade, no nosso caso, de ter um novo conceito -Dororidade? Será que, como Mulheres Feminista, sororidade não basta?

A pergunta está no ar.

Dororidade. Sororidade. A sororidade ancora o Feminismo e o Feminismo promove a sororidade. Parece uma equação simples, mas nem sempre é assim que funciona. Apoio, união e irmandade entre as mulheres impulsionam o Movimento Feminista. Mas, podem surgir questão como: o conceito de sororidade já dá conta de nós jovens e mulheres pretas... ou não?

O caminho que percorro nesta construção conceitual me leva a entender que um conceito parece precisar do outro. Um contém o outro. Assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta (Piedade, 2017, 13).

Vilma Piedade quando teoriza e propõe novos conceitos dentro da perspectiva do feminismo reafirma que o movimento, cuja representatividade deve abarcar as diversidades das mulheres, não pode se ater a histórias e discursos únicos, mas promover a circularidade étnicas e de gêneros a partir de olhares diversos. A leitura e a proposição de epistemologias outras nasce dessa inconsistência do feminismo que se adequa em modos hegemônicos. A mulher preta pertence às tessituras feministas tendo uma gama de demandas, características culturais, fenóticas, religiosas e não é vista como tal, ou seja, isso denota que o movimento feminista precisa ser equânime, se quiser ser representativo de todos os corpos femininos, para tanto este precisa ficar mais preto.

A interseccionalidade, termo teorizado primeiramente pela estadunidense Kimberlé Crenshaw (2004) para pensar a identidade e suas relações para as mulheres negras dentro do padrão de poder. Esse conceito epistemológico permeia e chama atenção para promoção desses diálogos dentro do movimento. A ausência, a fala silenciada citada pela autora é o espaço onde mulheres negras, indígenas têm feito histórias. É nessa composição que o feminismo antirracista se estrutura, por vezes costurando uma outra perspectiva. Feminismo negro surge da dororidade e quando essas mulheres de cor são visualizadas através de traços hegemônicos, novas avenidas vão se formando para dar conta dessa identidade racial que sobrepõe aos estereótipos históricos dispensados a esse corpo. Essa é uma “dificuldade do feminismo branco em encontrar metodologias práticas interseccionais na condução de suas identidades interseccionais” (Akotirene, 2019, p.35).

Nesse sentido Crenshaw (2004) sublinha que:

As experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ambas as categorias precisam ser ampliadas para que possamos abordar as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam (Crenshaw, 2004, p. 8).

A falta de identidade dessas mulheres, os estereótipos de mães solteiras, chefes de famílias desestruturadas são conceitos eleitos por um padrão colonial, segundo Carla Akotirene (2019). Isso se dá por uma exclusão de gênero e raça dentro de uma estrutura bem elaborada promovida pelo universalismo dessas instâncias jurídicas, culturais, cujos discursos são acrescidos por comportamentos violentos e de morte. Esses fatores reverberam em todos os

aspectos da vida das mulheres negras punindo e privando-as de muitos direitos básicos no ordenamento social no Brasil.

O mapeamento racial, a partir dos movimentos de mulheres daria lugar à sororidade, termo que dá sentido à equidade tão sonhada por mulheres de cor, cuja visão equaliza e unifica essas dores que perpassa a vida de todas as mulheres, a do gênero, mas não nos faz iguais, porque nós mulheres de cor não a sentimos da mesma forma. Falar de dor racial significa pensar sobre os atravessamentos numa lógica, padrão colonial que classifica pessoas, dita comportamentos e fraciona vidas. A vida e morte são determinadas por traços raciais introjetando socialmente um conceito imobilizador, um termômetro que define vivências.

Promover um feminismo interseccional significa instrumentalizar diálogos e ações em todas as instâncias que considere o fato racial e gênero dentro das estruturas jurídicas, educacionais, culturais, religiosas. É sobremaneira oportunizar meninas e mulheres ao pertencimento e respeito ao direito de viver. Interseccionar ações é permite que meninas e meninos negros sejam vistos da mesma forma em salas de aulas que os brancos, é garantir às mulheres negras o caminhar nas ruas sem que estas façam parte de mais uma estatística, que ocupem espaços e discursos de poder sem que sua intelectualidade seja deslegitimizada. É asseverar que a violência doméstica não seja uma prática constante no aumento vidas ceifadas pelo controle do corpo, agravado ao da mulher negra, hipersexualizado e tido como descartável.

Para Carla Akotirene (2019), existem lacunas e avenidas que podem ser preenchidas por um feminismo interseccional, ações sociais e acadêmicas voltadas para essas mulheres. Desse modo, destaca que mulheres negras são discriminadas em vários aspectos e isso as “posicionam em avenidas identitárias que farão destas vulneráveis das estruturas e fluxos modernos” (Akotirene, 2019, p. 37). E para manter diálogos interseccionais, o “feminismo precisa mudar mais a cor, ficar mais preto” (Piedade, 2017, p. 18), ou seja, acolher e viabilizar discursos e vozes que versam do mesmo lugar de subalternidade.

A circularidade do conceito de dororidade carrega em seu significado a dor causada pelo racismo, sexismo e todas as estruturas de poder que isso implica no corpo e na alma de mulheres de cor. Dores que se multiplicam à medida que a soberania da modernidade mantém alimentada a capacidade de ditar quem vive e pode morrer. Nessa roda de proposições, o filósofo Achille Mbembe toma emprestado o conceito de biopoder pensado por Michael Foucault para aprofundar as discussões sobre o uso do poder soberano para determinar vivências, mediante as divisões entre pessoas. Em seu livro, “Necropolítica” (2016), o autor e pesquisador camaronês traz à baila das reflexões em torno do termo para pensar sobre o poder hegemônico e político (biopolítica) do Estado para controle de vidas, a soberania de determinar quais são os

corpos dignos de uma vivência plena ou não, ou seja, a manifestação de poder no controle de mortalidade. A necropolítica está incutida na tecnologia colonial, nas guerras, política de segurança e nas desigualdades estruturais, as quais o Estado se edifica e justifica genocídios, segregações e mortes com argumentações socialmente organizadas. O poder moderno determinado pelo racismo delimita as dinâmicas de poder, excluindo e precarizando vidas, em estado de “morto-vivo.”

Com efeito, em termos foucaultianos, o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte.” Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade de fazer morrer.” Foucault afirma claramente que o direito soberano de matar (*droit de glaive*) e os mecanismos de biopoder estão inscritos na forma em que funcionam todos os Estados modernos, de fato, eles podem ser vistos como elementos constitutivos do poder do Estado da modernidade (Mbembe, 2016, p.128).

Para tanto, a raça é um fator crucial para esse encadeamento de deixar viver e fazer matar ou ainda valer o exercício do biopoder de precarizar as vivências, morto-vivo que, para população sob esse regime, significa ser privado de direitos básicos e dignidade. Sueli Carneiro (2005) em sua tese argumenta igualmente valendo-se desse conceito para refletir acerca das construções raciais no Brasil na perspectiva do outro como não ser. Essa posicionalidade de estar na condição de outridade para construção fundamental para torna-se sujeito lido socialmente a partir dos domínios raciais.

A filósofa argumenta que o dispositivo de racialidade é alimentado pelas imagens e discursos produzidos pelas elites e classes dominantes que rebaixam a cultura e a humanidade negra. O biopoder significa a negritude sob o signo da morte, um instrumento político de assujeitamento, de seleção desses corpos, nos tornamos corpos indesejáveis. Afirma ainda que o expurgo da população negra é um projeto de um “Brasil europeu nos trópicos” (Carneiro, 2005, p.85).

No caso do dispositivo de racialidade além de sua função eletiva ou subalternizadora dos seres humanos segundo a raça, uma nova estratégia de poder pôde somar-se ou a ele acoplar-se (apoando-se em dispositivos de poder anteriores à sua emergência), re-significando-o, instrumentalizando-o segundo essa nova estratégia ou nova tecnologia de poder sobre a racialidade. Agrega-se para Foucault uma nova dimensão, que ele denomina de biopolítica ou biopoder. Nessa biopolítica, gênero e raça articulam-se produzindo efeitos específicos, ou definindo perfis específicos para o “deixar viver e deixar morrer”. No que diz respeito ao gênero feminino, evidencia-se a ênfase em tecnologias de controle sobre a reprodução, as quais se apresentam de maneira diferenciada segundo a racialidade; quanto ao gênero masculino, evidencia-se, a simples violência (Carneiro, 2005, p.72).

Essa tecnologia de poder transforma corpos em espécies, objetos descartáveis à proporção que utilizados. Sueli Carneiro chama atenção para o fator agravante quando se refere ao corpo feminino que atravessado por diversas outras violências, ou seja, a mulher preta é, de diferentes formas, marcada pela racialidade dentro dessa lógica de deixa-viver ou não. Assujeitamentos múltiplos impostos pelo racismo que viola mente e cria crenças que estas são capazes de dores atrozes, porque entende-se esse corpo sem alma, para tanto sem sentimento, cujo aspecto culmina em tratamentos diferenciados no tocante à saúde dessa mulher negra, por exemplo, pois a docilidade não é uma característica destinada aos corpos femininos negros. Animalizadas, as mulheres negras são, em sua maioria, vítimas de violência médica, ato orquestrado pelo dispositivo de diferenciação de sujeitos e sujeitas, recorrendo mais uma vez à argumentação de Sueli Carneiro (2005). De acordo com Jurema Werneck (2016), o racismo e sexismo são fatores sociais estruturais e responsáveis pela “hierarquização social associada a vulnerabilidade em saúde” (Werneck, 2016, p. 539).

Segundo Jurema Werneck (2016), há uma disparidade no tratamento de saúde da população negra. Isso está atrelado às teorias eugênicas no campo da saúde. Afirma, desse modo, que o racismo é um dos elementos principais para as produções de inequidades dentro desse sistema experimentados por mulheres e homens negros, em todos os níveis de escolaridade, faixa etária e fases da vida, o que Sueli Carneiro (2005) chama de “mortes preveníveis e evitáveis” (Carneiro, 2005, p.79).

O racismo delinea a democracia no Brasil, reduz a cidadania quando penetra as relações de poder para estabelecer desigualdades. Somos delimitados por algo invisível, negado pela branquitude que apregoa o racismo como uma invenção de negros alinhado com a ideia de um povo que se vitimiza, não como um sistema bem elaborado de produção de mortes. As lutas antirracistas são travadas nessa cortina negacionista, a força negra combativa precisa ainda perpassar por uma linha tênue de reafirmação de algo quase imperceptível, ajudado pela naturalização de um sistema de opressões politicamente civilizado e engendrado pela sociedade democraticamente racista.

A dor invisível, “dor infligida ao corpo” (Kilomba, 2019, p.161), o dito, o sentido que atravessam nossas subjetividades de forma cruel. Dor às vezes sem nome, materializada em palavras, em ações que percorrem nossas mentes, antes do corpo, indizível, por isso quase imperceptível, “não some, nem desaparece”, mas é instaurada em traumas que nos emudecem.

Nós reconhecemos o racismo mais facilmente quando ele é expresso abertamente e de maneiras diretas. Contudo, a experiência tem mostrado que pessoas *brancas*, muitas vezes, conscientes ou inconscientemente, dissimulam suas próprias intenções racistas

no contato com pessoas negras. O que, por sua vez, pode tornar mais difícil para pessoas *negras* denunciarem o tratamento discriminatório em determinada situação. Assim reformulo a frase que escrevi anteriormente: o jogo de palavras doces e amargas não apenas dificulta a identificação do racismo; ele também é uma forma de produzir racismo. A dificuldade de identificar racismo não é apenas funcional para o racismo, mas também uma importância parte do racismo em si (Kilomba, 2019, p. 162).

A autora nos convoca à reflexão do não dito, já dito e sentido com muita eloquência por negras e negros, o paradoxo do racismo que alimenta as ações das opressões cotidianas. O olhar, a palavra, as insinuações, a desvalorização, negação do outro e suas diferenças é o espaço, cujo racismo se mantém. O fio visível aos olhos negros que brancos sabem costurar de forma eficiente e requintada ao longo dos tempos, pois o racismo é uma dor revisitada que submerge e esfolia a pele, parafraseando o poema *Negro-Estrela*, de Conceição Evaristo, 2017, p.112: “O banzo renasce em mim. Do negror de meus oceanos a dor submerge revisitada esfolando-me a pele [...].”

Dor sentida e exposta que se materializa no corpo violentado, esmiuçado na palavra, no olhar, na negação de direitos. À mulher negra essas feridas são construídas também em outras estruturas opressivas de poder. A estas estão reservadas as cruzeiras de corpo lido como baldio, público, somando-se a isso as relações étnicas, uma vez que somos “objeto de tripla discriminação” (Gonzalez, 2020, p. 60).

*A mulher negra anônima* sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mais ainda porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel, apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (Gonzalez, 2020, p. 64).

Lélia Gonzalez (2020) reafirma que mulheres negras são historicamente construtoras de lacunas onde possam escorrer e edificar novas avenidas de sobrevivências. Somos mulheres-resistências que carregam a energia e a força do refazimento diante do poder de destruição do racismo. Nesse sentido, somos fundamentais para o movimento feminista pelo poder de fazer políticas públicas nas comunidades, nos centros familiares. Somos nós, as negras, que elevamos as discussões feministas na prática cotidiana quando estamos constantemente na gira por sobrevivência dignamente. Somos importantes para construção de teorias dentro desses movimentos sociais e/ou nesses espaços subalternizados, cuja teoria hegemônica feminista e academicista não alcança e invisibiliza.

São as mulheres de cor que politizam as práticas em sociedade, ensinam senso de comunidade, de economia e redistribuição de renda, na solidariedade do cuidado às margens de

corpo escuro, dolorido, submerso, revisitado. Somos nós que inventamos recomeços, quando na correria diária recompomos o amor nas brechas de um corpo em ferido de mulher. Como assevera Leão, (2019, p. 66): “talvez elas queiram nos mostrar que perdemos horas decorando a dor e esquecemos completamente de nos concentrar em nossas continuidades. ” Mulheres negras, ainda que enovelada pelas dororidades, costuram feridas nas margens da ancestralidade de se reconectar consigo mesma e refundir rotas de sobrevivência apesar dos caminhos sem flores, não estacionamos na dor, no corpo esfolado pelas violências raciais e de gênero, mas elaboramos avenidas de resistências, arrolamos movimentos intelectuais, políticos e sociais de lutas por espaços de sobrevivência. Existem primaveras em nós ainda que nos queiram acabadas, ruínas, menos mulher, o banzo renasce em mim, em nós, por isso reinventamos lugares epistemológicos.

## 2.2 Mulheres negras: lutas para reinvenção do lugar das ausências

*A roda dos não ausentes  
O nada e o não,  
ausência alguma,  
borda em mim o empecilho.  
Há tempos treino  
o equilíbrio sobre  
esse alquebrado corpo,  
e, se inteira fui,  
cada pedaço que guardo de mim  
tem na memória o anelar  
de outros pedaços [...]*

(Evaristo, 2017, p.12).

Este tópico traz ao centro do debate as lutas de mulheres colonizadas, especialmente negras no que tange a ideia estereotipada e violenta sobre esse corpo-margem, de modo igual sobre e o processo de rompimento do lugar de subalternizado e produtor de vazios seculares dispensados a esse corpo feminino. Discutirei sobre como a luta do feminismo negro reivindica o olhar interseccional de raça, classe no que tange às pautas feministas hegemônicas, inicialmente arrolado acima. Reflito ainda acerca de como isso reverbera nos conceitos e os apontamentos do feminismo decolonial enquanto promoção de novas formas de pensar as relações de gênero em detrimento às opressões na contramão da colonialidade/modernidade.

A partir do exposto acima e considerando as diversidades ideológicas, discursos e objetivos coletivos, o feminismo, enquanto movimento social, pluraliza-se para dar conta da diversidade de caminhos e necessidades que nós mulheres, em nossas diversas demandas,



temos, igualmente em relação à raça, classe e sexualidade. Segundo Lélia Gonzalez (2020), o feminismo fundamentado na teoria e prática, teve fundamental relevância em nossas lutas e proporcionou olhares ampliados na construção de “uma nova maneira de ser mulher” (Gonzalez, 2020, p.140).

Para tanto, escrevemos, dialogamos, teorizamos para termos nossos “feminismos revisitados”, termo utilizado por Luiza Bairros (2020), importante intelectual negra e militante do movimento negro, para referir-se a saber tencionar e ter os feminismos lidos e refletidos acadêmico, político e socialmente. Assim, o movimento feminista negro se organiza afim de desmontar a imagem racista e sexista defendida pelo patriarcado institucionalizado de “receptáculos, portadoras de cargas” (Hooks, 2014, p.8) para, desse modo, tecer olhares bonitos e afetuoso em relação à imagem feminina-negra desmistificando padrões e criando condições de existência e reexistência, como reza (Leão, 2019, p.62): “me faço ancestral para as que virão e isso basta. ”

Doravante as pluralidades de lutas de mulheres, o feminismo negro atua propondo novos lugares para reinventar as contendidas e as diferenças sociais, culturais pelas quais as mulheres negras passam. Nessa esteira, fazemos história quando nos aquilombamos, resistimos, ficcionalizamos nossas vivências enquanto seres pensantes e produtoras de conhecimentos. Partindo dessa premissa, este estudo traz ao centro o Feminismo Negro e decolonial com o interesse de refletir a partir das reelaborações e lutas diferentes de mulheres negras e não negras colonizadas, cujos corpos são envesados pela colonialidade de gênero, do poder, do ser e do saber.

Nós, mulheres negras, estamos historicamente descontinuando, rasgadas pela dor de sermos/existirmos. Dororidades que atravessam nossos corpos e nos fazem repensar estratégias de sobrevivência incessantemente. Desse modo, destaco que a dor tem cor quando refletida sob o viés da colonização, é preta e está legitimada nas sombras, no vazio, como refletido acima. Corroborando nesse sentido, a intelectual e importante voz no movimento de mulheres negras Jurema Werneck (2010) destaca que:

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos (Wenerck, 2010, p.10).

Partindo desse lugar eurocêntrico, produtor de ausências, a mulher negra tornou-se invisível para a sociedade, corpo-alheio sujeito à marginalidade, como numa ciranda intérmina

reinventando suas subjetividades para composição de identidades, porque mesmo fraturado e colonizado esse corpo agiganta-se, inventa lugares e constrói-se político e por vezes poético, uma vez que está cotidianamente girando e buscando formas de viver para além da subalternidade, da estranheza que o sistema colonial condicionou ao longo dos séculos e permanece até os dias de hoje.

Assim, nessa perspectiva de fazer pertencente a espaços e, ao mesmo tempo, com objetivo de rupturas históricas e hegemônicas, o movimento feminista negro se estrutura propondo discursos e ações que combata realidades voltadas para estruturas eurocentradas de mulheres marcadamente brancas. Nesse sentido, Sueli Carneiro (2019), filósofa e intelectual do movimento negro afirma que, o movimento feminista eurocentrado traz um conceito universalizante, ou seja, considera as mulheres com experiências identitárias únicas, sem, no entanto, refletir acerca das humanidades, especificidades que compõem as pautas femininas negras. Sobre isso Luiza Bairros (2020), importante voz feminista pontua que, “não existe identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada” (Bairros, 2020, p.211).

Ambas as autoras corroboram com a afirmativa da filósofa Djamila Ribeiro (2018) que explica que enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto, nós negras estávamos reivindicando esse lugar das ausências, “lutando pelo direito de ser consideradas como pessoas” (Ribeiro, 2018, p.52). Essas generalizações do ponto de vista corpo-mulher-negra põem em evidência o mito da democracia racial no Brasil, cuja teoria difunde a ideia de que o racismo inexistente. Enquanto que este sistematiza as desigualdades sociais e afeta as mulheres negras em diversos âmbitos, já que é uma construção ideológica que inferioriza, discrimina a população negra e hierarquiza opressões de gênero. Acerca disso, Lélia Gonzalez (2020) destaca que:

*O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a *sintomática* que caracteriza a *neurose cultural brasileira*. Nesse sentido, veremos que a articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (Gonzalez, 2020, p.76).*

A crença de negação com relação ao racismo é fator importante para a manutenção da colonialidade e está relacionada à classificação e reclassificação de pessoas, ou seja, um sistema socialmente articulado para reduzir vivências num pseudoprojeto de modernidade colonial, que organiza e categoriza o mundo em vieses separáveis. O mito da democracia racial é, na mesma proporção, orquestrado pela literatura branca e hétero, cujas descrições em diversas obras

normalizam as violências como parte de um processo passivo, educacional do homem branco, como discutido no capítulo seguinte.

Dessa forma, mulheres pretas continuam “guetizadas”, estereotipadas por sua cor, aparência, hipersexualizadas e retiradas dos contextos sociais de privilégios, ou seja, as maiorias não se beneficiam das conquistas pelo feminismo na teoria embranquecida, ainda ocupam posições profissionais de pouco prestígio, trabalhos manuais, sem acesso à educação de qualidade o que culmina num elevado índice de analfabetismo e com os menores salários diante da população ativa, comparadas às mulheres de pele branca.

Sob o olhar desumanizador de sensuais, sexualmente acessíveis e fortes trabalhadoras, vivemos em constante batalha por sobrevivência sem direito ao afeto, ao descanso. Essas e outras fantasias coloniais estão inseridas cotidianamente no imaginário no que diz respeito aos corpos femininos negros ainda na contemporaneidade. Pontos de vistas negativos que institucionalizam os discursos e a forma de enxergar a mulher negra historicamente. Sueli Carneiro (2020) ratifica que somos parte de um grupo de mulheres que não conhece essa condição de mulher frágil, se considerarmos toda a estrutura escravagista.

À despeito do mencionado, Lélia Gonzalez (2020), sublinha:

Nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um *sistema ideológico de dominação* que nos infantiliza. Ao impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa história (Gonzalez, 2020, p. 141).

É válido, portanto, mencionar que essa ideia construída socialmente acerca do corpo negro feminino foi concebida a partir do recorte histórico e perspectiva colonial, ou seja, nesse período, as/os africanas/os escravizadas/os, as/os indígenas eram vistas como não humanos, objetificadas/os. Enquanto o homem branco, burguês, colonial tornou-se símbolo de civilidade, urbanidade com poderes de decisão e políticos de uma sociedade.

A mulher branca burguesa, por sua vez, era caracterizada como símbolo da beleza, da passividade e pureza, com as quais se constituíam famílias legítimas. Representava, desse modo, o lar e a subserviência ao homem branco. Em contraposição, ao redor da mulher negra criou-se uma imagem de “exótica, provocativa, tais características chegam a aproximá-las de forma animalisca, destinada exclusivamente ao prazer sexual” (Carneiro, 2019, p.153).

Essa dualidade gerada nesse recorte histórico influenciava diretamente nas relações que foram se estabelecendo a partir de então, incluindo a visão social, política, sexual e humana no que refere aos povos que foram colonizados e marginalizados. Nessa relação de constituição de

seres dicotômicos, homens e mulheres não eram enxergados como seres humanos, mas sim na categoria de macho e fêmea. Acerca dessa animalização e considerando esta premissa, é mister destacar que no período da escravidão as mulheres negras não possuíam gênero, veemente conveniente à exploração, “quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens” (Davis, 2016, p. 19).

Diante desse processo classificatório, propunha-se, a partir do cristianismo, uma “missão civilizatória”, instrumento no qual objetivou-se o acesso violento aos corpos dos colonizados, sobretudo negros e negras. Tem-se, portanto, o apagamento de identidades, subjetividades e da memória de povos através da colonização. Nós estamos, enquanto mulheres racializadas, condicionadas a essa classificação de objeto, de descarte, de animalização, no limbo do vazio.

O processo colonizador criou os/ as colonizadas/ os para reproduzir ideias de reduções dos seres. Nesse sentido, Hooks (2014, p.8) assinala que mulheres negras foram colocadas como sem almas, isto é, a “inata habilidade de serem tremendas portadoras de carga.” É válido destacar, nesse sentido, que a função da imagem negativa é coisificar, oprimir, ou seja, são rótulos que definem a mulher negra nesse lugar inautêntico de guerreira, semi-humana, “objeto-alheio”, corpo-margem.

Esse espaço de coisificação enfatiza e amplia a fabulação de mulheres negras na condição de outridade. “Mulher negra como o outro negativo, a antítese da imagem positiva do homem branco” (Collins, 2016, p.105). É urgente, nesse sentido, a construção de estratégias que transfigurem a visão da mulher negra frente à sociedade. E essa mudança já tem se efetivado ao longo dos tempos e a partir de discussões, ações políticas de lutas para que nós negras sejamos parte desse processo de maneira fértil.

A partir desse desenhar de teorias e movimentos de reflexões que contrariam e desalinham situações opressivas pelas quais as mulheres negras estão colocadas é que o feminismo negro reverbera suas falas, pontuando que os entrelaçamentos entre raça, classe e sexualidade aprofundam e desmitificam ideais racistas. As manifestações se tornarão incoerentes sem esses caminhos de intercruzamentos para pensar o corpo preto feminino em sua amplitude.

### **2.3 Feminismo Negro: rupturas interseccionais e produção de rotas de sobrevivência**

As lutas feministas eram conduzidas, é importante lembrar, à priori, por mãos igualmente dominantes e com olhar e demandas específicas, especialmente os privilégios de

mulheres brancas burguesas, portanto o recorte de classe foi bem definido por muito tempo a partir de uma ideologia dominante, hegemônica e capitalista<sup>18</sup>.

Nesse ínterim, o Brasil perpassa por um contexto histórico ainda marcado pelo regime do colonialismo. A escravidão assolava os países da América Latina, enquanto que a Europa e os Estados Unidos já promoviam transformações no âmbito social, político e histórico. Nesse retrocesso, as mulheres brasileiras viviam sob os desmandos dos maridos e exploração dos corpos, sem direitos à fala, limitadas à reprodução. Destaca-se, não obstante, que a situação das mulheres negras é historicamente diferente, uma vez que estas partem de um cenário escravista que se contrapõe às mulheres brancas, cujos corpos eram violentados e privados de qualquer direito, já que no Brasil colônia o homem era dono dos corpos das esposas, das filhas, sobretudo das escravizadas, conferindo a estas o tom da crueldade.

A partir do século XIX, o Brasil República já enxergava algumas mudanças em relação à mulher na sociedade. Nísia Floresta<sup>19</sup> é um nome importante de liderança das lutas feministas, sobretudo pelo direito à educação. A partir do século XX surgem as primeiras mobilizações lideradas por Bertha Lutz<sup>20</sup>. Desse modo, movimento sufragista<sup>21</sup> reivindicava que o voto feminino fosse considerado um direito legítimo.

À vista desses recortes abreviados das mobilizações promovidas por mulheres ao longo da história é que o feminismo enquanto movimento político e social se sustenta, para dismantelar opressões, violências de gênero e promover a igualdade, embora esse movimento inicialmente não tivesse sido interseccionado por outros atravessamentos como os de raça,

---

<sup>18</sup> Em meio às grandes transformações no século XIX na Inglaterra e França, o capitalismo como força motriz para a modernidade reestabelece os papéis entre homens e mulheres, principalmente na constituição da família e do mercado de trabalho. Essa relação se dá, porque o sustento das casas deixa de ser uma obrigação só do homem, visto que a Revolução Industrial mobilizou essa mulher ao trabalho por ser mão de obra barata. Assim, as mulheres passam a ter participação ativa nas atividades trabalhistas e a renomear os aspectos da submissão, uma vez que a inferioridade acontece também nos salários, nas condições trabalhistas. Mulheres que viviam cargas excessivas de trabalho iguais à mão de obra masculina, porém com salários bem mais baixos.

<sup>19</sup> Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto ganhou visibilidade na luta de mulheres no processo educacional e defendia que as mulheres eram seres sociais com direito à educação científica.

<sup>20</sup> Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres (Pinto, 2010, p.16).

<sup>21</sup> É mister dizer que, as mulheres em meio a todas essas violações, negações de subjetividades, organizam-se para promover e lutar por igualdade de gênero, principalmente para sobrelevar a uma estrutura de opressão e desse modo, o feminismo ganha visibilidade na Europa a partir das últimas décadas do século XIX, tomando forma de movimento. Na Inglaterra a luta pelo direito de votar se populariza e assim, as sufragistas, como ficaram conhecidas, lutaram e convocaram outras mulheres para endossar as inquietações e enfrentamentos.

classe, sexualidade, nesse sentido, criando-se um fosso histórico de demandas que considerasse outros aspectos, outras vozes. Assevera (Carneiro, 2019, p.314), “mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. ”

Segundo Patrícia Hill Collins (2016), o feminismo negro é um movimento de e para mulheres negras. Desse modo, parte de perspectivas e teorias que versam acerca de corpos negros femininos que ocupam lugares diversos. Tem-se, portanto, a ideia de um movimento que considera as experiências e vivências singulares, mas que se tornam plurais, porque partem do mesmo ponto de subalternidade.

O feminismo, a partir dessa visão, transforma mulheres em sujeitos políticos, isto é, ao “politizar desigualdades de gênero” reverbera e propõe ações subjetivas a partir de novas perspectivas levando em consideração as individualidades e identidades de cada grupo de mulheres, seja de cor ou não, porque a não universalização deve parir demandas múltiplas, abarcar as experiências diversas, sobretudo as “multirraciais, pluriculturais” (Carneiro, 2019, p. 198), uma vez que somos diversas.

Imbuídas nessa perspectiva de lutas por um “tempo feminino”, o movimento feminista negro é um recurso social, político e intelectual contra a sociedade patriarcal, sexista severamente marcada por uma cultura arrumada em práticas e discursos racistas, misóginos que ceifam vidas. Desse modo, Hooks (2018) enfatiza que o feminismo é um movimento que apregoa o fim de explorações sexistas. Vislumbra, igualmente, oportunidades e igualdades de direitos e não pode ser lido como uma luta anti-homens, como muitas vezes é caracterizado.

As lutas por tempos igualitários evocam ideologias como o racismo, sexismo, práticas que institucionalizam o patriarcado, isto é, convicções autoritárias que colocam em risco conquistas feministas. Essas doutrinas autoritaristas fortalecem as relações de poder também entre mulheres, ou seja, são práticas que sobrelevam e perpetuam as diferenças.

Existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam. Enquanto as feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, só reproduzir as velhas e conhecidas lógicas de opressão (Ribeiro, 2018, p. 53).

A teórica Djamila Ribeiro, (2018), traz ao centro uma máxima que é a reprodução de opressões femininas em detrimento a outras mulheres. Essa é uma reflexão importante no que tange à consciência de pensarmos os discursos que nos aprisionam, uma vez que não se nasce feminista, é preciso um longo processo de fazedura. “Enquanto mulheres assumirem a bandeira

de políticas feministas sem abordar e transformar seu próprio sexismo, o movimento ficará prejudicado” (Hooks, 2018, p.27).

É importante reiterar que as mulheres negras, não negras colonizadas continuam duplamente a serem exploradas, violadas em seus direitos no mercado de trabalho e nas proteções de suas casas, cuja subordinação se constitui em suas relações afetivas sob o regime violento do patriarcado e, igualmente, a serem consideradas como cidadãs de segunda classe.

À luz dessas e outras teorias, no Brasil, o feminismo negro se estabiliza por volta dos anos 1980, intensificando as discussões no III Encontro Feminista Latino-americano em Bertioga, São Paulo, 1985. Nesse recorte temporal, algumas mulheres negras organizavam-se para garantir a visibilidade social e política no movimento feminista. Por meio de reuniões estatais, as negras ganhavam vozes e reivindicavam pautas feministas voltadas para mulheres negras.

De acordo com Ribeiro (2018, p. 51), aqui as negras escreveram sobre o tema feminismo de maneira específica, mas outrora já produziam uma literatura voltada para esses temas, ainda que sem nomear como discursos feministas “mulheres negras já desafiavam o sujeito mulher determinado pelo feminismo”. A autora reafirma que mulheres negras sempre estiveram à frente de lutas e pautas feministas, ainda que não fossem prioridade e, ao mesmo tempo, com olhares e vozes segregadoras pelo movimento. Enfatiza bell hooks, (2018):

Mesmo antes de raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para mulheres negras (e para as revolucionárias aliadas da luta) que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente (Hooks, 2018, p. 19).

Angela Davis (2016) enfatiza, desse modo, que essas lutas desde do século XIX não abarcam todas as necessidades das mulheres, inclusive as negras. São vieses diferentes, porque são classes e condições igualmente contrastantes. Pensar em lutar e resistir é compreender que existem contextos verdadeiros, diversos e que precisam ser vistos dentro de outras perspectivas.

A fala clássica da ex-escrava americana abolicionista Sojourner Truth em um discurso sobre direitos dos negros, sufrágio intitulado “Eu não sou mulher” já trazia uma temática bastante sintomática do feminismo que é a universalização das mulheres e a desumanização de corpos femininos negros:

Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e comer tanto como um

homem, quando tinha o que comer— e aguentei as chicotadas! (Truth, 1851 *apud* Ribeiro, 2019, p. 51-52).

O discurso de Truth desconcerta e ratifica a dissonância do feminismo hegemônico e a invisibilidade das mulheres negras de suas pautas. Igualmente, inaugura essa discussão sobre a imagem da mulher negra como semi-humana, carga da sociedade racista. Elucida, especialmente sobre a importância de refletir sobre o lugar que ocupamos para promover novas epistemologias e insurgir contra aquilo que nos anula.

Partindo desta premissa, é válido ressaltar que as primeiras manifestações por igualdade de direitos estão entre as mulheres negras, se considerarmos o contexto escravistas e colonial pelo qual elas passaram, no qual lutaram contra práticas abusivas e violentas como o estupro, dentre tantas outras de seus senhores. “O estupro é uma maneira efetiva de controle social patriarcal, que restaura e mantém o poder masculino sobre mulheres. Ao mesmo tempo, isso sugere às mulheres negras, e a todas as mulheres, que ser sexualmente assertiva pode levar à punição” (hooks, 2019, p. 283).

O ato de resistir destas mulheres já dera início às muitas pautas das quais o movimento feminista se alimenta na contemporaneidade. Portanto, reinventar-se continua sendo uma questão de sobrevivência, de reconstrução de identidades. Para nós, enquanto mulheres negras, ser feminista é o mesmo que ser “forasteira de dentro”, por estar sempre de fora socialmente e instrumentalizar discursos e práticas nas vivências cotidianamente. É resistir, brigar por políticas públicas, ainda que em silêncio, por ser o seu próprio sujeito político frente à sociedade.

Nessa busca por caminhos homogêneos ou vias de lutas que abarque as diversidades que compõem o grupo de mulheres negras, o feminismo negro critica a universalidade dos corpos femininos e enfatiza a importância da interseccionalidade entre gênero, raça, classe, sexualidade para refletir sobre as pautas que instrumentalizem as necessidades das mulheres na contramão de um feminismo eurocentrado. Sobre isto, Carla Akotirene (2019) destaca que o feminismo negro é atravessado pelo racismo, cisheteropatriarcado, capitalismo e essas relações interseccionalizam o corpo feminino. Assim, o movimento está pautado em discutir sobre essas “avenidas identitárias” que marcam de forma opressiva as mulheres de cor dentro da perspectiva colonial moderna ao longo dos tempos.

Reitero a voz de Akotirene (2019), para fazer alusão aos nomes já mencionados das intelectuais negras que fazem atos de respostas, de recusa ao movimento homogeneizante e branco.



Teoria, metodologia e instrumento prático, a interseccionalidade revela o ciclo lunar da militância encabeçada pelas intelectuais negras, numa diversidade de marés na história do feminismo, rejeita a brancura das ondas feministas, que não passaram experiências da colonização e nem sequer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar presa às correntes eurocêtricas e saberes narcísicos (Akotirene, 2019. p.22).

A partir da teoria da interseccionalidade, as lutas feministas são enxergadas numa nova perspectiva fora do eixo da Europa e considerando, para tanto, as expectativas e necessidades de mulheres negras e não negras, esses novos caminhos de reverberação surgem a partir do feminismo decolonial, cujo objetivo é reivindicar lugares epistemológicos e interseccionais à luz de vivências reais nas comunidades, em nossas casas, em nossas relações enquanto mulheres de cor, colonizadas e marcadas por violências bem estruturadas e direcionadas às vozes que se levantam contrárias ao apagamento e silenciamento histórico.

Nessa compreensão e para que estas análises sejam profícuas, é importante fazer um recorte temporal e histórico no interesse de alargar as ponderações no que se refere à colonização e o movimento que decoloniza, em muitas medidas, essas práticas que dessolam corpos, especialmente femininos.

## **2.4 Reflexões Decoloniais: apontamentos teóricos**

A ideia de modernidade nasce em 1492 quando a Europa passa a ser vista como centro do mundo e tudo que se contrapõe a isso torna-se dissemelhante, irregular, periférico para a história global. Um fato histórico que marca esse pensamento eurocêntrico é a chegada do navegador/invasor Cristóvão Colombo ao continente americano. A partir dessa re-descoberta dá-se o começo de um “novo mundo”, “caminhos de prosperidade”, “de revoluções”, isto é, o ser moderno a custo de violências, sequestros, estupros e dizimação de vidas ao longo de toda essa cronologia de acontecimentos. Recortes importantes que esta tese se ocupará ao longo deste subcapítulo.

Nesse cenário, a fantasia do moderno é carregada pela ideia do Outro como inferior que culmina na descoberta, no “encobrimento” dessa imagem, do ser-pessoa. A construção do outro como dominado é sinônimo de apropriação do corpo, mente, sexualidade dos povos racializados que foram invadidos e saqueados em nome do *mito da modernidade*, conceito difundido pelo filósofo Enrique Dussel, em sua obra *O Encobrimento do outro: origem da modernidade*, (1993), onde explica que o vislumbre moderno surge dessa relação de dominação do centro

sobre a *periferia* e a constituição da Europa como eixo cêntrico do mundo, assim como, na composição violenta do outro/colonizado. O autor explica que:

A modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas “nasceu” quando a Europa pôde confrontar com seu Outro e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como ego descobridor, conquistador, colonizador da alteridade constitutiva da própria modernidade (Dussel, 1993, p.8).

Nessa construção, a modernidade traz consigo a ideia paradoxal e violenta de encobrir o já existente para assim se perpetuar sobre pessoas, culturas, modos de vida. Invisibilizar o outro, fazer deste um objeto. Nessa esteira, Aníbal Quijano (2005, p.10) ratifica que, “todo conceito de modernidade é necessariamente ambíguo e contraditório”. Logo, o projeto moderno-colonial se edifica na redução e desumanização de pessoas, o encobrimento como forma de apagamento de subjetividades, desse modo, tornar inferior para explorar, incongruência histórica que marca a relação conquistador e conquistado.

Nesse sentido, Enrique Dussel (1993) sublinha que encobrir é fazer deste outro sua imagem e semelhança, ou seja, tudo que foi construído antes da conquista dos europeus, corporeidades, vivências, religiões perderá seu efeito com a chegada dos invasores. “A modernidade da Europa torna todas as outras *periferias* sua” (Dussel, 1993, p.33). Desse modo, o existir não pertence ao colonizado, mas à imagem do dominador. Nesse alpendre de negações e explorações, elaborou-se a modernidade, a colonialidade como complementares. Sobre isto assevera o professor e teórico argentino, Walter Mignolo (2017, p.2) “A modernidade veio junto com a colonialidade: a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada explorada sob a bandeira da missão cristã”.

Imbuídos nessas discussões, é válido explorar o conceito de colonialidade à luz de teóricos que validam e criticam esse termo para que sejam feitos aprofundamentos necessários neste estudo. Para alguns teóricos da América Latina, conforme mencionado acima, colonialidade e modernidade são equivalentes, ou seja, “não há modernidade sem colonialidade. Por isso, a expressão comum contemporânea de modernidades globais, implica em colonialidades globais” (Mignolo, 2017, p. 3). Faces da mesma estrutura, uma alimenta a outra e ambas promovem violações de humanidades.

Nelson Maldonado-Torres (2008), filósofo porto-riquenho sobreleva ainda, nesse sentido, que colonialidade e o colonialismo possuem significados distintos, uma vez este tem relação política e econômica entre os povos, enquanto que colonialidade refere-se à padrões de poder, ou seja, o modo como o conhecimento, as relações entre os sujeitos acontecem e esta

surge no meio capitalista e na superioridade entre raças, isto é, parâmetro para relação colonial que se estabeleceu desde da conquista das Américas. Acrescentamos, de modo oportuno a essa tríade conceitual, a colonialidade do ser, do saber, de gênero discutidas no decorrer destas linhas.

A partir desse pensamento egoístico moderno é que são edificadas as violações ao longo dos tempos. A Europa como história única, instituiu soberania nas relações econômicas, subjetivas. Por meio desses discursos e olhares europeizados, a América Latina, África e Ásia são retiradas, inferiorizadas, reclassificadas como menores, subalternizadas. Nessa movimentação, o eurocentrismo se constitui como um exemplo de superioridade, redução de individualidades, que o autor Dussel vai chamar de “componente mascarado e sutil” (Dussel, 1993, p. 17).

Desse modo, é válido mencionar que o eurocentrismo não tolera a coexistência de variados saberes, culturas que não estejam ocidentalizados, ou seja, inviabilizando, minimizando e construindo estereótipos aos modos de vida de outros povos. Dessa forma e em nome dessa soberania autoritária, o eurocentrismo divide o mundo entre novo e velho mundo. A América é o que se pode caracterizar de novo, desconhecido, até então pouco dominado pelos europeus. Assim, a título de exemplificação, as explorações dos povos originários, dos africanos aconteceram de maneira feroz e desumana.

O ego moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego: os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como outros, mas como Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado como matéria do ego-moderno. E foi assim que os europeus (particularmente ingleses) se transformaram como, diziam antes, nos missionários da civilização em todo o mundo (Dussel, 1993. p.36).

À sombra de uma “tese eurocêntrica”/egocêntrica são montados mecanismos de dominação, ou seja, de forma cruel é desenhada uma estrutura sólida e arrumada em discursos coloniais, cujas ações destroem tradições, valores de um povo. A invenção traz a imagem do “encontrado”, “descoberto”, “desconhecido” que, segundo os colonizadores, precisam ser civilizados, catequizados, modernizados nos ideais superiores da Europa, para assim, vesti-los de uma cultura ocidental, tal qual folhas em branco. Tem-se, portanto, de acordo com Dussel (1993), o *Outro* como imagem de *si-mesmo*, a autoconstituição do ser, imagem e semelhança do europeu/branco, assim, os colonizados foram inventados a partir de uma civilidade, encobertos em suas identidades.

Nessa perspectiva, a modernidade/colonialidade perdura cultuando feridas ainda abertas com projetos vívidos de redução de sujeitos/sujeitas. Uma das formas de sustentação dessa

estrutura é a colonialidade de poder, termo defendido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, para definir uma das formas de opressão de corpos dentro da conjuntura colonial. Conforme Quijano (2005), a colonialidade de poder nasce da ideia de raça como “codificação das diferenças”, para tanto, é nesse eixo que se constitui toda a relação de dominação entre o conquistado e o conquistador, sendo o fator fundante da subjugação colonial.

Assim, colonialidade de poder se vincula a classificação de pessoas dentro de um padrão biológico na América e mais tarde, no mundo. Desse modo, se situam e formam-se sujeitos no aspecto da inferioridade em detrimento ao outro/ branco. Quijano (2005) ratifica que está nessa estrutura violenta a origem de todas as condutas históricas de controle do trabalho, das subjetividades.

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes das Américas. Talvez se tenha originado com referências às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência as supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu nas américas identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços e redefiniu outras (Quijano, 2005, p. 1-2).

Por meio dos ideais de diferenciação e naturalização dessas discriminações é que nós, enquanto corpos racializados, somos atravessados por inúmeras violências, cujas práticas ceifam vidas, categorizam pessoas e produzem o racismo como um comportamento atemporal sustentado ainda na contemporaneidade como uma realidade cruel e negligenciada pela sociedade. Sobre isto Kilomba (2019), sobreleva:

O racismo é uma realidade violenta. Por séculos, ele tem sido fundamental para o fazer político da Europa, começando com os projetos europeus de escravização, colonização, e para a atual “Fortaleza Europa”. No entanto, o racismo é, muitas vezes, visto como fenômeno periférico, marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política de alguma forma localizado na superfície de outras coisas, como uma “camada de tinta”, que pode ser “removida” facilmente (Kilomba, 2019, p.71).

O texto traz ao centro um exemplo comum no Brasil que se alimenta dessa opressão, ao mesmo tempo prega que não existem racistas brasileiros, ou seja, a negação paradoxal e esteada que vitimiza e mata pessoas racializadas. Visto como “outras coisas”, uma “camada de tinta”, a qual pode ser retirada, metáfora utilizada pela autora, ilustra que o racismo edifica as relações, mas não as determina, ideia folclórica contemporânea de que vivemos democraticamente quando o assunto é raça.

Nessa via, o racismo é assolador e estrutural, uma vez que o conceito de raça está associado às situações históricas, atrelado ao conflito, ao poder, igualmente não é considerado

um problema institucional, cultural, religioso. Assim, a história da raça ou das raças é a base da sociedade contemporânea, porque é a constituição política, social e econômica. Este conceito surge instrumentalizado no contraste, nos ciclos de destruição impostos pela colonialidade e sistema escravagista. Como explica Mignolo (2017), “ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis” (Mignolo, 2017, p. 4).

Autorizados pela supremacia europeia universalizante, a classificação das pessoas serviria para a submissão sistemática que instituiu a violência massiva, ao longo da história, dos povos originários, africanos. Povos indígenas catequizados, explorados e negados suas identidades, religiões, ancestralidades e linguagens para ceder ao poderio europeu/civilizado. Em conformidade a isso Francielle Suênia da Silva (2022) pontua:

O genocídio dos povos originários foi uma das primeiras marcas da modernidade/colonialidade. A ideia de supremacia dos europeus também pode ser observada na escolha dos vocábulos, a exemplo de descobrir e conquistar, estando ambos ligados ao processo de destruição da cultura dos indígenas (Silva, 2022, p.27).

Práticas violentas repetidas com os negros e negras que foram igualmente submetidos às crueldades da escravidão, retirados em sua dignidade. Homens e mulheres desumanizadas, estupradas e mortas. Apartados de seus lugares em nome da superioridade de raça orquestrada pela modernidade/colonialidade. Para Dussel (1993), “a colonização da vida cotidiana, do índio, escravo africano pouco depois, foi o primeiro passo para o processo “europeu” de modernização, de civilização, de subsumir (ou alienar) o Outro como a si mesmo” (Dussel, 1993, p.50).

De acordo com Quijano (2005), essas visões modernas de poder mundial estão sustentadas sob alguns aspectos, pela ideia de raça, como manifestado acima, instituindo um padrão mundial e universal de classificação pelo capitalismo, como um modo padronizado de exploração e violação de direitos e o eurocentrismo caracterizado como uma maneira de dominação das “subjetividades, intersubjetividades, em particular no modo de produzir conhecimentos” (Quijano, 2002, p.1).

Com base nessa ordem colonial e por não respeitar o diferente, o mito da modernidade/colonialidade é assegurado com rastros de violências reconfigurados nos dias atuais. Corporeidades e subjetividades sendo colocadas nesse lugar de outridade, na alienação que desumaniza e priva violentamente o outro de ter sua própria identidade. De modo igual e ancorados pela colonialidade de poder, edificam-se outras formas de

colonialidade/modernidade que sustentam a colonização dos corpos/mentes mantendo o sistema-mundo em funcionamento como a colonialidade do saber, do ser, gênero, ou seja, convenções que legitimam as diferenças sociais, epistêmicas para dominar os colonizados.

A colonialidade do saber se desenvolve a partir da não aceitação, difundida pela colonialidade, que saberes diversos podem coexistir. O eurocentrismo nasce e se estrutura nessa inferiorização, na imagem invertida, como menciona Aníbal Quijano (2005), “a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete” (Quijano, 2005, p.14). Assim, o eurocentrismo é o conhecimento instituído pela Europa tomado como padrão mundial hegemônico e imposto como única forma de produzir saberes. Dessa forma, são mantidas e estimuladas visões intelectuais manipuladas pela colonialidade de poder, saber empoderando mecanismos e elegendo princípios dualistas, bárbaro/civilizado/branco/negro/homem/mulher/científico/acientífico.

Colonizar o saber, significa, sobretudo, reduzir e apagar conhecimentos de povos subalternizados. É, portanto, tornar obsoletas todas as formas de saberes ancestrais, a linguagem, a religiosidade, os cultos, crenças dos povos originários, afrodescendentes. É, outrossim, classificar como menor/periférica, excluindo práticas científicas que destoam de discursos já padronizados e universalizados pela academia hétero/branca/patriarcal. A esse respeito, Kilomba (2019) acrescenta:

Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar (Kilomba, 2019, p.53).

Nesse movimento, tem-se o tradicionalismo acadêmico com interesses voltados para a unicidade hegemônica de elaborar conhecimentos, desse modo, “subvaloriza, silencia e invisibiliza” (Curiel, 2020, p.128) a produção daqueles que estão fora do padrão. Colocados à margem, vozes de intelectuais racializadas/os são reclassificadas/os como menores, acientíficos.

Quijano (2005) reitera que somos compostos por diferenças e fomos ensinados, enquanto corpos colonizados, a nos enxergarmos como uma imagem única no “espelho eurocêntrico” e, a partir do olhar do outro, aprendemos a ser quem não somos, distorcidos. Nessa lógica, os colonizados foram explorados, violados, mutilados configurando a colonialidade do ser, “ser colonizado/condenado” (Maldonado-Torres, 2008, p 27). Nessa concepção, Nelson Maldonado-Torres reflete sobre outro termo importante na gira desses

apontamentos, a colonização do ser e assevera que é um fator importante para que ainda haja a “persistência da colonialidade” e nesse sentido, afirma, “a colonialidade do ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de caráter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades” (Maldonado-Torres, 2008, p. 27). Nega-se, portanto, a humanidade aos sujeitos/as colonizados/as, o direito de ser pessoa. Colonizar/controlar o ser nos mais diversos aspectos, na sexualidade, nas relações de gênero, no saber, etc.

Acerca desse conceito, a professora e pesquisadora Pilar Cuevas Marín (2013) sublinha:

Lembremos que a colonialidade do ser nos remete à dimensão ontológica da colonialidade, sobretudo quando determinados seres — sob as dinâmicas e discursos de poder com os quais contam — se impõem a outros seres. O ser entendido não mais como uma entidade universal e neutra, mas como uma categoria ontológica específica que, a partir do pensamento ocidental e da conquista, impôs a superioridade e diferenciação de alguns seres (Marín, 2013, p. 99).

O ser, no recorte colonial, desumanizado, pensado a partir da lógica de supremacia ocidental, ou seja, sujeitos racializados categorizados como macho e fêmea, brutalizados. Humanidade negada às pessoas racializadas com objetivo de explorá-las, instrumentalizadas por um discurso de poder, pensados e difundidos sob os corpos colonizados, como afirma a autora acima, para a promoção de batalhas, usurpação de terras, genocídios.

São, para tanto, ferramentas de controle que aprofundam a chaga colonial e a mantém em movimento edificada no projeto civilizatório europeu que coisifica e animaliza sujeitos. Práticas de opressão que promovem explorações, visões preconceituosas e violentas que tem ceifado vidas por séculos, uma vez que, a ferida colonial não cicatriza, mas encontra uma nova maneira de dor, de sangrar, porque ainda está aberta.

É mister, portanto, entendermos o funcionamento e a manutenção de tais lógicas a fim de que possamos criar mecanismos e perspectivas de resistência. Através dessa necessidade de elaborar novas metodologias epistêmicas para sobrepor a dominação é que o pensamento e teorias decoloniais estão fundamentadas.

Na trilha de propor caminhos de reinvenção, o pensamento decolonial surge como um dos mecanismos epistêmicos de “aprender a desaprender” (Mignolo, 2008, p.4), isto é, o movimento decolonial são ações e lutas contra padrões de poder impostos pela colonialidade/modernidade. Segundo Catherine Walsh (2013), decolonialidade é um “projeto para resistir, transgredir, emergir, criar e influenciar” (Walsh, 2013, p. 25).

Nesse sentido, o pensamento decolonial traz uma nova dimensão para refletir acerca das relações coloniais. São teorias e práticas como desobediência epistêmica que nos fazem refletir

que há possibilidades de humanização de corpos colonizados frente ao plano de morte moderno. Nesse movimento, (Mignolo, 2008, p.4), afirma que “a opção decolonial é epistêmica, ou seja, se desvincula dos fundamentos genuínos, dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimentos. ”

A partir dessa lógica, é importante mencionar que a palavra epistemologia deriva dos vocábulos gregos *epistemes* que significa conhecimento verdadeiro e *logos* que é a ciência do conhecimento. Temos, para tanto, o conhecimento decolonial como uma ferramenta que contrapõe discursos propagados sem fundamentação, irreais. Assim, o “desencadeamento epistêmico”, proposto por Walter Mignolo (2008), são metodologias possíveis ancoradas em reflexões importantes, cujas práticas descortinam e fomentam novas perspectivas a realidades existentes.

Imbuídos em articular caminhos epistemológicos de sobrevivência, resistência para sobrepujar a cultura eurocêntrica, Catherine Walsh (2013), no texto *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*, (2013) teoriza o termo pedagogia decolonial como instrumento para transgredir e criar mecanismos de humanização de povos colonizados. Retoma conceitos de Paulo Freire para refletir a educação como instrumento de mudanças da realidade, assim como, conhecer para transformar e entender os lugares que ocupamos para reverberar criticamente e revertê-los.

Neste bojo, avança ainda os preceitos defendidos por Franz Fanon nas obras “Pele negra, Máscaras brancas” (1952), cuja livro disserta sobre os entendimentos das mazelas e opressões que acometem os corpos colonizados. Walsh (2013) defende, à luz desses importantes teóricos que, o sistema colonizador situou negros e negras na condição de animais e, nesse sentido, o olhar decolonial para esses corpos é, sobretudo devolver direitos a humanidades, à vida com subjetividades respeitadas.

Desse modo, a autora explicita que o pedagógico aliado ao fazer decolonial tornam-se “metodologias organizacionais, analíticas e psíquicas que orientam rupturas, transgressões, deslocamentos e inversões de conceitos e práticas impostas e herdadas” (Walsh, 2013, p. 64). A partir desse olhar como ação formativa e coletiva, a autora traz ao centro a máxima de “reaprender a ser homens e mulheres”, de sermos vistos como ser-pessoa, não mais como objetos.

Esse movimento decolonial e pedagógico de olhar de novo para as mesmas realidades e reelaborar novos contornos é feito ao longo dos séculos pelas pessoas colonizadas por meio de práticas sociais, culturais de resistência cultuados e preservados pela oralidade, memórias,



religião, música, dança, literatura etc, assim, corpos colonizados (re)inventam vidas, dignidades, (re) existem, (re) configuram, sobretudo vivências.

Nessa conjuntura e na contramão da morte, indivíduos atravessados pela colonização traçam caminhos de lutas e reverberação. Exemplifico epistemologias construídas por negros e negras, que se organizam social e politicamente para combater e/ou denunciar as atrocidades do racismo, do sexismo, da discriminação seja ela social ou educacional pelas quais negras e negros passavam e ainda, infelizmente, convivemos. Pensar negritude no mundo é refletir sobremaneira acerca do corpo negro enviesado por uma cultura eurocêntrica. Assim, organizados em movimentos, o povo negro critica e transforma a realidade racista ao longo da história, encontrando, nesse sentido, formas de transgressões, de travessias para ultrapassar contextos que nos inferiorizavam, invisibilizam em nossas práticas sociais e uma desta foi a linguagem, a escrita, a arte como rompimento dos silenciamentos estruturais. A produção literária negra brasileira é uma forma de desalienar a palavra e trazê-la para perto.

Nesse contexto, bell hooks (2019), teoriza:

Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem — e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado (Hooks, 2019, p. 36-37).

A literatura, como a arte de (re)fazer palavras, de escrever o corpo, é, nesse sentido, um movimento decolonial que transgride barreiras de violências históricas e promove deslocamentos de objetificação à humanização desses corpos. A existência do *corpus* literário afro-brasileiro é marcada por subjetividades gestadas a partir de vivências de mulheres e homens negros, como assinala Evaristo (2009), ou seja, são ferramentas decoloniais que rasuram a produção de conhecimentos sustentadas em bases eurocêntricas, como tem sido delineado nessas linhas de pesquisa.

A partir desses deslocamentos, Grada Kilomba (2019) ressalta que, “escrever contra significa falar contra o silêncio e marginalidade criados pelo racismo. Essa metáfora que ilustra a luta das pessoas colonizadas para acessar a representação dentro dos regimes brancos dominantes. Escrever contra o sentido de opor” (Kilomba, 2019, p. 57).

Dessarte, a escrita é uma prática epistemológica, como já exposto, que desarruma estruturas coloniais. Nessa perspectiva, é força propulsora que rompe cativeiros historicamente impostos. É a maneira, sobretudo, de manter-se viva num sistema que propaga violência, é, desse modo, sair do lugar das ausências, enquanto sujeito e desafiar a posição de

outro/subalterno/periférico/marginal. Assim, seguimos travando lutas insurgentes para a afirmação de aspectos identitários na diáspora que a custo se equilibram, mas persistimos na esperança de um mundo que valorize nossas heranças e memórias para que outras sejam construídas sem que vidas se esvaíam.

Nessa esteira, criar um modo novo de mirar-se no espelho disruptivo das explorações ao longo dos séculos é uma forma ancestral de decolonizar os desmandos da colonização. Entender quais são os processos de escravização e encontrar ferramentas de lutas e epistemológicas. Elevar-se na inexistência e invalidação do saber, do ser, do gênero, do corpo, sexualidade criada pela cultura eurocêntrica, assim, construir pontes de aprendizagens e re-aprendizagens, deslocamentos para revalidar e desenhar pertencimentos.

Nessa roda de refletir sobre ferramentas de lutas e caminhos de resistências de pessoas colonizadas, é importante trazer ao centro desses aportes teóricos vozes femininas para estender e aprofundar esses deslocamentos no que se refere às violências impostas pela colonização de gênero que vitimizam mulheres historicamente. Na contracorrente, nós, mulheres, mulheres negras refazemos diariamente rotas de fugas e agigantamos discursos para sobrevivermos à cultura de morte, cujo principal projeto está voltado para nossos corpos, principalmente quando se é negra/o, corpo-alheio, como já classificado. A partir dessas rachaduras urgentes é que o feminismo negro se edifica. Elevo, portanto, algumas discussões sobre os estudos feministas decoloniais para avultar este estudo.

## **2.5 Tecendo fios entre o feminismo decolonial e as lutas de mulheres negras**

Decolonizar o olhar, enxergar-se como mulher negra e saber que práticas de combate ao que nos violenta em pequenos detalhes diariamente já são caminhos profícuos na contramão da cultura da morte pulverizada historicamente pelo colonialismo. O feminismo negro parte desse pensamento decolonial para conceituar os alinhamentos interseccionais dentro do movimento, refletir que as necessidades das mulheres negras devem ser enxergadas a partir do olhar racial e de gênero, enovelado acima por este estudo.

É a partir desse movimento de dismantelar essas opressões de gênero, é que a intelectual e socióloga argentina, María Lugones (2020) reflete a cerca do que ela chamou de *colonialidade do gênero*, acrescentando a teoria tríade, colonialidade de poder, saber e ser. Lugones discute e critica Quijano por entender que a colonialidade de poder e raça estruturam de maneira central as relações e as determinam nas disputas de controle, contudo essa discussão é limitada, segundo a autora, porque não compreende as mulheres colonizadas e racializadas,

uma vez que estas historicamente não têm poder, foram subordinadas e violentadas. Desse modo, afirma que há um sistema moderno colonial de gênero atravessado pela raça dentro do padrão colonial, ou seja, as opressões construídas a partir dessas relações de poder. Baseada nessa concepção, a autora sublinha que:

América e Europa estão entre essas novas identidades geoculturais; europeu, índio, africano estão entre as identidades “raciais”. Essa classificação é a “expressão mais profunda e duradoura da dominação colonial”. Com a expansão do colonialismo europeu, a classificação foi imposta à população do mundo. Desde então, tem atravessado todas e cada uma das áreas da vida social, tornando-se, assim, a forma mais efetiva de dominação social tanto material como intersubjetiva. Desse modo, colonialidade não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas. Ou seja, toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade (Lugones, 2020, p.57).

Lugones (2020), nesse sentido, destaca que esses elementos de opressão não estão separados um do outro e todos fazem parte do projeto moderno colonial de violação de pessoas. “Ao produzir a classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e sociais”. (Lugones, 2020, p. 57). Explica dessa forma que, a colonialidade não se limita às questões raciais, mas todos os aspectos da vida social operando violências.

Para María Lugones (2014), se não há uma categoria na qual as mulheres poderão ser consideradas tal qual são, porque de acordo com o sistema de colonização, a mulher colonizada é “vazia”<sup>22</sup>. “Nenhuma mulher é colonizada, nenhuma fêmea colonizada é mulher. Assim, a resposta de Sojourner Truth<sup>23</sup> é obviamente não” (Lugones, 2014, p. 939). Na lógica colonial, as categorias de gênero são homogêneas dentro de cada padrão eurocêntrico e colonial, ou seja, cada uma elege um dominante dentro dessas denominações, na categoria mulher escolhe-se brancas e burguesas heterossexuais, homens, brancos “machos, burgueses héteros, brancos”. Entre mulheres negras e homens negros não existe categorias, há a ausência, “a intersecção nos

---

<sup>22</sup> De acordo com Angela Davis (2016), isto era umas das ambiguidades do sistema colonial/ escravocrata, porque ao desconsiderar o gênero, mas num contexto de submissão aos senhores e feitores, as mulheres eram iguais aos homens nos serviços, nos açoites, mutilações, excetuando aqui as práticas de estupro, ação violenta de dominação que era acometida às mulheres, em sua maioria. Paradoxalmente, no entanto, criavam-se estruturas em que mulheres negras não podiam mostrar igualdade de gênero, ao mesmo tempo em que “expressam essa igualdade em atos de resistência” (Davis, 2016, p. 36).

<sup>23</sup> Sojourner Truth, ex-escrava que se tornou oradora no encontro na Convenção de Direitos das Mulheres e proferiu um dos seus discursos famosos, “E eu não sou uma mulher? ”, em 1851.

mostra o vazio” (Lugones, 2020, p. 60), uma vez que nós negras, colonizadas estamos situadas no lugar lacunar, marginal.

Nesse sentido, evidencia-se que a dominação se concentra na não relação interseccional desses elementos, raça, classe, gênero, sexualidade, veementemente ignorados pelo feminismo hegemônico eurocêntrico. Sobre isto, afirma Akotirene (2019), “a ausência de articulação entre raça, classe e gênero, tanto na teoria feminista quanto na produção afrocêntrica, por certo criou inobservâncias interseccionais produtoras do alarmante cenário de violência contra mulheres negras” (Akotirene, 2019, p. 35).

A interseccionalidade revela o que não conseguimos ver quando categorias como gênero e raça são concebidas separadas uma da outra. A denominação categorial constrói o que nomeia. Enquanto feministas de cor, temos feito um esforço conceitual na direção de uma análise que enfatiza a intersecção das categorias raça e gênero, porque inviabilizam aquelas que são dominadas e vitimizadas sob a rubrica das categorias “mulher” e as categorias raciais “negra”, “hispanica”, “asiática”, “nativo-americana”, “chicana”; as categorias que invisibilizam as mulheres de cor (Lugones, 2020, p. 59).

O feminismo branco não criou mecanismos metodológicos e antirracistas para dar suporte às mulheres racializadas. Ficamos no alheamento e submetidas às diversas violações de direitos. Assim, reafirma Lugones (2020, p.60), “ ficamos com a tarefa de reconceitualizar a lógica da intersecção” e criar ferramentas de lutas contra a opressão e colonialidade de gênero. Nessa esteira, María Lugones introduz o termo feminismo decolonial como um movimento intelectual possível contra a animalização, objetificação de corpos femininos colonizados.

A tarefa da feminista decolonial começa por ver a diferença colonial, resistindo enfaticamente a seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela enxerga o mundo com novos olhos, e então deve abandonar seu encantamento com a “mulher”, com o universal, e começar a aprender sobre os outros e outras que também resistem à diferença colonial (Lugones, 2019, p. 371).

A autora nos convida, como forasteiras de dentro, a olhar para nossas subjetividades enquanto construtoras de conhecimentos, de identidades diversas e marcadas por tantas opressões a encontrar novos lugares para produção de discursos de poder. Outrossim, sugere que feministas brancas, “mulheres-exceções” (Gonzalez, 2020) reflitam sobre práticas que viabilizam opressões de gênero e reproduzam a superioridade branca dentro do movimento para assim propor mudanças direcionadas e assertivas em relação às suas companheiras.

Nesse sentido, o projeto do feminismo decolonial parte de ideias de um movimento que produza conhecimento a partir de narrativas políticas que ecoem lutas endossando vozes. “O feminismo decolonial nos oferece uma nova perspectiva de análise para entendermos de forma

mais clara os entrelaçamentos entre raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica” (Curiel, 2020, p. 121). Destarte, pensar a partir de teorias decoloniais é abrir novos leques para justapor sistemas de poder e suas narrativas de opressão, cujos corpos de mulheres subalternizadas são submetidos. Na gira de novos apontamentos epistemológicos e conceituais, a antropóloga e teórica feminista, Ochy Curiel (2020), explica:

O que chamamos de feminismo decolonial, conceito proposto pela feminista argentina María Lugones, tem duas fontes importantes. De um lado, as críticas feministas feitas pelo Black Feminism<sup>24</sup>, mulheres de cor, chicanas, mulheres pobres, o feminismo autônomo latino-americano, feministas indígenas e o feminismo materialista francês ao feminismo hegemônico em sua universalização dos conceitos mulheres e seu viés racista, classista e heterocêntrico; de outro lado, as propostas da chamada Teoria Decolonial, o projeto decolonial desenvolvido por diferentes pensadorxs latino-americanxs e caribenhxs (Curiel, 2020, p. 125).

O feminismo decolonial surge no bojo dessas reivindicações de mulheres colonizadas, dentre estas, negras a partir do feminismo negro sobre o apagamento e/ou invisibilidade das pautas pela igualdade de gênero a partir dos entrecruzamentos de raça e classe, uma vez que o feminismo negro nasce dessas vivências entre ser mulher e negra, ou seja, as reivindicações feministas no entremeio dessas dimensões de silenciamento mútuo. O feminismo negro, portanto, está ancorado pela perspectiva decolonial para combater a dupla opressão, racial e de gênero, cujas as marcas atravessam, de modo igual, os corpos de todas as mulheres colonizadas.

Nesse sentido, o feminismo negro à luz dessa vertente toma para si os preceitos como instrumento de fortalecimento das ideias de movimento que contemplem as experiências singulares, mas coletivizam-se, nesse contexto, os corpos femininos alheios, à margem, ou seja, o pensar decolonial surge como uma nova opção de representação, de enfrentamento à lógica do processo colonial. A partir dessa perspectiva, o feminismo negro teoriza e reforça a relação interseccional entre raça, classe, gênero como construtores de um movimento sólido, eficaz e permite às feministas entendimento crítico no que tange às pautas de mulheres subalternas. “A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que foram interrompidas” (Akotirene, 2019, p. 65).

---

<sup>24</sup> O feminismo negro ganha visibilidade entre os anos 1960 e 1980 por conta da Fundação da *National Black Feminist*, (NBFO) nos Estados Unidos, em 1973. A organização abordava temas como sexismo e racismo contra mulheres negras, discutia, principalmente sobre as necessidades no cerne do grupo dessas mulheres negras. Em Nova York, essas mulheres pretas não só requeriam condições de igualdade, como também desmitificar a imagem da mulher negra frente à sociedade, igualmente reivindicavam cargos de lideranças, bem como o direito de serem enxergadas como mulheres, como vozes dentro de uma classe social, lutavam, acima de tudo pela libertação do povo negro.

Assim, construindo pontes de diálogos diversos e entendendo o movimento feminista decolonial como ferramenta de reflexão e reconstrução de realidades opressivas, a pesquisadora e filósofa, Yuderkys Espinosa (2013) afirma que , “o feminismo decolonial significa uma transformação radical das relações sociais que têm oprimido e subordinado as mulheres pobres, indígenas afro e mestiças” (Espinosa, *et al.*, 2013, p. 405), a autora teoriza sobre a visão do pensamento feminista decolonial num viés pedagógico que questiona para transformar, ou seja, olhar com criticidade para realidades de violências racistas, sexista. Ancorado no projeto feminista pedagógico, Espinosa destaca que somente no diálogo é que mudanças serão efetivadas para romper estruturas coloniais “onde tudo parece justificado” (Espinosa, *et al.*, 2013, p. 407). As mulheres racializadas sempre colocadas no lugar de incapacidade, incompletude. É necessário caminhar para transformar, pontua. Produzir conhecimento, para pensar a si como um corpo decolonizado, que rompe barreiras coloniais e propõe trilhas epistemológicas possíveis.

Para corroborar com os debates e, de modo semelhante, ajudar a refletir e alargar apontamentos, trago também à roda de teorias decoloniais feministas a compreensão da teórica Breny Mendoza (2021). Segundo a autora, Lugones é de grande relevância na compreensão da lógica genocida da colonialidade de poder e, ao mesmo tempo, reflete sobre a colonialidade do gênero como um fator para eliminação e exploração situados nessa caracterização sobre as mulheres de cor de não-humanas, cuja visão e discurso culminaram no apagamento “físico e simbólico” de muitos povos colonizados. Nessa via de pensamento, acrescenta que:

Quer seja tirado de Lugones, de estudiosas feministas indígenas dos Estados Unidos ou se estudiosas feministas latino-americanas, o pensamento decolonial nos ensina importantes lições. A lógica racializante introduzida nas Américas em 1492 fez muito mais do que estruturar uma relação entre colonizador e colonizado; ela estabeleceu formas de pensar e modos de poder que moldaram e continuam a moldar as relações sociais e políticas que permeiam todos os aspectos da vida. Reconhecer a profunda influência da racialização e da atribuição do gênero é essencial para o entendimento adequado do passado, para os esforços de transformar o presente e para as estratégias de visionar um futuro diferente (Mendoza, 2021, p. 283).

Partindo desses construtos de subjetividades, de idealizar lugares possíveis de diálogos e práticas decoloniais igualitárias de gênero, onde mulheres de cor possam falar e serem ouvidas dentro das suas individualidades e, ao mesmo tempo, produzirem memórias e semear em terra onde o arado seja frutífero, reflito igualmente sobre minha trajetória de mulher preta influenciada por *vozes-mulheres* também negras que ajudaram a compor a minha tessitura, pois

tenho em mim muitos nomes, porque antes sou bisneta, neta, filha e sobrinha de caxeiras<sup>25</sup>, benzedeiras, professoras e líderes de movimentos sociais e pastorais de mulheres que trilharam e, ainda o fazem, caminhos de volta e contornos, de saberes, desse modo, evoco a cada leitura e escrita feita para ampliar este subcapítulo como forma de “enegrecer o feminismo”, como sugere Sueli Carneiro (2019, p. 313) e suas lutas, para assim, decolonizar itinerários, especialmente os acadêmicos.

### Sankofa

herdei de minha mãe a coragem  
para me erguer e prosseguir  
e também os seus fantasmas  
quando choro as lágrimas vertem por duas  
por todas as vezes em que ela se sentou no sofá  
com a mesma expressão de luzes rompidas  
uma mulher forte é uma mulher interrompida  
minhas palavras recorrem aos seus silêncios  
[...]

herdei de minha mãe  
as garras que se prendem ao que se quer  
eu amo tudo que ela criptografa  
e quando descubro estão em mim  
seus sinais, desejos e fugas  
suas notas de perda estão bem guardadas  
e cabe a mim manter as colisões

[...]  
herdei de minha mãe  
o não esquecimento  
e a urgência em nos compor

(Leão, 2019, p.26-27).

Há urgências de nos compor, de manter os olhos atrás envoltos nas nossas ancestrais, visto que somos constituídas a partir de experiências profusas diariamente e, ao mesmo tempo, atravessadas no tocante à feminilidade amplificada pela doçura das individualidades que se agigantam quando lutamos por um mesmo propósito, uma vez que, “o feminismo como estilo

---

<sup>25</sup> Cantadeiras, rezadeiras e dançantes do festejo tradicional maranhense chamado “Divino Espírito Santo”. Festa que reúne milhares de pessoas para entoar cantos e homenagem ao santo/encantados/orixás na encruzilhada de paradoxos que resulta no balançar entre o divino e o profano, colonial e o decolonial e, ao mesmo tempo que, reverencia as/os ancestrais negras e negros e ainda a religião de matriz africana como mina, a umbanda e o candomblé. As caixeiras, como assim são chamadas, são as mulheres pretas, “divindades” que compõem e estão à frente do festejo há séculos.

de vida introduziu a ideia que poderiam haver tantas versões quantas fossem as mulheres existentes” (Hooks, 2018, p.21).

Assim, desejar por um feminismo antirracista, pedagógico, decolonial é, sobretudo, sonhar para além de nossas amarras e tecer com fios de esperança caminhos para as que virão, como já fizeram nossas ancestrais. Composições históricas que mulheres colonizadas já fazem ao longo dos séculos. Mulheres negras recompõem esses trajetos sempre que decolonizam a mente, o saber quando produzimos conhecimentos e ultrapassamos a colonialidade do ser ao reconstituirmos subjetividades e, sobretudo quando nos reconhecemos fora das grades simbólicas de animalização e modelos fixos que invalidam nossas vivências, sobrepondo às opressões de gênero. Perceber-se a partir de práticas decoloniais é desenhar caminhos de re-existência, isso já fazemos e teorizamos enquanto mulheres negras, enquanto corpo racializado, corpo-margem.



### 3 POESIA NEGRA BRASILEIRA: TRAVESSIAS ANCESTRAIS PARA ENCONTRO DE ÁGUAS LÍRICAS E EMANCIPAÇÃO DE CORPOS FEMININOS NEGROS

*Houve um tempo  
em que a velha me buscava  
e eu menina, com os olhos  
que ela me emprestava,  
via por inteiro o coração da vida.*

*Houve um tempo em que eu velha  
houve um tempo em que eu menina...*

(Conceição Evaristo, 2017)

[...]  
*Busquei a palavra certa  
até encontrar a quietude  
presença cura*

(Ryane Leão, 2019)

No alargar desta gira ancestral peço licença à Conceição Evaristo e Ryane Leão para costurar comigo estas bordas finais da pesquisa e, ao mesmo tempo, compor fios poéticos acerca da escrita negra feminina que emancipa e desarticula narrativas estereotipadas sobre corpos femininos negros. Reflito guiada pela poética de ambas sobre a violência epistêmica que encobre a mulher negra num discurso de desmerecimento de afeto, no lugar marginal de sustentáculos, ou seja, discursos coloniais que ferem corações e mentes. Igualmente, esta seção, propõe compreender de que modo a poesia negra brasileira transforma a escrita em travessia, ao mesmo tempo em que restitui memórias afetivas e ancestrais inscritas nos corpos. Envolvida pelo lirismo de Conceição Evaristo esta teoria versa acerca do corpo-travessia bordado na poética de autoria feminina negra como epistemologias na contramão da colonialidade do ser, como simbologia de traçar caminhos de volta embalados na memória e no corpo-escrevivência evaristiano. Desse modo, a poeta costura e reza sobre subjetividades e identidades negras, pois sua escrita é atravessada por consciência política, social e crítica às opressões de raça, de gênero. Entrelaça, para tanto, gerações e saberes ancorados na oralidade, na escrita como desdobramento de uma leitura de mundo que nasce na pele, no corpo, na intelectualidade negra que resignifica nossos olhares para o mundo.

Nas margens deste texto, abro a roda e dou as mãos à Ryane Leão, cuja escrita de ventania, que sob o céu da poesia de rupturas, provoca deslocamentos de cura reexistência,

percepção de si como reconstrução possível da autoestima, autoamor, desejo de pertencimento. Trata-se de epistemes que possibilitam pensar os corpos feridos de mulheres negras e, a partir deles, desenhar travessias de esperanças. Nessa perspectiva, serão abordadas temáticas que norteiam a escrita da autora, como, amor, reconstrução de si, religiosidade atravessada por imagens distorcidas pela dor, e, sobretudo, o modo como a escrita feminista de Leão acolhe esses corpos machucados e oferece abrigo.

O todo deste capítulo estará voltado para refletir sobre as mulheres negras oceânicas<sup>26</sup> que agarram-se na escrita, na literatura para desvendar caminhos sobre si, para si e para o mundo. Corroboro com o que diz Ryane Leão (2017, p. 187), “quanto a mim serei poesia até o fim.”

### **3.1 Poesia evaristiana: reza memorialística ancestral de e para as mulheres pretas**

Este capítulo tem o objetivo de entender de que maneira a escrita evaristiana reza sobre os corpos femininos sopros de ancestralidade e memórias de mulheres pretas que estão secularmente recalculando caminhos de sobrevivência. Como a poesia de Conceição Evaristo cria espaços de uma escrita travessia que nos abriga, enquanto mulheres negras, faz repensar nossos corpos, nossa espiritualidade, nossas mentes e nossos saberes para além daquilo que foi enraizado à luz da colonização.

Partindo desses pontos de elucubrações e outros desenhados a partir de reflexões traçadas ao longo destes caminhos e de outros que irão surgindo à proporção que o lirismo da escrita evaristiana nos convocar, nos provocar, serão elencados temas sobre religiosidade, sensibilidade feminina, lutas feministas e narrativas memorialísticas e ancestrais de nossas mais velhas, assim como a oralidade, a percepção do vivido que inspira o transbordar das escrevivências bordadas por Evaristo quando morde a palavra, “o tutano do verbo para assim versejar o âmago das coisas” (Evaristo, 2017, p.123).

Como nos ensina Conceição Evaristo (2017), a poesia navega por mundos submersos, lugares nos quais os silêncios são alcançados e revolvidos. Esse despertar da mudez faz da palavra uma ação transgressora, pois penetra, lampeja, acorda de sonos históricos àqueles que precisam alumiar discursos e promover rupturas, especialmente abriga, desafia, comove quem

---

<sup>26</sup> Termo usado pela autora Ryane Leão para referir-se às mulheres em suas profundidades. “Alguém que me pergunte/ se tem sido fácil cruzar os meus oceanos/ ou se o mar está revoltado/ como nunca (Leão, 2019, p.44). Utilizando ainda na poesia por Evaristo no tocante às navegações, travessias e movimentos do corpo preto: “meu corpo igual/boia lágrimas, oceânico/ cravando buscas” (Evaristo, 2017, p.15)

a lê e a quem precisa que a linguagem atravessasse corações e mentes. A escrita-poesia, nesse sentido, é movimento não apressado, na maciez de uma mineira que transforma a linguagem em sentir, em devir, inventa um território só nosso, um quilombo, cuja poética se desdobra em alinhavos e costuras de vivências marcadas por dores. “ Quando chego de Minas/ trago sempre na boca um gosto de terra. [...] trago sempre nos bolsos/ queijos, quiabos babentos da calma mineira [...]” (Evaristo, 2017, p.101).

O lirismo de Conceição Evaristo com a quietude peculiar abrandando nossa marcha para que nosso olhar se volte para trás, para si e elabore nossas pertencas. Esse ato *sankofa* faz de nós ancestrais de Evaristo, porque somos nós mulheres, mulheres negras que rasgamos os véus que encobrem a vida nas acontecimentos da poesia negra feminina, da ancestralidade, da coragem. Acerca dessa premissa, a intelectual e poeta Heleine Fernandes de Souza (2020) pontua que:

Acredito que as situações dessas mulheres na poesia e na academia se dão de modo paralelo e complementar, ambas guiadas pela elaboração de um pensamento descolonizador, que cria saídas e desvios de epistemicídio. Nessas duas frentes de trabalho, dois campos da escrita postos em diálogo essas poetisas-intelectuais, intelectuais-poetisas, usam a palavra para produzir pensamento, epistemes afro-diaspóricas, afirmando subjetividades que partem do lugar de fala de mulheres negras, criando recepção crítica e meios de legitimação para literatura negra (Souza, 2020, p.121).

Sob esse olhar, nossa escrivência é desdobrada nos *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), de Conceição Evaristo, objeto de estudo desta tese, cuja escrita promove deslocamentos de rupturas decoloniais frente às violências epistêmicas, assim como evoca muitas mulheres a serem continuidades, reverberar a si e às outras como canto recíproco de resistências. Conceição Evaristo, em perspectiva e em tons memorialísticos traz à roda a força feminina que multiplica vozes de mulheres negras e, ao mesmo tempo, politiza essa voz e esse corpo demarcando discurso de um feminismo negro bem definido.

Esse movimento decolonial de dar luz ao protagonismo das mulheres pretas faz da literatura evaristiana um importante quilombo onde a *escrivência*, a pluralidade, a memória, a identidade representam e constroem essa escrita que nos move. “É uma literatura que suplementa aquela habitual, não deseja golpeá-la, mas sabotá-la, repetir para transformá-la”, explica a pesquisadora Cristiane Côrtes (2018, p.54).

Para Evaristo, a escrita se confunde com vivência e existência no “amalgamar da vida e arte”. Nas palavras da autora, escrever é apreender a vida, é estar no mundo:

De Clarice me seduz a afirmativa de que “aprendizagem da escrita está no mundo”, concordo, mas substituo por “a aprendizagem da escrita está na vida. ” Pois foi da e na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja

página foi o chão. Observar o mundo é de grande valia, mas meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive que aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. E profundidade me trazia o concreto, a vida com suas mortes, a realidade confrontando o sonho; “os sonhos moldados a ferro e a fogo.” “Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação da vida, da existência (Evaristo, 2020, p.34).

Uma escrita-viver que a autora faz e mistura com outras letras, caligrafando outras mulheres, cujos mundos se apequenavam e que a imaginação sobrava e soprava em nossos ouvidos a possibilidade de sermos pessoas. É sobre isto também que reflete Evaristo, sobre pertença em um mundo que priva oportunidades para a maioria, sobre orifícios que vamos articulando à medida que a palavra chega para nós, desse modo, agarramos e transformamos em espaços fronteiriços. A ação inventiva é parte da vida das mulheres negras, somos nós que criamos epistemologias de reinvenção da vida diante de violências estruturais, redesenhamos rotas para sobreviver às dores de perder os filhos para uma bala que sempre encontra seu alvo preto, das que os corpos são mutilados e destroçados pela opressão de gênero. Somos nós que apreendemos e construímos processos de cura quando a melanina que reluz na nossa pele só ofusca outras percepções sobre nós. Estamos sempre sobrepujando muros, frestas, por isso a escrita não se esgota, pois estamos sempre escrevendo a si, coletivando, destarte, essa letra não é só da Conceição Evaristo, é nossa, igualmente.

Inventamos territórios, reitero, aquilombamos para que o tempo feminino se refaça constantemente através de outras vozes, bebemos na fonte ancestral para refletir sobre o presente-futuro e engendrar outras formas de repensar a vida e a literatura. A poesia de mulheres negras nos oferece um assento, um colo, desconfortos, desvios decoloniais para pensarmos nossa existência. Nesse movimento parturiente que dialogo a partir de reflexões evaristiana para pensar a ancestralidade como um abrir de caminhos sempre com olhos fitos para o atrás, o passado para reverberar o futuro.

Mergulhar na poética de Evaristo é, sobretudo, recolher essas folhas amarelas de um transato ancestral que se mostra muitas vezes doloroso e mal contado pelos registros oficiais. Para a filósofa e intelectual negra, Katiuscia Ribeiro (2020), ancestralidade é um princípio filosófico que materializa-se em sentar-se à mesa com as nossas avós, nossas mães e todas que vieram antes e trançar juntas essas memórias, ao passo que reconstituímos nossas subjetividades. O ato de convocar, de entrançar é milenarmente ligado às mulheres negras, por isso deixo aqui evidente como um movimento de mulheridades e ao escrever sobre mulheres

pretas entranço meus cabelos, os da minha filha Laura, como muitas vezes fez minha mãe na infância.

É nessa reconstrução de subjetividades a partir do olhar ancestral, avoengos de mulheres pretas, que através da oralidade tecem e escrevem histórias para não esquecer, para reconfigurar memórias, reconstituir subjetividades que a escrita evaristiana parte para estabelecer linhagens, construir um tempo que se refaz através de muitas vozes. Na centralidade de suas escritas nasce a mulher negra agora com vozes audíveis, com escrevivência negra e pobre, mas sensível às causas da vida. A escrevivência passa a dialogar intimamente com o silêncio histórico dessas vozes, das dores esmiuçadas pela autora que acontecem na invenção bonita, na pluralidade e compartilhamento dessas dores iguais as nossas.

A ideia de escrevivência relacionado ao coletivo, num jogo de realidade e ficção em que a atura se funde na sua obra e se dilui para fortalecer o “nós” e a presença da verossimilhança que dialoga com a realidade assumidamente ficcionalizada. Ao dizer que a escrita ganha quando se perde na invenção, autora reconhece que há um delírio na linguagem capaz de modificar o que está sendo narrado. A autora se inspira no vivido, parte de sua subjetividade, das suas observações e emoções, dos seus estados de percepção e comoção para ultrapassá-lo, para fazer transbordar as vivências, para extrair desse vivido inéditas sensações e dar-lhes uma vida própria. O traço mais marcante desse estilo está exatamente na presença da oralidade tanto nos contos, quanto nos poemas e essa presença ocorre de forma cintilante e literal. Sua marca não é linguística, mas discursiva, está no ritmo, na palavra (Cortês, 2018, p.57).

Nesse processo de construção de subjetividades, a poesia feminina negra redonda-se em inteireza de corpos silenciados e fraturados pela colonização. Propõe um romper de portas para destravar novas epistemologias políticas, decoloniais e de sobrevivência para essas mulheres racializadas, aqui destaco as pretas, com *o meu corpo igual*.

### **Meu corpo igual**

Em memória de Adão Ventura

Na escuridão da noite  
meu corpo igual  
fere perigos  
adivinha recados  
assobios e tantãs.

Na escuridão igual  
meu corpo noite  
abre vulcânico  
a pele étnica  
que me reveste.

Na escuridão da noite  
meu corpo igual,

boia lágrimas, oceânico,  
 crivando buscas  
 crivando sonhos  
 aquilombando esperanças  
 na escuridão da noite.

(Evaristo, 2017, p.15).

Na irregularidade dos versos e estrofes livres, o poema se desenha num corpo símil, corpo que na pluralidade se debruça na escuridão que lhe é própria e a partir dele faz-se teoria, corpo-poesia que navega sobre sonhos, corpo-quilombo que agiganta lutas, porque dialoga do mesmo ponto de subalternidade. O texto reflete ainda sobre o corpo-noite do poeta mineiro Adão Ventura, autor premiado nos anos de 1970, cuja obra traça o perfil do homem negro na sociedade, corpo que traz igual os atravessamentos raciais, de classe. A disposição gráfica dos versos com encadeamentos e quebras inesperadas aproxima da oralidade, criando um movimento ritualístico e evocativa, assim como o uso marcante de metáforas do corpo, noite e escuridão trazem a dimensão ancestral e de lutas do povo negro.

Evaristo descreve na poesia acima o corpo que ressignifica a existência, que atravessa muitas dores pretas, como já mencionado por Vilma Piedade (2017), para buscar a si, fere perigos, abre vulcânico, oceanos. Aqui Evaristo retoma dores históricas de um povo, cujo sofrimento é cicatriz aberta, mas não só lamentos, é enfrentamento, é descoberta, ainda que não escuridão da noite. Assim, Evaristo abre cada estrofe pontuando essa escuridão relacionado à pele coletivando aos que comungam das mesmas pelejas, dos que se parecem na escuridão, dos que organizaram no calar da noite as lutas quilombolas, aos silêncios prescritos e impostos ao povo preto e, de modo igual, às contendidas que mulheres negras travam na escuridão da noite para que a vida se faça luz no dia seguinte na intimidade do seu ser, no seio das suas famílias.

A poesia feminina que na pele retinta assobia, advinha recados, sonhos, aquilomba esperanças, sempre na escuridão da noite, na similitude. Pele preta que produz conhecimento, que faz da intelectualidade, na reinvenção da escrita, o seu ponto de reivindicação, de encontros, de partidas, sobretudo do lugar de objeto. A escrita negra feminina cria espaços legítimos de enunciação crítica e social rompendo imagens e discursos estereotipados de que somos antiacadêmicas, anti-intelectuais ou que produzimos no raso.

Para bell hooks (1995), o trabalho da intelectualidade negra é fundamental para libertação de pessoas oprimidas, violentadas, porque é mola propulsora para decolonização de mentes. A autora também pontua no mesmo texto “Intelectuais negras”, que as questões de gênero entrecortam a visão de intelectualidade sob as mulheres, uma vez que quando se pensa

em grandes pensadores, pensa-se em figuras masculinas, portanto as visões sexistas e racistas permeiam e dificultam o caminho dessa percepção enquanto agentes de conhecimentos, vistas como “de fora, intrusas”, segundo hooks.

Essa perspectiva faz do trabalho das intelectuais negras um fazer político, uma vez que intersecciona questões sociais, gênero, classe e raça e articula discursos de mudanças estruturais nesse fluxo estereotipado e branco que marginaliza corpos, para tanto, não se faz conhecimento sem que antes essa prática não transforme as subjetividades de quem as produz, de quem as inventa. Nessa premissa, hooks (1995) avulta que:

O intelectual não apenas lida com ideias. Tenho muitos colegas que lidam com ideias e a quem eu muito relutaria em chamar de intelectual. Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê necessidade de fazê-lo. Segundo, intelectual é alguém que lida com ideias em suas relações com uma cultura política mais ampla (hooks, 1995, p.468).

A produção intelectual negra passa por esse lugar colonizado que descaracteriza historicamente esse fazer do conhecimento negro, já pontuado neste texto. Nessa gira, o corpo-retinto se reveste na e para escrita. É na poesia negra feminina que o corpo-negro decolonial feminino se faz intelectual, caligrafa suas margens. Conceição Evaristo assume esse papel de intelectual negra que atua politicamente nos discursos, ao criar mundos, inventar novos olhares sobre nossas histórias, a autora subverte margens e forja humanidades. Ao escrever articula comunidades negras com epistemes que reivindicam lugares altivos de direito, de pertenças. Nas palavras de Evaristo (2005):

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento que abriga todas as lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p.54).

Lugares de direito são requeridos com veemência ao longo dos séculos pelo povo negro. Num esforço de romper com uma formação ocidentalizada, negras e negros criam meios singulares para promoção de conhecimento, de literatura, já desenvolvido ao longo dos capítulos. Esse morder o verbo, como nos ensina Evaristo, é, sobretudo viver, é poder transitar livremente entre os becos e memórias, sem que os olhos sejam sempre de água, leves como as saias bordadas e rodantes das mulheres negras que dançam aos sons dos tambores ancestrais de crioula<sup>27</sup> e afagam dores.

---

<sup>27</sup> O tambor de crioula é manifestação artística e popular fortemente praticada no Maranhão impressos na memória dos mais velhos, com referências a práticas e ritos religiosos. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, o tambor de crioula teria sido uma dessas práticas e, nesse sentido, é atualizado como

Nesse circular de subjetividades contra-hegemônicas é que este estudo se debruça para refletir sobre a poesia evaristiana enquanto campo analítico a partir da ancestralidade, como um corpo-escrita que recompõe memórias de um povo e, ao mesmo tempo, discute temas importantes à pasta do feminismo negro e decolonial. Conceição Evaristo passeia por essas escrevivências e inquietações, sobretudo a autora redesenha caminhos de volta para quem a lê e, igualmente, para compor o bordado da grande saia rodada ancestral que veste essas *vozes-mulheres*:

### **Vozes-mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem — o hoje — o agora.  
Na voz de minha filha

---

uma expressão de júbilo pelo fim da escravidão, além de guardar outros significados. Praticado especialmente em louvor a São benedito, com frequência ele tem sido associado ao campo religioso, assim como ocorre em outras manifestações culturais populares no Maranhão, a exemplo do bumba meu boi e da festa do Divino Espírito Santo. São inegáveis as interfaces entre diferentes dimensões da vida social no tambor de crioula – religião, política, lazer e economia, entre outras (IPHAN, 2005, p.18).



se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2017, p. 24)

O poema evoca vozes-diásporas quando reconta a história em África, a mudez secular que envolve o povo preto, mas que ao longo da escrita se refaz a partir de novas vozes. Evaristo reconstrói lugares de falas em tons metonímicos que retomam memórias violentas dos porões.

O poema através dos vários *eus*-mulheres vai construindo, sem uma métrica fixa, a rede genealógica dessas mulheres para refletir historicamente sobre as quebras que atravessam esses corpos femininos, ao mesmo tempo que são mulheres políticas, visto que elaboram novas formas de sobrevivência, traços ancestrais, ancorados por versos livres que lembra fragmentos de falas ou lembranças de tempo-outro. Ritmado pelos paralelismos e repetições sintáticas, a poeta descreve as violências que um corpo colonizado perpassa, lamentos de uma infância perdida/ a forçada obediência da mais velhas aos donos de tudo, os brancos/ o silêncio de uma revolta velada de uma mãe nas cozinhas alheias, contudo ao passo que a linhagem vai renascendo, a voz ganha espaço político de reverberação, quando a escrita é parte desse processo com instrumento de denúncia, de enunciação, ainda que com rimas de sangue, fome, indignação.

A filha, que advém de outras esferas geracionais, de um contexto histórico pavimentado por essas mulheres mais velhas, cujos lugares de falas já foram construídos, consegue proferir palavras ao recorrer a todas essas vozes “mudas e caladas, engasgadas para recolher em si, “a fala, o ato”. A ancestralidade sopra nesse poema que as vozes audíveis de hoje são construídas a partir de um passado de lutas. O gesto político da intelectualidade, de que fala hooks (1995), está disposto aqui no poema de Evaristo, cujo fazer literário além de semantizar, mastigar a palavra, abriga lutas, promove decolonialidades.

Conceição Evaristo traz à baila a discussão de que não estamos em conformidade com aquilo nos oprime, cai por terra a premissa de que os negros e negras são conluiados com própria escravidão. Há anos de enfrentamentos, tracejados na ancestralidade, ancorados na coletividade, figurados no poema. Sobre isto Katiúscia Ribeiro (2020) explica:

O secular processo de violações e violências agregaram modos e comportamentos das diferentes etnias que se fortaleceram e valorizaram a ancestralidade com um valor estruturante onde pessoas pretas encontram espaço e fôlego para se apoiar e defender o que lhe restava de identidade humana subtraída pelo rapto e pela violência colonial. Em meio a distopia de uma realidade física o corpo em contato com outros corpos recupera sua territorialidade, estabelecendo conexões capazes de diálogos com outros corpos que imbricam histórias diferentes, fortalecem e reconstituem a memória, a palavra como vida e ação dando sentido e significado e orientam as existências pretas

fora da África. Essas significações centram as resistências do povo negro em suas experiências e vivências, e o corpo território manteve e mantém vivas as marcas ancestrais por conta dos vínculos profundos com sua memória ancestral. Este foi o escudo que protegeu a população negra de não ser totalmente absorvida pela cultura ocidental dominante (Ribeiro, 2020, p.2).

Nesse sentido, a poeta estabelece essa interação entre o ontem- o hoje- o agora, “diálogos entre outros corpos”, restabelece no tempo os laços entre mulheres, põe, desse modo, em evidência a força de um tempo feminino no fortalecimento da memória, de um corpo que territorializa para se perceber para além das violências. E esse olhar para trás, para si é feito na coletividade, (hooks, 2023). A ancestralidade de mulheres negras é revisitada, recolhida, refeita entres vozes femininas simbolicamente forjada na poesia de Evaristo e transversaliza a sociedade, porque rescende a história da pluralidade.

Para o professor e pesquisador Eduardo Oliveira (2020), a ancestralidade é fluxo, correnteza que produz epistemologias de pertencimento capaz de “beber e comer tudo que está a volta”.

A ancestralidade, vista sob esta perspectiva, faz com que a gente possa se compreender individualmente e, ao mesmo tempo, coletivamente e em fluxo. A ancestralidade entra e sai como uma trajetória aberta, mas com certa direção. Aberta porque dialoga dentro de contextos, com direção porque tem um vínculo, neste caso como continente africano e como a diáspora. A ancestralidade é a nossa identidade coletiva. Diz que somos, mas não nos traduz. Ela nos discursa. A ancestralidade é nosso discurso de pertencimento (Oliveira, 2020, p.10).

A ancestralidade nasce da possibilidade de fazer das lembranças caminhos de reverberação, de esperança, sobretudo de perspectivas de novas lutas, de endossar o discurso para promoção de diálogos. Entender, igualmente as percepções de um passado de violações, um presente de invisibilidade e um futuro de novas vozes, como propõe Conceição Evaristo, cuja memória também se desenha através de outras navegações poéticas e diz que, “**Recordar é preciso**”.

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.  
O movimento vaivém nas águas-lembranças  
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto.  
Sou eternamente naufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem  
me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas.

(Evaristo, 2017, p.11)

A memória ancestral a partir dessas premissas são fundamentos para uma poética de reexistência, uma vez que Evaristo tensiona os limiares da linguagem ao invocar memórias ancestrais que foram historicamente silenciadas por um projeto patriarcal e colonizador. Recolhendo pedaços para refazimento de identidades, ainda que em caminhos destecidos. A metáfora do mar e da navegação atravessa a tessitura poética como símbolo das travessias históricas e subjetivas das mulheres negras, evocando o Atlântico como espaço de trauma e reexistência, o que é demonstrado no encadeamento dos versos em movimentos parecidos ao das ondas do mar. A lembrança, figurada como leme, guia a identidade da voz poética, enquanto o sal das águas e das lágrimas confere corporeidade à experiência da memória.

O lugar de naufraga ocupado pela voz no poema, que não é estática, mas se move como “uma paixão profunda”, uma vez que dialoga com a espiritualidade, com a força da ancestralidade feminina emanada no leme de uma escrita memorialística, mesmo dolorosa, abre caminho de afirmação, enfrentamento histórico e afetivo nos “fundos dos oceanos.” Em sua tese, já mencionada nessas linhas, Conceição Evaristo sublinha que, a memória constrói travessias no mar que também é promessa, “guarda a esperança, a possibilidade da volta” (Evaristo, 2011, p.28).

Ao lado da memória dolorida na História da diáspora africana, há também, e graças a Olorum, uma memória de feridas cicatrizadas. Assim, entre feridas e cicatrizes, identidades mutiladas são reconstruídas com o auxílio de uma memória mítica, que circula pela oralidade e que se afirma, muitas vezes, como um contradiscurso da história oficial. Foi a África, portanto, âncora dos navios de nossa memória, que vestiu a nudez do africano para cá deportado (Evaristo, 2011, p.32).

A África, nesse sentido é revivida na diáspora, no movimento histórico que funde o presente e futuro, cuja memória coletiva (Halbwachs, 2006) se efetiva num tempo ancestral, de dolorosas lembranças, mas de esperanças.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E por que, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006, p. 32).

Somos, segundo Evaristo (2011) e Maurice Halbwachs (2006), corpo, memória e entrelaçamentos, legião ancestral que busca no outro o sentimento de pertença, porque partimos de dores que conversam na africanidade da diáspora a partir da “força da memória coletiva, que mesmo rasurada, permite ao africano e seus descendentes a manutenção do patrimônio simbólico herdado do continente” (Evaristo, 2011, p.33).

**Malungo, brother, irmão**

No fundo do calumbé  
nossas mãos ainda  
espalmam cascalhos  
nem ouro nem diamante  
espalham enfeites  
em nossos seios e dedos.

Tudo se foi,  
mas a cobra  
deixa o seu rastro  
nos caminhos aonde passa  
e a lesma lenta  
em seu passo-arrasto  
larga uma gosma dourada  
que brilha no sol.

Um dia antes  
um dia avante  
a dívida acumula  
e fere o tempo tenso  
da paciência gasta  
de quem há muito espera.

Os homens constroem  
no tempo o lastro,  
laços de esperanças  
que amarram e sustentam  
o mastro que passa  
da vida em vida.

No fundo do calumbé  
nossas mãos sempre e sempre  
espalmam nossas outras mãos  
moldando fortalezas e esperanças,  
heranças nossas divididas com você:  
malungo, brother, irmão.

(Evaristo, 2017, p. 18-19)

Na semântica do texto poético, Evaristo faz menção às expressões africanas, inglesa e portuguesa, associando à irmandade entre povos africanos e amefricanos e afro-brasileiros escravizados. Faz trazer para o corpo-escrita a lembrança dolorosa da escravidão, pois a palavra malungo, de origem banto, quer dizer, companheiros em travessia, o nome que os homens nos tumbeiros dos navios se chamavam, dialogando com sentimento de coletividade, de luta, de quilombo e fraternidade ancestral entre povos negros. Em poema-dedicatória, Evaristo evoca a linguagem de luta política de sobrevivência, sensoriando memórias, corpo, espaço, tempo no desenrolar de escrevivências de afetos.

O texto traz ainda os instrumentais culturais que conversam com as festas populares afro-brasileiras, como os mastros, símbolos de ancestralidades, sustentação de ritos e memórias de um povo, também de traslado, embarcações, continuidades, pois a escrita, nesse sentido, que se constrói como reza, lamentos, celebração, reverberação de humanidades soterradas, articula, desse modo, o “tempo espiralar” de mulheres e homens negros ao revelar o cruzamento entre corpo, território, travessia e a palavra. Essa relação não se dá como um movimento saudosista, mas como uma ferramenta epistemológica, política, feminista e decolonial efetiva na reconstrução dos sujeitos e sujeitas negras, em sua complexidade. Nessa perspectiva Evaristo, (2019, *apud*, Silva, 2020) sobreleva:

[...] A narrativa traz parte de uma memória dolorida dos africanos e seus descendentes escravizados nas Américas. E venho me perguntando: para que vale essa memória da dor? [...]. Por que escrevi Ponciá Vicêncio? Por que certas passagens de Becos da Memória? Por que escrevi determinados contos na antologia Histórias de leves enganos e parecenças? Para que acalantar memórias com sabor de sangue? Respondo por mim, embora essa memória não seja apenas de minha pertença. Pode ser um pouco mais minha, enquanto afro-brasileira, enquanto sujeito-mulher afro-diaspórica, mas essa é a memória do passado brasileiro e que a nação brasileira ainda precisa expurgar. A nossa ferida ainda sangra. As Américas sangram também pelas veias dilaceradas dos povos primeiros que aqui habitavam. O território brasileiro continua marcando o seu chão com sangue dos donos primeiros da terra. Povos já estavam aqui quando as naus portuguesas chegaram. Sabemos. A literatura pode ser um lugar de expurgação pessoal e coletiva. Estamos aqui e escrevemos apesar de. Entretanto, só mais uma observação. Quando escrevo a memória da dor, não se trata de “mimimi”, não se trata de causar comiseração, se trata sim, de afirmar a nossa arte, a nossa potência, a nossa resistência, a nossa resiliência, o nosso quilombismo. E mais do que isso, se trata de explicitar sempre, que a nação brasileira vem adiando e aprofundando uma dívida antiga com os descendentes de um dos povos que construiu e que continua ativamente, como trabalhadoras e trabalhadores provendo muito do alimento, da sustância material e imaterial que está na base dessa nação (Evaristo, 2019, *apud*, Silva, 2020).

Evaristo retoma o conceito de escrevivência para descrever o significado de pertença, de falar sobre verdades, ainda que sejam vistas a partir de dores que ainda sagram, sobretudo falar de uma memória que se coletiva, porque parte do mesmo ponto de marginalidade. Nosso quilombismo, como autora define, se constrói na coletividade (hooks, 2023), uma vez que sem esta não alcançaremos olhares outros, para si e para nossas comunidades. Nos aquilombamos para sermos inteiros, ainda que quebrados.

Partindo desses pressupostos, quais novas epistemes conversamos com as dores que nos atravessam? Quantos sonhos de meninas destrancamos na nossa cor-dor? Mulheres pretas, assim como Evaristo versam epistemologias na borda da poesia negra feminina, uma maneira de permanecer esquadrinhando a vida. Assim, a poesia evaristiana nos acalma e nos perturba, talvez mora aqui a sabedoria ancestral da escrita feminina negra, no entrançar de nossas memórias de meninas e meninos pretos.

### Para a menina

*Para todas as meninas e meninos de cabelos trançados ou sem tranças*

Desmancho as tranças da menina  
e os meus dedos tremem  
medos nos caminhos  
repartidos de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina  
e as minhas mãos tropeçam  
dores nas marcas-lembranças  
de um chicote traiçoeiro.

Visto a menina  
e aos meus olhos  
a cor de sua veste  
insiste e se confunde  
com o sangue que escorre  
do corpo-solo de um povo.

Sonho os dias da menina  
e a vida surge grata  
descruzando as tranças  
e a veste surge farta  
justa e definida  
e o sangue se estanca  
passeando tranquilo  
na veia de novos caminhos,  
esperança.

(Evaristo, 2017, p. 36)

A ancestralidade, a memória individual e coletiva que entrecruzam o tecido textual poético navegados pela autora nos discursa, nos pertence e nos doloriza, contudo faz mergulhar na esperança, na meiguice e no cuidado das mães e avós pretas que ao trançar os nossos cabelos temiam igualmente para que não fossemos atravessadas pelas cruezas do racismo na escola, nas ruas em razão dos cabelos crespos. Sobre essa memória ancestral Geni Guimarães (2001), evoca em tons iguais:

Minha mãe trançava meu cabelo. Ela, sentada num banquinho que meu pai havia feito com os restos de um pilão, quando novo, triturava milho para as galinhas, e eu, de cócoras na sua frente, ouvia silenciosamente: amanhã, seu cabelo tá pronto. Hoje você dorme com o lenço na cabeça que não desmancha. Não esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho, antes de sair. — Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? — perguntei. — Põe de castigo em cima de dois grãos de milho — respondeu-me ela. — Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até mocô no nariz e... — Mas a Janete é branca — respondeu-me minha mãe, antes que eu completasse a frase (Guimarães, 2001, p. 45).

Ambas as autoras optam por redesenhar essa memória identitária em seus textos para fazer refletir sobre os caminhos dos quais somente uma menina negra entenderá, no mais profundo desse baú ancestral que é o ato de trançar os cabelos, como uma atividade histórica das mulheres e, de modo igual, revelam racismo, medo e afeto. Demarcam no texto a importância da literatura produzida por mulheres negras de falar sobre si, sobre suas histórias como um movimento de insurgências dentro da literatura canônica hétero e branca brasileira. Essas mulheres pretas propõem re-existências como possibilidade, no qual o corpo da menina também é território, simbologia de começo, de travessia, de futuro. O poema espalha esperança de que nosso olhar de menina não se perca somente nas memórias de dor.

Nessa gira, mulheres pretas, especialmente, lançam o leme à medida que revolvem as memórias, as oralituras, na contação de nós mesmas, nossas dores e alegrias. Histórias que confluem sobre nós, como princípio filosófico da ancestralidade que perpassam a academia branca e promovem fissuras estruturais nos fundos desses oceanos. No fluxo da memória, o tempo é “espiralar, curvilíneo, pergaminho, vela e revela, enrola e desenrola”, afirma Leda Martins (2002, p.9). Nesse nascedouro poético, as mulheres autoinscrevem a vida, coletivam essa letra no dia a dia, no trabalho árduo invisibilizado, nos afetos não correspondidos, os olhares não trocados, porque o negrume da pele os silenciavam. Como já mencionado neste texto pela autora estudada, “a escrita está na vida”, na necessidade de ter algo palatável, “algum bem”, por isso as mulheres negras caligrafam, poetizam, para que as humanidades, as subjetividades sejam devolvidas nesses textos, no cerne da poesia e por vezes, porque *a noite não adormece nos olhos dessas mulheres*:

**A noite não adormece nos  
olhos das mulheres**

*Em memória de Beatriz Nascimento*

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas  
virgulam o lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres

vaginas abertas  
 retêm e expulsam a vida  
 donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
 e outras meninas luas  
 afastam delas e de nós  
 os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá  
 jamais nos olhos das fêmeas  
 pois do nosso sangue-mulher  
 de nosso líquido lembradiço  
 em cada gota que jorra  
 um fio invisível e tônico  
 pacientemente cose a rede  
 de nossa milenar resistência.

(Evaristo, 2017, p.26)

Em tons lembradiços, Conceição Evaristo faz-se contínua quando chama outras mulheres à roda dessas memórias, como as de Beatriz Nascimento, importante intelectual e ativista do movimento negro que desmistificou a imagem do quilombo em suas teorias dando luz à perspectiva original deste como ferramenta de luta em comunidade, resistência, arte e cultura, intelectual já reverenciada neste estudo. As repetições encadeadas pelo canto ancestral descritas no poema retomam a noite como a memória do povo preto e ainda discute sobre trabalho noturno feito por mulheres para a manutenção e sustentação de suas casas, a exaustão de mulheres em noites mal dormidas são a mola de um sistema que sobrevive das desigualdades. Ainda, o poema retoma nomes femininos africanos para costura dessa reza ancestral reivindicatória proposta pela autora.

A ancestralidade aparece aqui como carne e espírito constituição de um corpo em que o eu se manifesta por meio da performatização de uma coletividade que atravessa diferentes tempos. Neste caso, o eu são muitos eus e seus passos vêm de longe, como diria Jurema Werneck. Apesar da opressão de ontem se repetir ainda hoje, é o contato com a ancestralidade que abre a perspectiva de luta para se romper com a repetição de uma história linear e opressora, preparando “vozes da esperança” (Souza, 2020, p. 134-135).

Ancorada pelo princípio filosófico da ancestralidade, autora conversa com mulheres pretas que são atravessadas diariamente por uma estrutura história de invisibilizações, mas que continuam vigilantes com esperança teimosa de futuro. Há na nos poemas evaristianos a dor de rasgar-se para compor/recompor a si através dessas memórias, ao mesmo tempo, um vislumbre de dias mais afetuosos para essas mulheres.



A memória a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura na ficção. Consciência exclui o que a memória inclui (Gonzalez, 2020, p.78).

O cosimento feito pelas mulheres dessa grande rede memorialística demonstra a resistência e o protagonismo feminino que faz da ancestralidade pontos filosóficos de sabedoria e sobrevivência ao fazer lembrar saberes que a colonização quer fazer esquecer, o encobrimento do outro, mas a “memória tem suas astúcias”. Lutas diárias, rupturas, discursos e atitudes no cotidiano e ainda que não sejam publicizados fazem dessas mulheres feministas da casa, no trabalho, na academia, em suas comunidades, gerenciando violências diárias, produzindo epistemologias de cura, memórias, signos e significados que promovem mudanças sociais e políticas.

A centralidade das mulheres negras no poema com olhos de vigília redesenha e ressignifica as lutas feministas travadas por estas mediante a diversas violências aqui já supracitadas.

Mas eu digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúros, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. Dos olhos cerrados eu construía faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite (Evaristo, 2020, p. 52).

Feminismo negro, nessa perspectiva, se estabelece no contexto familiar, nas rodas de conversa com as amigas, no cuidado com os filhos e filhas, na criação de uma identidade negra feminina para além das dores. São, para tanto, pautas das mulheres pretas, a aquisição da cidadania, do direito de ser percebida e respeitada, de termos igualdade plena. Para Sueli Carneiro (2019), não há uma luta específica para mulheres negras na contemporaneidade, uma vez que somos atravessadas pelos mesmos enfretamentos e, igualmente, partimos do mesmo ponto de opressão, de subalternidade.

A condição de mulher e negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe, isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre elas a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro, do movimento de mulheres e somar-se aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito à diversidade e justiça social (Carneiro, 2019, p. 169).

A intelectual evidencia que as lutas feministas negras não estão desvinculadas de outras opressões, as ações políticas e vigília dessas vozes definem um movimento coerente com as demandas reais e exclusões sociais dessas mulheres. Essa simetria é descrita por Evaristo quando poetiza que nos olhos dessas mulheres há mais olhos que sono, cujas lágrimas são suspensas, porque precisam dar conta da vida após a violência sexual que recai sobre seu corpo, mas ainda assim sopram outras “meninas-luas”, meninas que hoje são sua continuidade para caminhar por outros tempos femininos igualitários decoradas em imagens corporais e recursos sonoros, destacando mais uma vez a reza simbólica no fazimento do corpo que não adormece.

Nas últimas estrofes, a autora atribui à mulher negra a potencialidade da nascitura, da fertilidade, devolve, desse modo, a capacidade do afetar, do humanizar o mundo dentro de uma estrutura de aço imposta aos nossos ombros pretos. “Jamais nos olhos das fêmeas/ do nosso sangue-mulher/ líquido lembradiço/ pacientemente cose a rede/ de nossa milenar resistência.” A mulher é associada à elementos da natureza, ao misticismo do sangue que gera vidas, dimensão que sacraliza a mulher através da fertilidade. Ponto de reflexão no poema que bebe na espiritualidade ancestral das comunidades negras e destaca Oxum, orixá que habita águas doces, responsável pela gestação, fertilidade da terra. “É à Oxum que se pede filhos, é sob sua proteção que eles se desenvolvem nos úteros das mulheres.” Carneiro, 2019, p.67):

Segundo os mitos, é mãe zelosa de Logun, orixá andrógino que herda todos os atributos os pais (Oxóssi e Oxum). Entre os símbolos rituais de Oxum está o abebé, que simboliza sua relação com a beleza e a faceirice, qualidades que lhes são próprias. Diz-se que na África, às mulheres filhas de Oxum são oferecidos os maiores dotes, pois sua identificação com o ouro é garantia de riqueza para seus pretendentes, e também por serem comumente as mulheres mais belas, e a continuação do clã estar nela assegurada. Oxum é garantia de filhos perfeitos e sadios. Toda caracterização de Oxum compõe também um biótipo psicológico. Assim como as águas quando calmas, é de temperamento aparentemente dócil e meigo, sensualmente misteriosa, esperta e, dizem alguns, traiçoeira (Carneiro, 2019, p.67).

Assim, Evaristo evoca e reverencia no poema a ancestralidade do candomblé para despir o corpo feminino dos estereótipos, da objetificação. Coloca-o, portanto no lugar de sacralidade, regida pelos orixás. Suplanta, ao mesmo tempo, que está, mas não só, nas mãos dessas mulheres o ato bonito de gestar comunidade, coser redes com linhas do ouro de Oxum.

Ao longo deste percurso textual, discutimos a colonização do poder, ser, saber, de gênero como elementos construtores de preconceitos, racismo, sexistas, opressões, exclusões religiosas, e, ao mesmo tempo, para construção discursos arrumados por meio de práticas violentas que produz superioridade epistêmica à luz da modernidade/colonialidade. “As colonialidades do poder, ser, e do saber, portanto, constituem o lado obscuro da modernidade,

dessa modernidade ocidental” (Curiel, 2020, p.128). Entendemos, igualmente, que é urgente e necessário a decolonização dessas estruturas, visto que são importantes ferramentas para pensarmos a nossa atuação na sociedade, enquanto sujeitas e sujeitos políticos, corpos negros e femininos.

Ao falarmos sobre religião de matriz africana assentamos nossa memória ancestral e criamos novas travessias e epistemes de lutas. São tranças que moldam nossa vida em comunidade, espargindo pelo caminho saberes ancestrais e esses fios criam e ressignificam identidades dilaceradas pela lógica colonizadora, cujas práticas, por muitos anos, demonizam, invisibilizam, inferiorizam as religiões africanas, afro-brasileiras. Ao escrever sobre as religiões do povo preto, Conceição Evaristo temporaliza as “afromemórias”. Caligrafa em nós, corpo-travessia, a palavra-vivência e celebra mais uma vez as humanidades:

Ao longo de toda a obra literária já escrita de Conceição Evaristo, bem como de suas falas públicas, as águas de sua escrevivência vêm azeitando nossas afromemórias com seus itãs, suas hidro-grafias e suas espirais. Ao recolher calmamente o que está no fundo de nossas almas de profundas e lamacentas camadas, escreve as nossas reais e potenciais vivências – em muitos tempos e em espaços de amplitude não confináveis ao projeto necropolítico de nação a que (em certo tempo-espaço-linguagem) estamos sujeitas (Carrascosa, 2020, p.161).

A poesia negra feminina de Evaristo decoloniza, nessa perspectiva, esses espaços provocando discussões abertas à pesquisa dentro de academicismo submersos às raízes colonizadoras e racistas. Produz epistemologias que encruzilham nossas crenças e, ao fazê-la reza sobre o povo negro, através da poesia, a re-existência, a reflexão, a pluralidade das quais muitos esquecem e/ou não respeitam. Segundo Luiz Rufino (2019), os orixás “narram o mundo através da poesia.” (Rufino, 2019, p.6). O autor, nesse sentido, destaca que a colonialidade de poder, ser, saber, o que chamou de “marafunda ou carregamento colonial”, são assombros que se valem da violência para estruturar dominações sobre a América Latina.

Luiz Rufino (2019) destaca ainda que, nós somos seres paridos na colonialidade/modernidade e nossos saberes precisam ser encruzos para que a vida nasça a partir das nossas ancestralidades, porque é um modo de ser pertença à vida, à sabedoria pluriversal. A decolonização desses mundos é um ato de “dobrar a linguagem”, descobrir frechas de sobrevivência, esquinas e encruzilhadas.

A encruzilhada e seus cruzos são a própria potência de Exu. Assim, o fenômeno é o próprio princípio explicativo do conceito. A descolonização não pode se limitar a se banhar na beirada. Para uma virada do conhecimento que combata de forma incisiva as injustiças cognitivas/sociais produzidas ao longo do tempo, haveremos de nos arriscar em mergulhos mais profundos. O desencadeamento, o tombo na ladeira, o “tapa sem mão” contra os privilégios da supremacia branca são, a meu ver, inevitáveis,

uma vez que ações como essas, de caráter transgressivo, operaram nas frestas. Fica evidente que resiliência e transgressão não são novidades em nossas bandas; porém, nos cabe o compromisso e a responsabilidade para que essas ações sejam contínuas a ponto de avançarmos em equidade (Rufino, 2019, p.17).

O que o autor nos propõe é a transgressão dos rastros da colonização e verdades de uma história contada pela unicidade. A coisificação do ser e inferiorização dos saberes que silenciam e destituem corpos subalternizados. Os mergulhos profundos, os atravessamentos, o olhar por entre as frechas, os destrancares de ruas e de portas são elaborados também nas margens da literatura de mulheres, cujas rasuras pujam a presença de algo possível, igualmente tecido no encantamento ancestral das religiões negras. A poesia que pulsa nas contas do rosário de Oxum, mãe e orixá que rege os escritos mágico e negros de Maria Conceição Evaristo:

### **Meu Rosário**

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.  
 Nas contas do meu rosário eu canto Mamãe Oxum  
 e falo padres-nossos, ave-marias.  
 Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo  
 e encontro na memória mal adormecida  
 as rezas dos meses de maio de minha infância.  
 As coroações da Senhora, em que as meninas negras,  
 apesar do desejo de coroar a Rainha,  
 tinham que se contentar em ficar ao pé do altar lançando flores.  
 As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,  
 pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas  
 nas escolas, nas ruas, no mundo.  
 As contas do meu rosário são contas vivas.  
 (Alguém disse um dia que a vida é uma oração,  
 eu diria, porém que há vidas-blasfemas).  
 Nas contas do meu rosário eu teço intumescidos  
 sonhos de esperanças.  
 Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos  
 por visíveis e invisíveis grades  
 e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.  
 Nas contas do meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.  
 Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome  
 no estômago, no coração e nas cabeças vazias.  
 Quando debulho as contas o meu rosário,  
 eu falo sobre mim mesma em outro nome...  
 E sonho nas contas do meu rosário lugares, pessoas,  
 vidas que pouco a pouco descubro reais.  
 Vou e volto por entre as contas de meu rosário,  
 que são pedras marcando-me o corpo-caminho.  
 E neste andar de contas-pedras,  
 o meu rosário transmuta em tinta,  
 me guia o dedo,  
 me insinua poesia.  
 E depois de macerar conta por conto do meu rosário,

me acho aqui, eu mesma,  
e descubro que ainda me chamo Maria.

(Evaristo, 2017, p.44-45).

No poema materializa-se a densidade simbólica, política e estética, onde o sujeito poético se vale da imagem do rosário, objeto das rezas, das devoções, religiosidades para construir uma narrativa de memórias, dor e poesia. Assim, em sussurros rezam as nossas bisavós, avós e mães, pois é no quase-silêncio que essas mulheres mais velhas elaboram suas preces contritas e descobrem-se. Assim, no canto do rosário a autora entrecruza as religiões de matrizes africanas e o sincretismo religioso que marcam as vivências do povo negro em diáspora.

Evaristo traz a magia das contas de um rosário que tem o poder do desejo a ser realizado, dos batuques culturais e de memórias de infância vividas em nossos imaginários de criança preta no qual o protagonismo negro era/é negado pelos atravessamentos raciais, de gênero e classe. Nas contas desse mesmo rosário dores são tecidas e lembradas pelo esvaziamento corpo-negro subalterno. Nas contas do rosário nasce a poesia, nascem identidades em constantes deslocamentos (Hall, 2003, p.13). Texturas de alguém que se reconhece como pessoa, que se chama pelo nome, protagonizando, neste sentido, o corpo em travessia pertencente que se desdobra na linguagem, que se refaz nos mergulhos de uma escrita pujante.

Conceição Evaristo, em especial nesse poema, avulta em mim memórias de infância e individuais que, ao mesmo tempo, se coletivam à medida que me transporto para outras tantas memórias de escola, das festividades para o Divino Espírito Santo que minha avó, enquanto caixeira organizava no interior do Maranhão. Os batuques e cheiros que o poema pluraliza em mim enquanto corpo-subalterno negro, a travessia para o refazimento dessas reminiscências “me guia a o dedo/me insinua poesia, sobretudo, “me acho aqui, eu mesma”, ao mesmo tempo, eleva nosso olhar para refletir sobre nossa condição enquanto menina/mulher preta na sociedade.

O poema, portanto, elabora em nós cruzamentos reflexivos para pensar nossos olhares identitários, corpos-travessia e como, em meio aos atravessamentos e configurações raciais, reformulamos rotas de sobrevivência e encontramos a “amefricanidade”, termo cunhado pela intelectual Lélia Gonzalez para teorizar sobre as vivências da comunidade negra nas Américas. Nessa concepção, bell hooks (2017) pontua que os ideais negros são assegurados através das artes, da literatura. “da genialidade negra e do espírito negro” (hooks, 2017, p.1).

O racismo, como já teorizado neste estudo, é máquina de destroços das subjetividades, reduzidas pela colonização e responsável pelas mazelas e opressões. Em seu artigo-manifesto, “Curando as feridas”, bell hooks (2017), destaca que negras e negros são marcados pela violência racial e isso tem impactado na produção de desigualdades, na saúde mental e nos olhares que dispensamos a nós durante toda a vida. Nós, quando crianças negras, não pertencíamos ao nosso corpo-infância, porque não deitavam em nós os olhos de afeto, de percepção, por isso, talvez, buscávamos em outros corpos, cabelos e peles diferentes das nossas, o protagonismo que detêm as brancas. Agora adultos, ainda estamos condicionados ao sermos o outro do outro que só se vê coerente a partir do domínio do colonizador, ou seja, não existe identidade fora da violência. A intelectual também pontua que precisamos construir epistemologias etnográficas para que a dor seja entendida como processo e não como definição do ser pessoa negra e que essas dores não sejam utilizadas por uma cultura do consumismo que não reflete e ao contrário produz mais violência às pessoas pretas valendo-se das opressões estruturais.

A dor precisa ser dita e é também nas manifestações artísticas que a “genialidade negra” performa. A escrita de mulheres negra faz escurecer temas importantes para pensar temas silenciados e/ou que causam “vergonha”. “Por que será que o racismo brasileiro tem vergonha de si mesmo?” Indaga (Gonzalez, 2020, p.90).

No intuito de ampliar esta conversa, bell hooks (2017) sublinha:

Significante, muitas obras de escritoras negras contemporâneas passaram a tratar do trauma psicológico no despertar do movimento feminista contemporâneo ratificando a divulgação de assuntos privados e segredos nos espaços públicos. O foco feminista em direitos reprodutivos, violência doméstica, estupro e abuso sexual infantil, particularmente incesto, bem como em padrões de dominação em relações sexuais e íntimas, interveio no silêncio cultural que anteriormente taxava tais temas como tabu. Escritoras negras contemporâneas puderam entrar nesse contexto e criar uma literatura que tratava de assuntos que, até certa medida, ainda eram tabu em textos considerados especificamente sobre raça (hooks, 2017, p.5).

bell hooks (2017), enfatiza que a escrita de mulheres desnuda falas e práticas de violências que acomete o corpo feminino, os não ditos são expurgados pela linguagem feminista que pulsa e teoriza a mulher enquanto subjetividades para além do racismo. Nessa construção, Lélia Gonzalez (2020) explica, “porque sempre insistimos que o racismo e suas práticas devem ser levados em conta nas lutas feministas, exatamente porque, como o sexismo, constituem formas estruturais de opressão e exploração em sociedades como a nossa.” (Gonzalez, 2020, p.105). Ao expor feridas essas mulheres avultam, do mesmo modo, lugares de cura, de discussões, de autocuidado e de resgates identitários. Somos escritas e forjadas a partir dessa

literatura negra feminina que rompe, mas também cura nas linhas do texto. A autora no mesmo texto diz que raça não é nossa única temática. Pensamos e existimos para além do racismo, estamos sempre atravessando na contramão, mas o fazemos, criamos avenidas, escritas ancestrais.

O tempo passava e eu não deixava de vigiar minha mãe. Ela era o meu tempo. Sol, se estava alegre; lágrima, tempo de muitas chuvas. Dúvidas, sofrimentos que dificilmente ela verbalizava, eu adivinhava pela nebulosidade de seu rosto. Mas anterior a qualquer névoa, a qualquer chuva havia sempre o sorriso, a graça, o canto da brincadeira com as meninas-filhas ou como as meninas-filhas. Foi daquele tempo meu amalgamado ao dela que me nasceu a sensação de que cada mulher comporta em si a calma e o desespero (Evaristo, 2017, p.21).

Somos escritas e forjadas a partir dessa literatura negra feminina que rompe, mas também cura nas linhas do texto. A autora no mesmo texto diz que raça não é nossa única temática. Pensamos e existimos para além do racismo, estamos sempre atravessando na contramão, mas o fazemos, criamos avenidas, escritas ancestrais. Assim, “lavo o corpo da menina/ e as minhas mãos tropeçam (...) Sonho os dias da menina/ e a vida surge grata” (Evaristo, 2017):

O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas de lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia (Evaristo, 2017, p. 09).

Destranço minha voz para outros caminhos, porque poesia vem me visitar nas palavras de suavidez de Conceição Evaristo, que na minerez de sua escrita, “na brandura” de sua fala goteja em nossas vivências, escrevivências de menina, de menina-mulher e alvitra temas tão importantes para que entendamos de e para onde caminha nossos passos, ensinando-nos que estes são se longe.

Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecências do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe.... Sonhamos para além das cercas. O nosso campo para semear é vasto e ninguém, além de nós próprios, sabe que também inventamos a nossa Terra Prometida. É lá que realizamos nossa sementeira. Em nossos acidentados campos — sabemos pisar sobre as planícies e sobre as colinas — a cada instante os nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores. É deles também o ensinamento de que as motivações das flores são muitas. Elas cabem no quarto da parturiente, assim como podem ser oferendas para quem cumpriu a derradeira viagem... (Evaristo, 2017, p.111).

Evaristo, desse modo, promove travessia desses espaços historicamente destinados às pessoas negras, por meio da poesia, olha entre as frestas e elabora novas epistemes, o

contradiscurso. A poesia-travessia é, para nós, mulheres negras, lugar de resistência, a casa, o afago onde encontro, *no meio do caminho: deslizantes águas*

*Ao Drumond, com licença, pois sei das pedras e também das águas das Gerais*

Da advertência de Carlos  
faço moucos meus ouvidos  
e sigo com lágrimas-águas  
contornando a tamanha  
extensão da pedra.  
E tantas são as deslizantes águas  
E são tantas as águas deslizantes  
E deslizantes são as tantas águas  
E águas, as deslizantes, são tantas  
que nas bordas da áspera rocha,  
encontro um escorregadio  
limo-caminho. Tenho passagem.  
Sigo a Senhora das Águas Serena,  
A Senhora dos Prantos Profundos  
Sigo os passos, passo a passo  
e fundo outro caminho.

Sigo os passos.  
Passo a passo.  
Sigo passo a passo.  
As águas passam,  
e as pedras ficam...

(Evaristo, 2017, p.104).

Evaristo desloca e reafirma sua desobediência epistêmica e poética quando aciona o nome do poeta Carlos Drumond, aqui reelaborando novas travessias, dando novos contornos às pedras no meio do caminho, propondo não dá ouvidos ao cânone masculino, branco, caduco e mouco, como estratégia de insurgência, como em toda sua poesia, construindo lugar para sua travessia. A imagem da água simboliza a fluidez desse caminho e que cria outros contornos, a poesia negra feminina que desliza, desdobra-se, escorre por brechas, corre no encontro de suas águas, assim como fazem as mulheres pretas. Há sempre uma travessia a ser elaborada, ainda que limosa, fundamos outros passos, passo a passo.

Na sementeira da nossa mais velha, desembocando nas águas líricas da palavra, da narrativa, dialogando com identidades, buscando no vazio rastros de sobrevivência, provando que silêncios prescritos precisam ser reinventados, reescritos, assim, faz sentido que a caneta seja a nossa, a feminina. Ecoemos! Desemboco, para tanto, na pele também marcada pelas palavras de Ryane Leão.



### 3.2 Escrita de Ryane Leão: corpo-desabitado de mulheres negras

*ecoar  
minha pele é marcada por palavras  
que contam a história  
de uma mulher que nasceu oceano  
lava e vento*

*gero, queimo e contorno  
todos os cantos  
do mundo*

(Leão, 2019)

Somos uma grande saia que dança em todos os espaços. Compostas por rendas, estampas florais e movimentos de vai e vem. Dançamos sobre as dores, as contornamos, giramos e contamos histórias que as ancestrais sopram em nossos ouvidos. Somos continuidades, somos outras, somos mulheres negras em busca, oceânicas, rios. Somos águas que desaguam, limítrofes e, igualmente, hidrografamos fertilidades (Carrascosa, 2020, p. 155).

Assim, com objetivo de ocupar este espaço de escrita, de uma pele marcada por palavras, o todo deste tópico está voltado para refletir sobre outra mulher negra oceânica e agarra-se na escrita, na literatura para desvendar caminhos sobre si, para si e para o mundo. Nessa gira, discute-se acerca da escrita poética que traz um viés de emancipação por meio de desarticular narrativas estereotipadas sobre corpos femininos negros. Sobre o corpo desabitado de mulheres que inventam narrativas outras para esses corpos que não são enxergados em nenhum outro lugar.

Reflito ainda sobre a violência epistêmica que encobre a mulher negra num discurso de desmerecimento de afeto, no lugar marginal de sustentáculos, ou seja, discursos coloniais que ferem corações e mentes. E, ao passo que entendemos feminista e decolonial a escrita de Ryane Leão que devolve às mulheres negras a percepção de si como reconstrução possível da autoestima, autoamor, a vontade de pertencimento de um corpo preto desabitado.

Começo estas análises da literatura de Leão (2019) pensando a partir do corpo-travessia como uma poética do deslocamento e do retorno e contorno de si, corpo em movimento que deságua em outros parecidos com o seu. O “gero, queimo e contorno todos os cantos do mundo” é máxima de uma mulher que transita, um traslado de si mesma para o mundo. É a possibilidade, nesse sentido, de perceber-se humanizada, de se permitir ser atravessada não só pela dor histórica de gênero e racial por ser mulher negra, mas pela busca genuína a partir de um gestar literário de cura e de memória, ou seja, não é um corpo fixado, mas um território, um corpo que dança e gira em suas imperfeições do ser-pessoa e que se refaz na travessia da

ancestralidade. “Meu corpo é reza ancestral, ele sempre guarda uma nova chance” (Leão, 2024, p.1).

O centro desta pesquisa se faz nessa baliza, no deságue de mulheres pretas que cruzam histórias e se fortalecem. É sobre o corpo-travessia que também é corpo-memória, corpo-escrevivência, corpo-cura, nestas premissas está o cerne da leitura, do desbravamento da poesia negra feminina de Conceição Evaristo e Ryane Leão.

São elaboradas, portanto, epistemes que possibilitam pensar o corpo ferido de mulheres negras, de modo a traçar caminhos esperançosos e reexistência. Nessa perspectiva, abordam-se temáticas que atravessam a escrita da autora de Cuiabá, como o amor, a reconstrução de si, a ressignificação de imagens distorcidas pela dor, bem como questões relativas à sexualidade, à religiosidade e, sobretudo, à escrita de travessia — aquela que abriga os corpos de mulheres negras em uma dança ancestral de continuidade, memória e cura.

naquelas travessias  
 aquelas em que ninguém quis vir comigo  
 aquelas negadas com gosto por quem  
 me garantiu constâncias  
 aquelas que cruzei mesmo tremendo as pernas  
 mesmo de olhos inchados  
 mesmo de punhos marcados  
 aquelas que construíram meus escudos  
 aquelas que inflamaram a minha pele  
 que fizeram pequenas quedas serem ambições  
 que apagaram datas  
 mas fixaram os rostos  
 que marcaram minha linguagem e meus gostos  
 trajetos de explosões e nomes desabitados

(Leão, 2019, p.32)

A poesia de Ryane é marcada por um lirismo direto e igualmente insurgente, elementos centrais de sua escrita, a travessia como experiência de um corpo de dor e reconstrução. Traz no corpus uma linguagem subjetiva em estado de rupturas, renovação.

O termo escrita-travessia dialoga com a poesia de Ryane Leão para compor o grande leque e/ou a grande saia que abriga a escrita nessa perspectiva. Como já mencionado por esta pesquisa, a literatura negra feminina é tecida à luz da ancestralidade, das memórias de negras e negros que tracejaram caminhos até aqui. Somos, portanto, territórios ancestrais, coletivos, imensidão da linguagem sobremaneira. O conceito travessia cunhado por esta tese marca o desatar de nós equalizado pela colonização sob os corpos negros femininos, o desaguar de uma

escrita que pulsa sobre nós como reza, a quebra de estereótipos que ferem igualmente nossas subjetividades.

A escrita-travessia revolve as memórias de mulheres e homens em navios negros. Evoca aqueles corpos jogados ao mar e entrega-lhes flores. Devolve as subjetividades de corpos femininos destroçados pelas opressões alimentadas pela colonização, cura e reivindica no texto segredos de sobrevivência. Nesse sentido, busco, a partir da poesia negra feminina, esse perfurar de muros e frechas que essa literatura decolonial promove.

O poema acima percorre esse trajeto de nomes desabitados, de uma pele que procura espaços para encontrar a si e quando não o encontra, constrói travessias. É secular para as mulheres e homens negros terem o corpo habitado pelo vazio que diversas opressões e atravessamentos violentos os impõe. Desde primeiro verso, Leão delimita espaço de fala, marginal, silenciada e solitária, recusada pelo outro, mobiliza simbolicamente o caminho das mulheres negras enquanto corpos desapropriados, densos, desamparados afetivamente.

O não pertencer do corpo peculiar às negras e negros que se veem no espelho destorcido pelo racismo, ainda que dolorido, a autora constrói um corpo em travessia, transitando pelas dores, na resistência forjada, tece uma poesia inscrita na escrevivência, o que aproxima dos escritos evaritianos. A linguagem que elevam composições não formais, letras minúsculas, sem pontuações demonstrando desobediência às estruturas linguísticas e destacando a fluidez e intimidade com o leitor/a, assim como são características da oralidade, o que populariza a veiculação das poesias em plataformas digitais.

A subjetividade negra é um constante deslocamento, porque as reinventamos num contexto social o qual nos associa ao estranhamento, à margem, à outridade, aos estereótipos. Estamos, para tanto, forjando espaços para que nossos nomes sejam ditos em vozes audíveis. Ainda assim, o texto poético desenha enfrentamentos, a construção de novos caminhos. Com a pele marcada pela dor, mas que cruzam a linha de todas as mazelas que corpo negro é atravessado. Esses olhos avistam mundos para além das opressões, ao mesmo tempo, que fazem parte da construção textual e do ser pessoa.

A poeta destaca que, embora haja tentativas de apagamentos por toda a história da comunidade negra, diluição de nossas subjetividades e humanidades, há linguagem, há pessoas refazendo-se na pluralidade, na arte. Existem, portanto, edificação de uma escrita que nasce na pele que procura casa, pertencimento, abrigo para composição textual, ao mesmo tempo, nos vestígios de um fazer poético, de compor a si mesma. Retomo a entrevista da autora concedida a este estudo nessa perspectiva da escrita como rasuras, como porta de entrada para um novo viés, um encontro de si mesma:

É escrita pautada em um renascimento, firmado nas raízes da ancestralidade, porque eu já morri muitas vezes, porque não existe rua sem saída. É uma escrita que realmente o encruzilhar é o todo. E se eu já morri muitas, eu já renasci muitas vezes, eu sou teimosa. Eu teimo em mim, eu gosto de renascer. E como diz Maya Angelou, “e ainda assim eu me levanto.” E eu gosto mesmo, eu flerto com as rasuras, com o novo. Eu posso chegar numa roda de mulheres negras e falar sobre dor, geralmente eu vou falar, mas eu vou falar de um outro jeito, porque ninguém pode participar de um evento comigo e sair sangrando. Tô sempre preocupada com isso, sempre costurando, organizando essas palavras nesse balaio de afeto para que então eu consiga as perguntas. E eu possa perguntar qual o álbum que você escuta que te dá vontade dançar no meio da sala? Qual foi a última vez que você deu uma risada e sua barriga doeu? Que você mais gosta de comer? Qual o cheiro que te lembra casa? Qual o gosto que a vida tem na sua boca? E aí me interessa essa parte das mulheres negras que é ignorada, seja na literatura, no audiovisual. Gente, eu quero saber qual sua cor favorita, se você gosta de amarelo, se você gosta do frio ou calor que você faz em dias de sol. Meu Deus, eu me interesso muito. As pessoas não se interessam por nossas subjetividades, a escrita de mulheres negras se interessa muito. Ou quando as pessoas se interessam por nós perguntam só sobre racismo, só pelo peito rasgado. Eu quero saber o que você fez para cicatrizar e já gera uma fala. Nós glorificamos a sobrevivência, me interessa muito os processos, quero saber o que faz festa em seu peito, como você gostaria de ser amada. E aí vamos criando novos imaginários. A literatura é tudo, uma mulher que se olha no espelho e gosta do que vê a partir do meu livro. Eu ganhei, ela ganhou e às vezes eu só precisava perguntar. Sabe essas perguntas que fazem para todo mundo, menos pra gente. Tudo importa (Leão, 2024, p.3).

Leão reafirma que é na escrita, na literatura negra que subjetividades se reconstroem. Na linguagem poética devolve-se humanidades, saídas. A poesia é água de rio que contorna o mar para desaguar no verso, mesmo bravo, mas voraz. No construir da poesia negra feminina que insistimos na teimosia esperança, cura, nas perguntas que não nos alcançam, porque a cor chega primeiro. A escrita de Ryane Leão insiste nos processos decoloniais de humanizar esse corpo negro brutalizado historicamente, às mulheres negras devolve a sensibilidade do amor, o ato político de ser amada. Na via contrária subverte:

Eu sinto e vejo  
a minha cura  
é processo lento  
e mesmo nas noites  
em que eu não a alcanço  
alguém aparece pra me lembrar  
que já não há tempos para quebras  
e sem jeito me levanto  
ainda com pernas fracas  
e os olhos inchados  
antes ter ficado  
um pouco mais no chão  
e aprendido sobre o seu gosto  
de decorado o caminho de  
volta  
da ponta do precipício  
impuseram a presa  
no meu cicatrizar

A minha cura  
 é abstrata e confusa  
 não tem linearidade  
 se ontem sorri levezas com  
 olhos  
 hoje a memória me engole me desestrutura  
 olheiras provam que eu  
 estou sempre contendo enchentes  
 me adaptando novamente ao silêncio  
 depois de tanto gritar

[...]

A minha cura  
 não é de todo estancada  
 ainda sangro  
 ainda perco

[...]

ainda estou construindo  
 uma possível saída

(Leão, 2019, p. 111-112).

A poética de Leão rompe com o discurso monolítico, imutável sobre ser mulher negra, eleva à complexidade da subjetividade que se refaz na busca, nos sentimentos de raiva, resistência, na cura e no contrafluxo humaniza essas mulheres, corporifica na escrita a premissa do ser, desmitifica estereótipos que coisificam esses corpos. Devolve às mulheres o direito político de sentir, de ser invadida pelo refazimento de si através da tessitura textual. A arquitetura de sua poesia se edifica nessas costuras de um olhar fito no escrutinar de si mesma de uma poesia que nos varre, nos ilumina, sem antes limitar, oceânica a escrita nos preenche de coisa alguma e, ao mesmo tempo, de um tudo. No esvaziar-se e no prene da poesia negra feminina.

Desse modo, Leão desenha sua literatura nas linhas de uma escrita vulcânica, voraz que busca fôlego de um eu lírico cheio de dizeres, de uma voz que se derrama ao falar seus silenciamentos prescritos, mas que ao fazer, inunda, fere e aprofunda. Há, nesse sentido, uma característica textual comunicada nas obras de Ryane Leão que passa pela pressa em ser percebida, ânsia de juntar cacos de uma subjetividade fraturada pela dor, mas que não faz morada nessa condição. As repetições do poema acima trazem a urgência do eu lírico de ser pessoa, performatizada por elementos da natureza que carrega a simbologia dessa instabilidade, das alegorias religiosas dos orixás femininos associadas à da força, ao poder, especialmente de alguém em formação, no contrafluxo dos estereótipos de redução da mulher negra, a escrita acolhe, refuta.

A composição da escrita da autora é permeada por uma travessia-escrevivência delineada por uma voz feminina que, como ela mesma define, é “temporal e mansidão”, ou seja, as obscuridades do ser pessoa, de ser mulher em constante refazimento, sobretudo de reconhecer-se pequena e grande, leve e pesada, por vezes não definida, mas em transição. Uma vivência que se subscreve no desenvolvimento do vir a ser, do tornar-se, principalmente do enxergar-se nos meios dos destroços. “Em outras palavras, ainda há necessidade de nos tornar-mo-nos sujeitos” (Kilomba, 2019, p.29).

Essa escrevivência, (Evaristo, 2021) como uma maneira colocar-se no mundo, “um suporte para estar de pé”. Leão se apropria desse conceito para dizer-se, a literatura elaborada a partir das humanidades, das controvérsias, do contato com outro como constructo de si. A poética de Ryane Leão funda epistemes que permitem às mulheres negras pensarem caminhos de volta a si mesmas, em possibilidade de olhar novamente, ainda que seja para as mesmas realidades.

[...]

que hoje eu reconheça  
até na fraqueza  
um motivo para revolução  
hoje serei minha própria cura  
hoje não terei vergonha  
hoje não vou esperar que me salvem  
e se não houver ninguém para me dizer que sou sagrada  
que eu seja a própria deusa de minhas águas salgadas  
hoje não estarei no olho do furacão  
hoje serei o furacão  
hoje estou viva  
hoje estou celebrando  
tudo que sou  
hoje escolhi o gosto de vida  
hoje sou coragem  
hoje estou viva  
hoje estou viva  
hoje estou viva

[...]

as partes de mim  
que ainda não são cicatrizes  
logo vão notar  
que tudo em mim  
é possibilidade  
se tô quebrada

a poesia me remonta  
se tô inteira a poesia me reconta.

(Leão, 2019, p.52-53).

Dar nome ao sentimento já é cura, está dito na tessitura textual de Leão. O reconhecimento de si como incompletude, quebrada, como rasgos de alguém em busca de individualidades, de reconstituir identidades envolve a poética da autora no delinear decolonial de rompimento e de refletir sobre novas epistemologias. Pensar a si como projeto de desarticulação de uma prática histórica de fazer mortes.

O corpo-travessia de mulher preta pensado à luz do amor, da reconstrução do ser na contramão da desumanização dessas vozes, é radical, sobretudo é revolucionário. Ao articular temas como a ausência de cuidado, os atravessamentos da dor, Leão constrói um texto que é também abrigo, resistência, travessia, lampejo de esperança. As repetições e metáforas tencionam e valiam a complexidade do eu lírico nesse processo de autopercepção, da reconfiguração da identidade, reescrita de narrativas sobre si, sobre nós. O deslocamento de objeto a sujeito como ação transformadora, isto é, a literatura como ferramenta de emancipação de corpos machucados. A escrita, portanto, passa a ser uma necessidade, um ato político, “a passagem de objeto a sujeito”, “remonta e reconta” quem escreve e quem a lê. Grada Kilomba reflete em “Memórias da plantação”, (2019) que o ato de escrever decoloniza espaços e vozes, valida, legitima sentimentos e condições sociais pré-estabelecidas, representa, nesse sentido, “o duplo desejo de se opor à outridade e o de reinventar a si mesmo” (Kilomba, 2019, p. 28). Desse modo, Leão, forja:

[...]

qual seu cheiro favorito  
tem nascido flores  
em você  
como anda sua fé  
você quer um abraço daqueles  
que fazem parar de chover  
ou daqueles que nos fazem  
desaguar  
qual sua maior saudade  
você tem conversado com seus ancestrais

[...]

Semana passada  
enfiei na cabeça  
que eu seria mais celebrativa  
e fiz uma única promessa:

Jamais desperdiçar  
segundos sem amor.

(Leão, 2019, p. 109- 154).

Os versos sublinham perguntas que nunca são dirigidas à mulher negra, corpo historicamente mazelado e estereotipado, são temáticas de uma negrura que se rasura a literatura construída sob olhares brancos. A poesia de Ryane Leão resgata a mulher negra do lugar de ausências, oferece-lhes, de outro modo, um espaço de reinvenção da autoestima e da dignidade.

No livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, bell hooks (2020), elabora e desenvolve o texto no entendimento sobre amor como um gesto político e potente e não distante, utópico, mas uma construção que nasce em nós, em primeira instância e ainda uma prática para se construir em sociedade.

Quando se refere à autoestima, a autora se debruça em pensar o autoamor como conhecimento profundo de si mesmo, é se propor em estar diante da imagem de si e senti-la, confrontá-la, e, sobretudo amá-la, ou seja, assumir a responsabilidade de si mesma “confrontar e alterar as bases trêmulas de ódio e de desprezo nas quais nossa baixa autoestima está fundamentada” (hooks, 2020, p. 101). A intelectual afirma ainda, que o amor próprio não pode ser solitário, uma vez que não é uma tarefa fácil, porque está embasada em raízes do autoódio, na infância e/ou numa estrutura de discursos históricos sobre nós, principalmente as mulheres pretas, quando estamos diante do espelho distorcido e convexo da colonização. Sobre isto destaca:

Amor-próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos esforços amorosos falham. Ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter amor incondicional que talvez tenhamos sempre desejado receber de outra pessoa. Quando interagimos com os outros, o amor que damos e recebemos sempre é necessariamente condicional. Embora não seja impossível, é muito difícil e raro que sejamos capazes de estender o amor incondicional aos outros, em grande parte porque não temos como exercer o controle sobre o comportamento deles e não podemos prever ou controlar totalmente nossas reações a suas ações. Podemos, contudo, exercitar controle sobre as nossas. Podemos nos dar amor incondicional que é fundamento para a aceitação e a afirmação sustentadas. Quando nos damos esse presente precioso, somos capazes de alcançar os outros a partir de um lugar de satisfação, e não de falta (hooks, 2020, p. 106-107).

Pensar o amor a partir do corpo e voz preta é desruptivo, uma vez que somos refletidas e enxergadas no lugar de cargas, de dor. Ryane Leão afirma acima que nossas subjetividades não interessam socialmente, cita frases corriqueiras que poderiam ser ditas a mulher negras e não são proferidas, porque para essa mulher resta a subalternidade. Na contramão, a literatura de mulheres pretas encontra-se o autoamor, ainda que em meio à violência, o apagamento epistêmico e ontológico, o eu-preto que subverte à tecnologia contra-colonial que fere corpos e também corações. (Carneiro, 2005). Para tanto, escrever sobre amor para bell hooks, Ryane Leão não é utopia, mas uma necessidade de sobrevivência, uma transformação política. Manter o olhar para as nossas subjetividades, quando ninguém mais o faz:



o que me faz poderosa  
 não é só essa força desmedida  
 esse grito potente  
 se estou de pé é justamente  
 porque me permito a queda livre  
 me deixo desabar  
 sentir o gosto do chão  
 desaguar  
 digo para a minha intensidade  
 descansar  
 pra dor não faço lar  
 mas permito a visita  
 não serei inabalável  
 não insista  
 quando estou fraca  
 tenho coragem  
 de me encarar  
 para nós que temos pressa  
 desejo que ainda haja vontade  
 de contar estrelas durante a noite  
 para nós que temos pressa  
 desejo que possamos ler um poema  
 a ponto de senti-lo mudando nossos rumos  
 para nós que temos pressa  
 que respirar fundo substitua  
 os pés nervosos e as mão trêmulas  
 para nós que temos pressa  
 que a angústia nos esqueça  
 descanse entre brechas  
 para nós que temos pressa  
 que ela seja fuga pro que somos  
 para nós que temos pressa  
 desejo atrasos bonitos  
 nos encontrem  
 para nós que temos pressa  
 desejos atalhos entre os trilhos descompensados  
 para nós que temos pressa  
 que saibamos que o retorno  
 é perigoso e por vezes impossível  
 melhor parar  
 admirar as demoras  
 pra então seguir

[...]

ontem eu deitei na cama  
 fechei os olhos  
 e tentei esquecer  
 todos esses nomes  
 que moram em mim  
 são tantos andando aqui dentro  
 que fico alternando entre ser tão boa  
 e tão péssima nessa coisa de deixar ir

[...]

você me chama de rainha  
 mas não banca um elogio  
 porque não reina comigo  
 eu amo a minha solidão  
 mas também preciso de abraço  
 de colo, de porre, de convite,  
 de ajuda, de norte, de fé  
 comigo ninguém pode  
 ou eu é que não posso com ninguém?  
 [...]

(Leão, 2019.p.17-18).

Os poemas carregam uma composição formal, confessional e político, característica da escrita de Leão. Desenhados em versos livre, sem métricas e rimas fixas, como desobediência e gesto de decolonialidade, que desmonta padrões rígidos da linguagem, o que permite a mistura das estrofes sem perder a constância, a coerência textual, cujo movimento tomei a liberdade de construir. A fluidez dessa voz nos poemas, das emoções, alternando entre a dor e a cura, reconstruções e abruptas interrupções metaforizam esse ressurgimento em meio à queda. Os textos, especialmente convocam mulheres à luta, à coletividade, sublinhadas pelas anáforas, chama para o movimento feminino único, já reverenciado nesta tese.

Nesse sentido, a poética de Leão carrega um desejo radical de cura, delicadeza, de pausas como resistência. A força não está apenas no grito, mas na coragem de descansar e recomeçar. Um manifesto à vulnerabilidade, uma contranarrativa de rompimento que recusa a desumanização desses corpos. Ryane Leão reafirma e busca o direito ao afeto, ao cuidado e à restauração.

Às vezes quando falo sobre desmoronar  
 dizem pra deixar pra lá  
 mas eu nunca vi tristeza passar  
 sem ser sentida  
 ignorar as feridas  
 não vão estancá-las  
 tem que parar, olhar  
 lavar, passar remédio  
 e soprar, não tem?

a poesia não quer dizer  
 que sobreviver é artístico  
 sobreviver dói e arranca sangue  
 é que as palavras têm dessas  
 de acalantar

não se iluda  
 hoje eu não vou pro front da luta  
 nem precisa me chamar

eu não desisti não  
só tenho que me restaurar

curar começa quando  
dizemos as nossas verdades

(Leão, 2019.p.18).

O contexto poético, nesse sentido, não romantiza a dor, mas nomeia e confronta as feridas. Afirmar que sobreviver não é arte, é luta, ato contínuo de sangrar, é existência política. A poesia não como evasão do mundo (Lorde, 2019), mas um caminho de escrivência, de resistência. A tessitura textual torna-se um espaço de cura possível, de reinvenção de ser, de afirmação de um eu que ama, que sente, que precisa de colo, de norte, de amor como um ato de insurgência (hooks, 2020), um projeto socialmente político e ético de reconstrução. Ryane Leão escreve para essa pressa, para curar-se na verdade, corroborando com (hooks, 2023, p.27), “a cura acontece dentro de nós quando falamos a verdade. ”

Recorro a bell hooks (2023) na obra “ Irmãs do Injume: mulheres negras e autorecuperação” para refletir sobre as feridas, autoódio, baixa autoestima provocado pelo racismo sofrido, internalizado em nossos corpos, “mentes corações e espíritos” (p.17). Nessa perspectiva, a autora provoca temas como a cura emocional e espiritual de mulheres negras em contexto de violações sistêmicas como, racismo, sexismo, saúde mental e elabora algumas estratégias de autorrecuperação e lutas. O título do livro referencia sobre um grupo de apoio às mulheres negras, onde lecionava bell hooks.

A intelectual reafirma que todas nós, pessoas negras, somos marcadas e violentadas por essa estrutura que se alimenta da supremacia branca e propõe que o bem-estar, o descanso para as mulheres pretas é revolucionário em uma realidade que as subalterniza constantemente. Analisa que o racismo, sexismo e patriarcado lesam profundamente a saúde mental e física desde a infância de meninas e meninos pretos, e desse modo, critica e reflete sobre a importância do autocuidado, autorecuperação e de que mulheres precisam pensar, agir em coletividade como apoio mútuo para construção de pontes, de brechas para cura, mas ainda de resistir às essas estruturas, “embora eu escreva sobre o processo de cura enquanto indivíduo, o entendimento compartilhado é coletivo, cura coletiva. ” (hooks, 2023, p.21).

As pessoas negras, são de fato feridas, por forças dominadoras. Apesar do nosso acesso aos privilégios materiais, todas as pessoas negras são feridas pela supremacia branca, pelo racismo, pelo sexismo e por um sistema econômico capitalista que nos condena coletivamente a uma posição de subclasse. Essas feridas não se manifestam apenas por meios materiais, mas afetam nosso bem-estar psicológico. Nós, pessoas negras, somos feridas em nossos corações, mentes, corpos e espíritos. Embora muitas pessoas entre nós reconheçam profundidade de nossas dores e feridas, nós não

costumamos nos organizar coletivamente e de forma contínua para encontrar e compartilhar maneiras de nos curar. Mas nossa literatura ajudou nisso. Artistas negras progressistas têm demonstrado uma preocupação incessante em curar nossas feridas (hooks, 2023, p.17).

Da mesma premissa de ações no coletivo, reafirma a intelectual Cida Bento, na obra “Pacto da Branquitude” (2022), a autora destaca que há um pacto narcísico da branquitude, não combinado historicamente de fortalecimento entre os iguais que garante a permanência nos espaços de poder, de lideranças eminentemente brancas e masculinas. O que bell hooks (2023) nos provoca é que o movimento de luta, cura precisa ser feito por mulheres de mãos dadas, porque há um pacto sofisticado, ainda que silencioso que apaga vozes, varre a nossa negrura sistematicamente. Nesse balaio, a poesia de Ryane Leão está sempre em busca de outras, o feminismo que se efetiva no cotidiano, no encruzilhar de travessias de mulheres, porque não existe dor sozinha. Sobre a escrita como ferramenta que se refaz em nós, no coletivo, Ryane Leão realça:

A escrita para mim jamais é tanto faz. É essencial, é sopro de vida, é ancestral, é esse caminho de resistência, é essa encruzilhada. É esse compromisso com esse bem viver. O que eleva é parte que identifica, alguém ler e se identifica e pensa se a Ryane saiu dessa relação abusiva eu também posso sair. Nossa, quantas mulheres negras já falaram pra que saíam de relacionamentos adoecidos por conta do poema. É triste, porque muitas passam por relacionamentos adoecidos, mas tem esse lado que a poesia entra como um afago, esse acolhimento, podemos estar vivas depois disso. Que não acho sobre ver o lado bom das coisas, é sobre autoficção. A Lívia Natália tem um poema que se chama “autobiografia do impossível” e depois eu fiquei pensando que a gente autobiografa o impossível o tempo inteiro. A gente está sempre autoficcando. Tudo é biografia. Contar histórias é uma forma também de mudar os finais, restabelecer os começos. Como diz Negro Bisbo, tudo é começo, meio e começo que é como foi dividir os capítulos do meu livro novo, com os créditos, obviamente. Acho que a escrita ela dá esse norte, ela nos devolve para gente, ela nos devolve para cura, para as cicatrizes. Ela fala assim, calma, calma, porque passa. Tem uma coisa na gente que é importante saber que não dói sozinha, não tem dor sozinha, não faz sozinha. Não faz revolução silenciosa, sozinha. Tenho uma aula que é sobre escrever autoficção, que a gente fala sobre escrever o incômodo e lá no final a gente muda o incômodo. Na palavra tudo é possível e eventualmente se está na palavra, na vida também se torna possível (Leão, 2024.p.5).

Na construção do impossível, na escrita de mulheres negras, se desenha o espaço de poder, de fala. A autoficção como prática política e criativa que possibilita autobiografar o indivisível, aquilo que queima e fere, nomear a dor, mas que, ao mesmo tempo, encontra travessia de existência e memória. A autora valida a perspectiva de (hooks, 2023), de refletir sobre a dor no coletivo e de que a transformação deve ser compartilhada, máxima de um feminismo interseccional.

Na poética de Ryane Leão, escrever não é só um exercício estético, mas um gesto político, ancestral. Compreende-se a escrita como uma travessia — uma jornada que parte da

dor, do trauma e do silenciamento, mas que se lança, pela palavra, em direção à cura, ao pertencimento e à liberdade. Quando Leão afirma que a escrita é um “sopro de vida” e que “na palavra tudo é possível”, ela está assumindo uma posição radical: a palavra tem potência de transformação não apenas simbólica, mas concreta, no corpo, na subjetividade e nas relações.

A reflexão sobre escrever o incômodo corrobora com a premissa de Conceição Evaristo de que a nossa *escrevivência* “não é para adormecer os da casa-grande e sim para incomodá-los dos sonos injustos” (Evaristo, 2021, p. 1). Esse incômodo, na poesia de Leão, é também íntimo, afetivo e psíquico, são as marcas deixadas por relações abusivas, pela solidão da mulher negra, pela precariedade das existências dissidentes. A escrita de Ryane Leão constrói pontes: entre passado e futuro, entre dor e possibilidade, entre silêncio e voz. Seus poemas têm funcionado como ferramentas de empoderamento coletivo, sobretudo para mulheres negras, que se reconhecem na sua narrativa e se autorizam, por meio dela, a romper ciclos de violência e a imaginar outros modos de existência. O impossível, quando trazido para o campo da linguagem, não se cristaliza em vitimização; ele é prática de elaboração, trabalho de travessia.

agora me veem como sobrevivente  
a que insiste  
agora que me veem como forte  
a que se firma  
agora que já sei que posso voltar  
quem vai me buscar no retorno  
na esquina, no limbo, no poço  
de quem são os ouvidos  
que mais chovem  
do que suportam as tempestades  
de quem são os ouvidos  
quando digo que falei demais  
mas se a vida toda silencie  
onde está o excesso de voz  
onde se instalam as palavras  
que foram perdidas na infância  
dá pra recuperar o que ficou preso no  
diafragma?

Por ora me curo  
mas por ter me salvado  
tantas vezes só  
me faço ancestral  
para as que virão  
e isso basta.

(Leão, 2019, p.62).

O poeta sobreescreve em nós questões alicerçais e enraizadas em nossos corpos negros desabitados ao longo da vida. Leão costura dores seculares em seus versos sem rimas e tematiza

a solidão da mulher negra como a centro dessa poética, ao mesmo tempo que, tensiona a luta por sobrevivência em meio aos destroços e a ancestralidade que carrega.

A autora organiza a sua produção poética em estruturas que desestabilizam a linearidade e o fechamento narrativo. Essa concepção cíclica do tempo e da narrativa está profundamente ligada a epistemologias afro-diaspóricas, que rompem com a lógica colonial do progresso linear e valorizam a circularidade, a repetição, o retorno como reinvenção. Assim, a travessia nunca é definitiva, está sempre sendo reatualizada, reescrita, revisitada, o que é caracterizado no suporte em que esse texto é comunicado.

As redes sociais, como já arrolado acima, são meios epistemológicos de elaboração e um dos meios de recepção das poesias de Leão. O modo não linear, cíclico de narrar da autora encontram caminhos de ressonâncias nas plataformas digitais, cuja escrita não se identifica em contornos fechados, a repetição, a revisão e republicações dessas postagens são formas de experimentar esse formato de textos, ou seja, uma poética viva em processo de reutilizações. Nesse espaço digital, a autora se vale como um instrumento para, a partir dos textos poéticos, reescrever subjetividades historicamente em silêncio, insurgências simbólicas da vida. Na entrevista cedida para este estudo, a autora dialoga acerca da relação com as redes sociais nos ecos e veiculação de sua poesia. Nessa costura, sobreleva:

Eu não acredito que exista *instapoemas* ou *instapoemas*. Eu acredito que *instagram* seja uma plataforma que a gente usa ao nosso favor, que a gente usa da melhor forma para propagar esses poemas para que mais pessoas escrevam. Essa troca que eu tenho no digital é maravilhosa. Ali que eu sei como a pessoa se sentiu quando leu meu livro. Eu sei quando as adolescentes me repostam. Eu sei quando estão me estudando nas escolas. Eu sei quando a mulher negra posta uma foto e coloca um poema meu de fundo. Então essa troca é maravilhosa. Construir essa rede nesses 15 anos e não abro mão por ninguém. Minha rede de leitores e leitoras, principalmente 96% das pessoas que leem são mulheres. É uma rede forte, uma rede firme, uma rede de mulheres, especialmente mulheres negras que estão tentando, eu também estou tentando. Essa é parte bonita. E ainda que todos os percalços socioeconômicos, de acesso, eu vejo uma abrangência, um amplificar da literatura (Leão, 2024, p. 5-6).

A troca mencionada acima são também travessias que a poesia negra feminina navega, procura e subverte. Como campo fertilizado, a escrita de Ryane Leão pulveriza lastros de um esperar, de ver-se, parafraseando Evaristo. A poesia penetra e cria novos jeitos de pensar os corpos, redes colaborativas igualmente destinado às mulheres negras para assumir a fala sobre dores, alegrias, escrever espaços, subjetividades. Esta pesquisa não se atém ao estudo das poesias nos formatos digitais, contudo é importante registrar que esses suportes comunicadores da poesia da autora fazem parte da construção dos novos contornos e preenchimentos que faz a poética de Ryane Leão na contemporaneidade.

Nos mundos submersos que só a poesia penetra, nos partilhamentos e novas configurações que a poética decolonial e feminista de Leão passeia. Criando mundos inteiros, inscrevendo subjetividades fraturadas e casas simbólicas para corpos femininos. Nesse sentido, aconselha:

[...]

quando andar aos avessos  
raspando dentes ansiosos  
transparecendo excessos  
mente a mil por hora  
procure a poesia  
e quando a poeira baixar  
procure poetas  
agradaça  
fortaleça

(Leão, 2019, 122).

O texto reitera, a poesia não só estética, mas recurso de cuidado, cura, espelho, travessia. Para nós, pretas, é borda. Por isso, escrever é também voltar para se reencontrar, com o que doeu, mas também com o que sobreviveu. No gesto de escrever o incômodo, a poeta cria um espaço de cura coletiva. Seus poemas se tornam possibilidades de recomeço. Como ela mesma afirma, a escrita “nos devolve para a cura, para as cicatrizes”, e isso não é resignação, mas recusa da morte simbólica, inscrição da vida na linguagem.

### **3.3 Somos continuidades: confluências ancestrais e literárias nas vozes de Conceição Evaristo e Ryane Leão**

*Na autoria desta nova história.  
E neste novo registro  
a milenária letra  
se fundirá à nova  
grafia dos mais jovens*

(Evaristo, 2017).

*Lá no terreiro a gente aprende  
que os mais velhos sabem das dores e dos  
segredos  
que são eles que ouvem as plantas  
e sabem o valor das palavras  
então a gente fica ouvindo  
os conselhos e as histórias  
não precisa perguntar muito  
o que tiver que saber vai saber.  
Lá no terreiro a gente aprende*

*que não há quem ande sozinho  
que existe uma multidão ancestral  
no nosso caminho.*

(Ryane Leão, 2019).

Este capítulo se debruçará sobre o encontro de vozes negras, como numa simbologia ancestral de ensinamento de uma mais velha. Será teorizado, nesse sentido, sobre os pontos de navegações entre a poesia de Conceição Evaristo e Ryane Leão, destacando, nessa perspectiva, os temas confluentes que corroboram para uma escrita de mulheres negras que versam sobre nossos corpos fraturados pela colonização. Desse modo, além da análise dos textos literários, as temáticas, a grafia dos textos, as escrevivências, este tópico teoriza e celebra o encontro de vozes-mulheres, mulheres oceânicas. Estas linhas finais também são sobre a escrita de continuidade, rastros de ancestralidade, movimento coletivo, rodas frutíferas, o que cerceia esta tese.

A ancestralidade é travessia que mulheres negras usam como artefato para continuidade de vozes e de histórias negras, reafirmado nestes escritos. São corpos-epistemes que promovem novas rotas de esperar a vida, o poema, na gira de continuidades de mulheres como Conceição Evaristo, caminhando para atravessar a existência e escrita de Ryane Leão. Somos muitas, somos corpos dialógicos e polifônicos, ventanias. Estamos em todo lugar, porque somos mulheres contínuas, em movimento de águas.

Para tanto e com um intuito de refletir sobre a poética do encontro, esta pesquisa traz na borda das saias destas intelectuais negras, a vida pulsante em palavras, a escrita que movimenta mulheres em todos os espaços, cujo deslocamento permite que nos aconcheguemos no colo de Conceição Evaristo para nos embalar no toque suave de sua poesia, ainda que navegue por águas dolorosas, de uma fina lâmina que nos fere. Evaristo consegue atenuar com a escrita na mansidão que lhe é própria, cujo objetivo é alcançar mulheres negras em travessias, em caminhos para encontro de si, em fazeduras de caminhos de volta. Embora, “a minha voz ainda/ ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e fome” (Evaristo 2017, p. 25), não obstante, estamos travessia, como nas palavras de Evaristo (2017) no poema *Amigas*:

Trago na palma das mãos,  
não somente a alma,  
mas o um rubro calo,  
viva cicatriz, do árduo  
refazer de mim.

Trago na palma das mãos



a pedra retirada  
do meio do caminho.

E quando o meu pulso  
dobra sob o peso da rocha  
e os meus dedos murcham  
feito a flor macerada  
pelos distraídos pés  
dos caminantes  
eu já não grito mais.  
Finjo o não dor.

Tenho a calma de uma velha mulher  
recolhendo seus restantes pedaços.  
E com o cuspo grosso de sua saliva,  
uma mistura agridoce,  
a deusa artesão cola, recola,  
lima e nina o seu corpo mil partido.  
E se refaz inteira por entre a áspera  
Intempérie dos dias.

(Evaristo, 2017, p. 32).

Com os pés caminantes a nossa mais velha nos convida a recolher os pedaços para refazer-se inteira, mesmo que em mil partidos, áspera. Soprando flores em nossas mãos como deusas artesãs na fazedura da arte-viver, de provocar e de perceber-se, essas são as mulheres negras inundando-se. Conceição faz um poema-convite para travessias que fazemos costumeiramente, para o atracar-se às nossas subjetividades negras no processo de sabedoria ancestral, olhar sankofa para (re)construção do eu-mulher.

No gesto de dar as mãos como amigas, como artesãs de si, na reconstrução de mil pedaços também está Ryane Leão, numa escrita-imensidão e a partir dessas influências, das marcas de permanências da voz ancestral evaristiana, desenha uma poesia provocativa, articulada às novas urgências, circulações de novas vozes nas narrativas negras femininas no cenário literário. Numa poesia impetuosa sopra em nossos ouvidos que há pressa no passo, no alcance de novos caminhos, mas que as dores pretas são mesmas, que atravessam gerações e cortam corpos com a mesma vivência e discursos de subalternidade.

São vozes-mulheres que na ancestralidade elaboram narrativas com a possibilidade de revisitar e acessar conhecimentos negros para redimensionar o modo como olhamos para trás e ao redor, cuja reflexão encontra nessa volta ao passado e no modo como enxergamos o futuro, pois este é ancestral (Ribeiro, 2020).

Ryane Leão, quando perguntada sobre quem com ela escreve, quais as vozes-mulheres que compunham o corpo de sua escrita, diz que:

Eu acredito muito em uma escrita que é ancestral. Estive no terreiro com Exu me olhando nos olhos e falando que me deu essa missão de comunicar, assim como Exu, quem sopra nos meus textos é Maria Padilha. Também é Oíá, Exu. Vou respondendo essa pergunta e me arrepiando inteira, porque ele me disse dessa missão ancestral. Você tem tudo que precisa para cumpri-la com muita honra, um legado bonito. Então acredito que todas que foram e todas que são agora. A gente é uma dança entre elas e todas essas foram também não falaram, né? Nesse sentido de renovação que você fala e eu falei das que não falaram pensando na minha mãe, na minha avó. Na sequência de silêncios que eu quebro. Eu sou essa quebra e eu aceito essa quebra sem fardo. Não acho que seja um fardo, quebrar esse paradigma, esse *modus operandi*. Não, eu vou ser uma mulher feliz. Eu vou ser uma mulher amável. Eu vou na contramão do mundo, não estou sozinha. Então essas vozes mulheres são todas que me habitam. Umas eu sei o nome, outras eu nunca saberei, mas eu sei que elas estão aqui. Elas estão o tempo inteiro. Tem uma poeta chamada Naíra Urraide que tem um poema falando assim, “todas as mulheres em mim estão cansadas”. Então às vezes, estamos cansadas, às vezes felizes, outras não, mas todas elas caminhando comigo. Essa legião ancestral que faz o peito bater de uma forma mais leve e faz a vida não ser tão dura. A gente não embrutecer o olhar diante do mundo. Elas me sopram que sou possível, que não preciso me definir a partir da dor, do trauma. Elas me sopram que eu nasci para ser amada. Elas me sopram que a gente pode escrever mundos inteiros. Criar universos a partir da escrita (Leão, 2024, p.1).

A ancestralidade nos ensina que não encerramos em nós, porque há uma possibilidade de futuro, de continuidades. Ryane Leão leva-nos a acreditar que não há quebra, de não estarmos sozinhas. Existem confluências, trocas entre nós, mulheres, mulheres de cor. E essa esperança de caminharmos em legião ancestral nos envolve para que outras possam promover a percepção de si e a importância da celebração de legados, somos grandes, somos redes, estamos em travessias, sobretudo uma para as outras na pulverização de novos lugares. Com quantas mulheres fazemos travessia de nossas vivências? É um questionamento que metaforicamente pulveriza esta pesquisa. São muitas, ainda que não saibamos de todas, porém caminhos são traçados por meio dessas vozes, por meio da escrita. Esse soprar na escrita-vivência para criarmos mundo inteiros, universos, nas intempéries de dias áspersos, nos sopros dos segredos de sobrevivência de nossas ancestrais, somos encontros tecidos na conexão que se estabelece na poética das ancestralidades, nas oralituras.

Reconhecer-se como “legião ancestral” é estratégia de sobrevivência, de imbricar novos saberes dentro de um ciclo destrutivo do colonialismo. Para a pesquisadora Dalva Martins de Almeida (2023), por meio de estudos da ancestralidade, como a filosofia, redimensionamos conhecimentos de outras epistemologias. A ancestralidade é uma ruptura filosófica da academia para buscar saberes de nossas avós, contados a partir das oralidades, da memória, assinala (Ribeiro, 2020).

Estabelece-se uma linha histórica de continuidade, de amplitude de tempos-espacos distantes e tempos-espacos presentes, pois um corpo está conectado ao outro. Essa possibilidade de conexão entre corpos negros em tempos e espacos diferenciados pode ser entendida como importante pauta dentro do movimento negro feminino brasileiro,

em especial se pensarmos aos desmontes dos sistemas patriarcais e coloniais (Almeida, 2023, p.157).

A autora da tese intitulada “Poéticas da conexão e das ancestralidades: avós e netas negras na literatura brasileira”, Almeida (2023) elabora uma discussão importante para pensarmos sobre as travessias, articulações e circulações de novos epistemes a partir de saberes das nossas mais velhas. A valorização de conhecimentos que extrapolam o academicismo do cânone tradicional e da representação de nossos corpos em movimentos femininos pautados em histórias únicas. O voltar e apanhar vestígios, revisitar o passado para fazer futuro, ouvir e aconchegar-se no colo dessas oralidades literárias no cair da tarde na casa da infância de nossas avós. Ancestralidade é reinvenção de si, sem esquecer de outras. Nos dizeres de Katiúscia Ribeiro (2020):

Nossa ancestralidade nos faz perceber, nos faz sentir, nos faz pensar. Ela é impressa como força representativa de um saber vivo que se reinventa, uma força de vida mais criativa que a morte, que a diáspora ou a escravização. A ancestralidade é o vento materno, é o sopro de vida que é tecido no ventre de nossa mãe pelo sangue ancestral, é a música que faz vibrar as células do nosso corpo e dita o ritmo do nosso coração, é a poesia que acalma e perturba, é a filosofia e seus favos de sabedoria, é a luta pela vida e a resistência à morte, é a natureza e manifestação da vida, é o movimento e o caminhar, em cada uma de nós, em cada pessoa que respira há a marca da ancestralidade (Ribeiro, 2020, p. 2).

Navegar em águas ancestrais é fazer de si corpo dialógico, espiralar de memórias e oralidades, cuja diversidade simbólica, cultural e histórica passa pela significação das nossas identidades afro-brasileiras, no modo como articulamos discursos de lutas, na releitura de nossos corpos e ainda na feitura dos nossos dias enquanto povo preto dentro de uma estrutura secular colonial que ambas autoras derramam em suas poéticas.

de que valerão meus escritos  
se outras não falarem  
não se contarem  
não dançarem  
não se manifestarem  
não protestarem  
não se erguerem

de que valerão meus escritos  
seu eu me esquecer de direcioná-los  
para aquelas que engolem silêncios em seco  
que escondidas oram ao impossível  
que no ônibus às cinco da manhã  
fecham os olhos e sonham rumos  
que focam em tapar os vergões  
que nunca soltaram do peito os leões  
que estão habituadas a vestir  
inseguranças

eu que agora tenho a voz audível  
 não falarei por ninguém  
 convidarei para virem ao meu lado  
 para não deixarem se apagar  
 ou desencorajar

de que valerão os meus escritos  
 se eu não convocá-las  
 se eu ignorar de onde vim  
 se eu parar em mim.

descubra aquilo que te move  
 o que te traz de volta à vida  
 e se atire, se jogue, se lance  
 no instinto de fazer durar

(Leão, 2019, p.152).

A estrutura paralelística dos versos desenha matizes de reflexão e posicionamento político. Como no poema evaristiano acima, Leão convida mulheres à percepção de si, de modo igual, tematiza acerca de silêncios furiosos dessas mulheres, especialmente negras, pois há uma construção linguística denotando no texto as questões de classe, raça e gênero, entende-se, nesse sentido, a cor desse eu lírico. O reiterado uso do “não” constrói imagéticos da mudez histórica, imobilidade sistêmica, elucidando a privação de direitos, o que não foi permitido a essas vozes.

O poema traz como eixo central a memória coletiva que insurge no contrafluxo de opressões, dessa forma, Leão instiga e questiona qual a função de sua produção se não estiver aliada à legião de mulheres que partem dos meus lugares de subalternidade, racismo, patriarcado, pela história, ou seja, a literatura como instrumento social, efetivo, outrossim de denúncias.

Para a intelectual e poeta Lívia Natália Santos (2020), nós enquanto vivência preta não somos pensados dentro das nossas travessias de existências, ou seja, estamos sempre na via contrária de um país racista organizacional, não existem nossas histórias, mas as de outros sobre nós. A despeito disto escreve:

Se nossas existências são pensadas como efeito colateral de um projeto de nação que falhou em eliminar a nossa negrura do mapa, se há um sistemático processo de inviabilização de nossas vivências, qual seria possibilidade de se atribuir valor à travessia de um sujeito- de um corpo-negro? Muitos de nossos velhos afirmam que suas vidas dariam um livro e há, constantemente, entre pessoas negras, não apenas a sede de registrar as suas travessias, mas uma sistemática de criar espaços onde o eu possa se expressar, em que possamos partilhar a dureza da experiência de sermos negros num país estruturalmente racista (Santos, 2020, p. 211).

Costurando a fala da autora, escrever não é um emaranhado de palavras, mas um espaço de construção, de partilha, de validação de existências, um ato político no contrafluxo da negação de vivências, possibilidade de trançar histórias nossas que queremos contar. Nessa perspectiva, a discussão da literatura de mulheres negras não é encarada como um “estéril jogo de palavras” (Lorde, 2019, p.45), mas uma provocação, uma forma de alcançar lugares historicamente distantes. Ganhar outros caminhos vazantes dessa voz silenciada, uma vez que a literatura nos envolve na costura de dias-outros possíveis.

É a escrita literária que revolve em nós o mundo cheio de esperança, um barco de papel para fazermos travessia, para transmutarmos a nós mesmos e criar realidades acreditáveis, na urgência de comprometer a vida com a escrita, como reza Evaristo (2005). Para tanto, “escrever é transbordar os limites da linguagem.” (Santos, 2020, p.209).

### **Cremos**

*Ao poeta Nei Lopes, pelo poema “Histórias para ninar Cassul-Buanga”*

Cremos.  
Quando as muralhas  
desfizerem-se  
com mesma leveza  
de nuvens-algodoais,  
os nossos mais velhos  
vindo do fundo dos tempos  
sorrirão em paz.

Cremos.  
O anunciado milagre  
estará acontecendo.  
E na escritura grafada  
da pré-anúnciação,  
de um novo tempo  
novos parágrafos  
se abrirão.

Cremos.

(Evaristo, 2017, p.65).

O povo negro como sujeito do poema, a poeta elabora em nós a fina esperança que haverá caminhos, que a dor não se encerra em si, os parágrafos se abrirão, a escrita é porta, é travessia. O texto respira uma fé ancestral de um povo que é movido por um impulso de continuidade, enovelado pela repetição do ponto após a palavra “cremos” como reafirmação dessa crença, a certeza elaborada no tecer do verso como fundamento simbólico de fé, de luta aquilombamento, sobretudo de esperança de uma realidade-outra posta, possível. A

homenagem ao poeta reflete esse dar às mãos, elencado neste tópico, às intelectualidades negras, reafirmando que a produção negra na literatura ultrapassa a dimensão estética, constituiu-se como ato de resistência.

Nessa gira, insisto que a escrita negra feminina é esse caminho desenhado por mulheres “com flores na cabeça no coração”, como nos canta Liniker (2021). A poesia de mulheres negras, um barquinho de papel impermeável, sensível e, ao mesmo tempo, carregado de memórias e de outras vozes que, em conjunto, dão forma a esse vislumbre de um futuro ancestral. Aqui nesta tese, Conceição Evaristo e Ryane Leão caminham comigo, tecem uma rede de ancestralidade, no mesmo tempo de vivência, porque a literatura é atemporal. Sobre isso, Audre Lorde (2019) realça:

Quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras. Neste momento, acredito que as mulheres carregamos dentro de nós a possibilidade de fundirmos essas duas abordagens tão necessárias à sobrevivência, e é na poesia que nos aproximamos ao máximo dessa fusão (Lorde, 2019, p.45).

O tempo-poesia é feito nas profundezas destas navegações. Eu navego em mim quando remo até estas autoras e outras negras para confluir-me. *Ubuntu!*<sup>28</sup> Sou porque nós somos. Sem hierarquias, nas demoras das nossas sabedorias ancestrais. Para Audre Lorde (2019), a poesia cria uma linguagem para expressar a liberdade, ideias revolucionárias, sobretudo dentro de nós. É a palavra que sussurra em nós os sonhos, o deixar vir, é a travessia para mundos inteiros. A poesia constrói casas dentro de nós.

Para Glória Anzaldúa (2000), escrever é estar salva da complacência, do medo, para manter vivo o espírito da revolta, para manter-se viva, sobretudo.

Porque o mundo que eu crio compensa que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele a alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para rescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou pobre alma sofredora (Anzaldúa, 2000, p.232).

---

<sup>28</sup> Uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade faz parte da essência de *Ubuntu*, filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras. Na tentativa da tradução para o português, *ubuntu* seria “humanidade para com os outros”. Uma pessoa com *ubuntu* tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são diminuídos, oprimidos. – De *ubuntu*, as pessoas devem saber que o mundo não é uma ilha: “Eu sou porque nós somos” (Geledés, 2016, p.1).

Retorno ao dito por Lorde (2019) que corrobora com Glória Anzaldúa (2000), escrevemos para ter esperança, para a luta, para invenções de um mundo-outro habitável por mulheres sem que estas sejam mortas e violentadas cotidianamente. Escreve-se porque a vida não é inteira para essas mulheres-outras, escrever-se, porque as visões estereotipadas alimentam a discriminação sobre nós, por isso, a poesia não é luxo para mulheres de cor, é lugar de poder, dentro de cada uma de nós, lugar de uma dor que já sentimos antes e que apontam para outros caminhos e “não vamos abrir mão do cerne-da-fonte do nosso poder, da nossa condição de mulher, não vamos abrir mão do futuro dos nossos mundos” (Lorde, 2019, p.48).

Avigorando essa afirmação, Evaristo (2011) teoriza:

A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas, antes de tudo, a revelação do utópico desejo de construir outro mundo. Pela palavra poética, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. Há momentos em que a característica subversiva da fala poética se torna tão perceptível que seus criadores são considerados *personae non gratae*, e suas vozes são forçadas ao silêncio, ou ignoradas, como se não existissem. Entretanto, todo indivíduo e toda coletividade têm direito ao seu auto-pronunciamento, têm direito de contar/cantar a sua própria história. Uma poética se torna transgressora, também por eleger, muitas vezes, um padrão estético destoante daquele apresentado pelos dominadores. Optar por um fazer poético que se opõe ao discurso do poder estabelecido, é, de certa forma, assegurar o direito à fala, pois, por meio da poesia, ocupa-se vazio, fazem-se ouvir vozes, novos modos e conteúdos discursivos, representativos daqueles, muitas vezes, silenciados pelo poder (Evaristo, 2011, p. 9).

Segundo Evaristo (2011), a poesia desconhece o medo, pois é subversiva, controversa, uma vez que revela um lugar-outro, assegura o direito de fala, reveladora ela contorna os estereótipos e ganha o mundo destoante, altiva e leve. Na ânsia de conhecer e pertencer a um outro mundo, estou aqui partilhando da roda ancestral de Conceição Evaristo no morder palavra, no rasgar entre os dentes e veserjar a travessia de mulheres que no vazio, fazem-se ouvidas e comigo tecem a leitura, a escrita, a vida, cujo escrever promove rachaduras em estruturas opressoras.

### **Na mulher, o tempo...**

A mulher mirou-se no espelho do tempo,  
mil rugas (só as visíveis) sorriam,  
perpendiculares às linhas  
das dores.  
Amadurecidos sulcos  
atravessam o opaco  
e o fulgor de seus olhos  
em que a íris, entre  
o temor e a coragem,  
se expunha

ao incerto vaivém  
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:  
- e dos pingos lágrimas  
à plenitude da vazante.  
E no fluxo e reflexo de seu eu  
viu o tempo de se render.  
Viu os dias gastos  
em momentos renovados  
d' esperança nascitura.  
Viu seu ventre eterno grávido,  
salpicado de mil estrias,  
(só as contáveis estrelas)  
em revitalizado brilho.

E viu que nos infindos filetes de sua pele  
desenhos-louvores nasciam  
do tempo de todas as eras  
em que a voz-mulher  
na rouquidão de seu silêncio  
de tanto gritar acordou o tempo  
no tempo.

Ela só,  
só ela, a mulher,  
alisou as rugas dos dias  
e sapiente adivinhou:  
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,  
ele se guardou de uma mulher  
a outra...

E só,  
não mais só,  
recolheu o só  
da outra, da outra, da outra...  
Fazendo solidificar uma rede  
de infinitas jovens linhas  
cosidas por mãos ancestrais e  
rejubilou-se com o templo  
de seu eternizado corpo

(Evaristo, 2017, p. 39-40).

Fazendo solidificar uma rede/de infinitas jovens linhas [...]

[...]

Quero contar que você vai conseguir olhar no espelho  
e enxergar um rosto cheio de linhas  
e que você finalmente vai conhecer  
gente que te lembra que você é linda  
e que você não é difícil de amar  
vai haver muitas despedidas  
pra abrir lugar pra novas pessoas



é cíclico

há livros morando em cada uma de suas expressões  
livros que contam sobre uma mulher  
que é uma em muitas  
muitas em uma  
você é sua prioridade  
e não cabe egoísmo  
no autoamor  
é possível amar depois da dor

(Leão, 2019, p.41-42).

Ambas as mulheres nascem em suas particularidades. Os poemas revelam o esperar encarnado nas travessias de mulheres-outras reinventando-se. Se refazem no espiral de memórias, na ancestralidade e na força que o eu lírico respira nos versos. No cosimento dos textos, as poetisas encruzilham seus passos nas dores, nos rostos, com suas linhas vivas, tramam o tempo e reconstroem subjetividades feridas, no espelho da espiritualidade, na autopercepção.

No rio do tempo que corre para as demoras e urgências dos dizeres que só a poesia penetra, na linguagem de não pedir desculpas por se derramar de Ryane Leão e na suavidade de Conceição Evaristo, a escrita dessas mulheres conflui com outras mulheres no sangrar e nas alegrias de um lugar feminino sagrado dispensado na escritura e na escuta de quem com elas estabelece elos de identidade. A travessia de existências na poesia de Conceição Evaristo e Ryane Leão se tece na conexão poética do encontro, na mansidão temporal de mulheres-outras que bordam, verso a verso, sentidos de reexistência.

### **Inquisição**

*Ao poeta que nos nega*

Enquanto a inquisição  
interroga  
a minha existência,  
e nega o negrume do meu corpo-letra,  
na semântica da minha escrita,  
prossigo.

Assunto não mais  
o assunto  
dessas vagas e dissentedas  
falas.

Prossigo e persigo  
outras falas,  
aquelas ainda úmidas,  
vozes afogadas,  
da viagem negreira.

E, apesar  
de minha fala hoje  
desnudar-se no cálido  
e esperançoso sol  
de terras brasis, onde nasci,  
o gesto do meu corpo-escrita  
levanta em suas lembranças  
esmaecidas imagens  
de um útero primeiro.

Por isso prossigo.  
Persigo acalentando  
nessa escrevivência  
não a efígie de brancos brasões,  
sim o secular senso de invisíveis  
e negros queloides, selo originário,  
de um perdido  
e sempre reinventado clã.

(Evaristo, 2017, p.108-109).

Evaristo (2017) traz as linhas de um poema costurado nas negruras do povo num país que se diz branco, na inquisição dos dias interroga a sua (in) existência aparada pela negação e invisibilidade. A autora desenha na semântica de sua poesia que a língua que sai nas fendas da estrutura colonial branca é uma língua diaspórica, modificada pela travessia entre a linguagem colonizada e a ancestral, cujo translado se constrói na filosofia, nos mergulhos da memória e da cultura do povo preto, por isso o eu-lírico prossegue em busca de outras falas, as inundadas, as silenciadas para que o acalanto das escrevivência se refaça no esperançoso sol.

O corpo-escrita de Evaristo alvitra memórias ancestrais do translado violento do navio negreiro, de histórias e subjetividades destroçadas, de lembranças de casa, de um útero primeiro, da mãe África, cujos filhos viu esvair nos mares da dor, nas repressões e nas inúmeras mortes. Nas epistemes-diaspóricas, a autora traz ao centro de sua poesia a tarefa de reescrever, reconfigurar as identidades, as subjetividades, jogadas ao mar. Recolho, nesse sentido, as palavras de Conceição Evaristo (2011), em sua tese “Poemas Malungos- Cânticos Irmãos”:

Sobre a transversalidade histórica da África e dos países, cuja formação nacional estão incluídos os afrodescendentes, concluir-se que, além dos parentescos étnicos guardados, eventos históricos marcam experiências entre África e a diáspora ao longo dos tempos. Enquanto os povos africanos sofreram a intromissão do estrangeiro em seu próprio solo, experimentando cruéis formas de sujeitamento imposta pelo processo colonizatório, os africanos deportados do solo natal não tiveram um melhor destino. Historicamente, os povos diaspóricos, desde da escravidão nas Américas, experimentaram e ainda experimentam dolorosas formas de exclusão nos espaços nacionais que foram erigidos a partir dos seus trabalhos. Assim como os africanos colonizados se tornaram “objetos de uso”, “ferramenta” para colonizador usufruir das riquezas das terras, que por direito natural eram do próprio africano, o primeiro dono da terra, do mesmo modo, metaforicamente, os povos afrodescendentes nas Américas

experimentam formas de degredo no próprio solo pátrio que construíram. E, talvez, vivam também uma forma de exílio específico, que é a impossibilidade concreta de reconstruírem sua árvore genealógica (Evaristo, 2011, p.22).

A autora nos transporta para pensar nossos ancestrais em situações de cruzeiras do corpo-diáspora que sai bruscamente de suas origens, nas perdas identitárias, no apartar de subjetividades e o atravessamento que se gerou secularmente em gerações o vazio desse desligamento de sujeitos, como descreve Kehinde, em *Um defeito de cor*: “mas a pior de todas as sensações era a de um navio perdido no mar, e não a de estar dentro de um” (Gonçalves, 2021, p.61). Assim, Evaristo no texto poético vai desnudando um movimento de reconfiguração de memórias, de um lugar primeiro, um olhar ancestral sobre a travessia epistêmica, sobre a geografia inscrita no corpo negro, de um trânsito forçado e violento, cuja saudade do lugar original guarda a intenção de um retorno. De outro modo, é no corpo-escrita que prossegue e reinventa o eus, recurso dado pela poesia feminina negra para ruptura da condição de desapropriação de si.

O povo negro, assim como Evaristo nos apresenta um corpo-escrita, corpo-travessia que evoca outras falas para tessitura da sua voz num processo de trocas. Diante de tantos movimentos opressivos, é preciso seguir e oportunizar que essa viagem negreira prossiga fazendo os contornos pelas violências e dando novos significados às dores por elas traçadas.

Nesse costurar de memórias para lembrar a si, como sujeitas, dobra-se no movimento proposto pela escrita de mulheres negras. Abre-se, nessa perspectiva um arco coletivo de pensar a si e às outras como parte da afetividade que dispõe a escrita feminina negra na construção do eu-mulher, por vezes fraturado pela colonização. Os atravessamentos dessa conjuntura de retalhos fazem dessa literatura as travessias decoloniais para lugares-outros, onde as subjetividades tornam-se distintas e diversas. As histórias são contadas a partir das experiências negras, são as nossas travessias dentro de um contexto, em sua maioria de dores, mas que devem ser escritas e oralizadas por vozes pretas, na urgência dos dizeres que são próprios de quem foi silenciado por anos.

Nesse pensamento, Evaristo (2021), quando questionada em entrevista sobre a relevância de elaboração de narrativas como estratégias de preservação da memória e sobre autoria negra feminina como ferramenta de resistência que atravessa o tempo, ressalva:

A história não é história, são histórias. Até então, o que a gente tem são histórias. Se pensar na História ciência, nós temos histórias escritas a partir das categorias sociais hegemônicas, e as histórias que não nascem nesses espaços sociais são obliteradas. A importância de contar essas histórias é porque causa uma reviravolta. Essas histórias não só contestam essa história que está aí escrita, como apresenta fatos novos que foram esquecidos por alguns motivos. Eu acho que a ficcionalização a partir de uma

autoria negra, autoria indígena, cigana, gay, é uma ficcionalização – aqui a gente não está medindo se é mais bonita ou menos bonita – que traz outros dados ficcionais, ou que cuida desses dados ficcionais de uma outra forma. Eu penso muito como a mulher negra é representada na literatura brasileira, por exemplo, há uma grande diferença entre *Gabriela Cravo e Canela e Dora*, de *Becos da Memória*. O nosso sujeito de ficcionalização aqui é muito amplo. E não precisa ser só uma ficcionalização escrita, se a gente for escutar o que o povo fala, o que o povo cria através de anedotas, através de canções, é muito amplo pra ficar reduzido a isso. Então, essa autoria criada do lado de cá traz um outro texto. Então essa escrita, as histórias criadas a partir de novos sujeitos, engrandecem a literatura nacional. Ela dá mais conta do conjunto da literatura nacional (Evaristo, 2021, p.3- grifos meus).

A literatura negra como um “duplo movimento de côncava e convexo de pensar a si” (Souza, 2020, p. 107), de pensar o outro. É produção de uma literatura de mulheres pretas que busca o texto-outro, a voz que está no silêncio daquele texto, “autoria na sua humanidade”, nos questionamentos de si, no despir do eu que provoca e reflete nas dores contextuais em que o racismo apressa a morte, silencia vozes. Conceição Evaristo, Ryane Leão, Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis e tantas outras escrevem para que o “quarto de despejo”, o qual nos colocaram ao longo dos séculos, seja apenas lugar de reflexão, de enfrentamento, não mais de morada.

Desse modo, “a escrita negro-feminina revela uma mulher que busca construir uma imagem de si liberada das determinações e violências do racismo, do sexismo e das desigualdades sociais” (Souza, 2020, p.107). Escrever a si, recorrendo mais uma vez a premissa acima, é duplo movimento de dobras, de voltar e pegar, de recriar a vida. “Escrever, para mim, é o modo como acesso o mundo, como eu acesso a vida”, conclui Conceição Evaristo (2021).

Na constante fazedura de rasgos, está Ryane Leão que conversa com Evaristo para construírem travessias decoloniais, travessias para um tempo novo, tempo feminino de coser a vida com novas narrativas, novas articulações e emergências da ventania de Iansã, tempestiva, mas que traz consigo a possibilidade de esperar, assim poetiza Ryane Leão:

Se sou raio  
que eu saiba iluminar  
a minha estrada  
nesse breu  
que eu saiba golpear  
mesmo no escuro  
me emprestem a retina  
de minhas ancestrais  
que enxergaram fé  
quando tudo era medo  
  
se carrego relâmpagos  
nas veias  
que eu saiba

que o que corre em mim  
 tem brilho  
 tem jeito  
 tem potência  
 eu sou capaz de fazer  
 a terra tremer

se sou vento  
 que passe pelos vãos  
 dos seus dedos  
 que nada possa  
 me segurar  
 me limitar  
 me fazer menos presente  
 vendaval não pede licença  
 para escancarar as janelas  
 ou o coração

se sou brisa leve  
 que eu saiba me dividir  
 com aqueles que sorriem  
 ao me ver existindo  
 que eu saiba sustentar o amor

dentro do peito  
 dentro do abraço de quem me diz  
 que resistiremos  
 que lutaremos  
 que seremos  
 assim seja

[...]

se sou sagrada  
 que me benza com folhas  
 e búzios e velas e mão entrelaçadas  
 quando dizem eparrei  
 a força que me invade  
 não me permite  
 o silêncio  
 [...]

não é tarde  
 para que a gente  
 se abrace com mãos quentes  
 entrelace as pernas em rima  
 e garanta que nunca mais  
 seremos sede

deixa eu te mostrar  
 que a mulher preta  
 não é feita  
 só de dor

(Leão, 2019, p.10-11).

A Literatura de Ryane Leão nos invade, como um vento incontavelmente poético ao evocar Oiá ou Iansã<sup>29</sup>, transformando a escrita num gesto que interrompe o livre fluxo da negação histórica do ser-pessoa negra. Avança com olhar sobre a força de uma mulher que se reinventa e assume o protagonismo de sua história, assume vozes, como vendaval, eleva, rompe com estruturas para olhar atentamente para si. Poesia do eu-mulher que exala força, ao mesmo tempo, sensibilidade, de corpo-sagrado, corpo-vento que agita quem a lê, provoca reflexão, singularmente revolve memórias, ancestralidade. Assim, fomenta travessias trançadas ao longo da poesia com outras mulheres a recordar de si, a autoreparar e recuperar-se, na esperança de que há vida lá fora, para além das folhas caídas.

Nessa roda, traz consigo uma escrita pulverizada pelo culto aos orixás como um dispositivo decolonial para provocar reflexão à luz das religiões de matriz africana. Ryane Leão afirma que os encantados, orixás, as rezas e banhos de ervas são ferramentas que se vale para a práxis da sua escrita, da sua vida, enquanto mulher preta. Quando perguntada sobre a sua produção literária e os ritos religiosos, epistêmicos para a composição de si e de sua poesia, sobreleva:

Eu acredito que a gente está sempre escrevendo poema. No jeito que o medo se apresenta. Que a coragem vem como um turbilhão. Um jeito que recebe os amigos para comer. O jeito que toma banho de folhas numa segunda feira, porque o corpo está pedindo. Eu não tenho uma ritualística para a escrita. Eu sou essa ritualística da escrita diariamente. Eu escrevo sobre ancestralidade, sobre amor próprio, autoestima. Sobre a bagunça bonita da vida. Não carregar culpa. Eu preciso colocar isso em prática diariamente. Não é fácil, mas minha escrita caminha comigo. Caminha com meu corpo em movimento. Como mulher de terreiro, estou sempre comunicando com Exu. Sempre conversando com Oyá, sempre falando com Oxum<sup>30</sup>. Sempre dialogando com minhas entidades. E a orixalidade são a própria natureza. Então esses ritos espirituais que eu vivo são os ritos que acabam desembocando no poema. A composição do poema talvez seja mais um desses ebós (Leão, 2024, p. 2).

Percebe-se que as conexões estabelecidas na poesia da autora nascem dessas ligações de orixalidade, como a mesma define, do despojar-se e incorporar-se aos orixás e encantados como ferramenta de cura, de inspiração, de propor novas epistemologias de pensar a história e literatura que dança na espiritualidade. Sair da condição de corpo-objeto, corpo-margem para travessias de corpo-ebó. Corpo que deságua, que recebe para só depois entregar-se, magia dispensada à religião preta, poesia-ebó. Ebós-epistêmicos, possibilidades de oferendas de si, de

<sup>29</sup> Segundo Reginaldo Prandi, (2001), é a senhora dos ventos. Oiá ou Iansã dirige o vento, as tempestades e a sensualidade feminina. É a senhora do raio e soberana dos espíritos dos mortos, que encaminha para o outro mundo (Prandi, 2001, p.22).

<sup>30</sup> Oxum preside o amor e a fertilidade, é a dona do ouro e da vaidade e senhora das águas doces (Prandi, 2001, p. 22).

entregas ao outro. Saberes produzidos através de epistemologias e sensibilidade de quem escreve e quem faz travessias por meio dessa literatura corporificada, encantada.

Em sua tese “Assentamentos de resistência: escritoras e intelectuais negras no Brasil e Caribe em insurgências epistêmicas” (2020), Cristian de Souza Sales defende que os orixás conectam ao corpo, a emoção e os saberes epistêmicos. Essa sensibilidade é possível quando articulamos os ancestrais e orixalidade, já descrita por Leão (2024).

Considerando outros elementos-rituais, conteúdos e canais de produção, temos como mediadores os orixás e os ancestrais em que Exu conecta o entendimento, traduz e transforma caminhos e horizontes epistêmicos. Assim, vale ressaltar que os nossos saberes são efetuados desde o corpo: o corpo é o produtor, porta-voz e território de conhecimento. Dessa forma, produzimos conhecimento (literatura e crítica) mantendo uma escuta atenta a tudo que nos chega de muitos lugares: do visível ao invisível. A energia que chega tão repleta de axé. Por isso, percebemos essas forças operando de várias maneiras. De repente, no toque das mãos na tela e no papel; de ouvir e escrever ao som de outros ritmos; daquela sensação que vem de um arrepio e toma corpo-escrita como em um barravento (Sales, 2020, p. 50).

Corpo-escrita tomado pelos cantos dos orixás, pelas encruzilhadas e ebós que desembocam na poesia de mulheres negras, águas vívidas e correntes de um tempo bom, do esperar por vir, já mencionado nestas linhas. O arrepio é simbologia que nasce nesta ideia de tese, nas travessias que me trouxeram para perto destes escritos. São ventos prósperos, eu sei, eu sinto. A orixalidade que me carrega, também sabe.

Nessa construção ancestral, na escrita-corpo de Conceição Evaristo e Ryane Leão, a religiosidade é cruzo que fundamenta e escreve a vivência dessas mulheres, cujas ligações atravessam o tempo, ao passo em que os laços se fortalecem. Nas “contas mágicas de Oxum” e nos encontros das “memórias mal adormecidas”, Evaristo navega no encantamento e no banzo, desse modo, os elementos palavra-corpo constroem uma relação ritualística que envolvem seus personagens e, ao mesmo tempo, instituem “movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui” (Evaristo, 2017, p. 112). Volto às palavras de Rufino (2019), para pensarmos a escrita à luz da orixalidade como essa busca do lugar-primeiro, a nascitura da poesia negra feminina, enquanto ferramenta de resistências, mas, igualmente como lugar de alento, de emoções e sensibilidades que se afloram e aconchegam outras vozes, espaços de celebração das sabedorias ancestrais:

É chegado o momento de lançarmos em cruzo as sabedorias ancestrais que ao longo de séculos foram produzidas como descredibilidade, desvio e esquecimento. Porém, antes, cabe ressaltar que essas sabedorias de fresta, encarnadas e enunciadas pelos corpos transgressores e resilientes, sempre estiveram a favor daqueles que as souberam reivindicar. Assim, me inspiro nas lições passadas por aqueles que foram aprisionados nas margens da história para aqui firmar como verso de encante a defesa de que a condição do *Ser* é primordial à manifestação do *Saber*. Os conhecimentos

vagueiam mundo para baixar nos corpos e avivar os seres. Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade. Assim, ato meu ponto: a problemática do *saber* é imanente à vida, às existências em sua diversidade (Rufino, 2019, p.6).

Rufino (2019) nos pede para refletir a escrita negra como uma pedagogia ancestral que precisa ser revista e, principalmente, ensinada sem o impregúnio de preconceitos e olhares europeizados dos dominadores. Propõe, de outra forma, a reivindicação de saberes epistêmicos como condição da manifestação do ser, ou seja, o direito a subjetividades, a saberes de nossa negrura como possibilidade de reinventar a vida e de aquisição de novos conhecimentos por meio das experiências e diversidades pretas.

A partir dessa proposição de novas epistemologias, Evaristo em sua poesia-terreiro<sup>31</sup> nos convida a dançar na gira das nossas ancestralidades, na pertença de um copo negro que já se possui de encantamentos, **apesar das acontecências do banzo:**

Apesar das acontecências do banzo  
há de restar crença  
e precisão de viver  
e a sapiente leitura  
das entre-falhas da linha-vida.

Apesar de ...  
uma fé há nos afiançar,

[...]

porque o banzo renasce em mim:

O banzo renasce em mim  
e a mulher de aldeia  
pede e clama na chama negra  
que lhe queima entre as pernas  
o desejo de retornar  
de recolher para  
o seu útero-terra  
as sementes  
que o vento espalhou  
pelas ruas...

[...]

---

<sup>31</sup> Temática trabalhada na tese de Francielle Suenia da Silva (2022), a partir da reflexão de uma literatura corporificada pelo encantamento, “o corpo é o primeiro terreiro, assim como a terra é o primeiro corpo. Partindo dessa colocação e das reflexões anteriores sobre a junção entre corpo e palavra, abro passagem para pensar no que chamo de corpo terreiro, considerando não só a dimensão física de terreiro, mas seu entendimento de espaço de ritual ” (Silva, 2022, p.97).



no encantamento-corpo insurge a poesia negra :

[...]

nas contas do meu rosário eu  
ouço os longínquos batuques do  
meu povo

[...]

nossos poemas conjuram e gritam:

[...]

nas contas do me rosário  
e essa fé desconfiada,  
pois, quando se anda descalço  
cada dedo olha a estrada.

(Evaristo, 2017, grifos meus).

A mistura dos versos se dá provocativa ao reter nosso olhar para nascitura da poesia evaristiana que bebe na religiosidade e no sincretismo para compor de sua escrita. Retomo alguns versos já discutidos neste estudo para propor olhares-outros, palavra corporificada, de um olhar que se volta nas memórias não adormecidas, de uma saudade de casa, de um silêncio, um não grito, um batuque. Nessa costura ancestre, ambas autoras tematizam o corpo como construção memorialística e, de modo igual, remexer subjetividades desapropriadas pelo processo colonizatório.

O conceito de travessia discutido nesta tese se desenvolve com este olhar-vestígio, olhar-ancestral, de manter-se com olhares de aprendiz como impulsionador de travessias futuras, anco-me nas poesias de mulheres-outras para compor um feminismo diário que se faz nas rezas, nas rodas, nas sabedorias do corpo-mulher-preta que se refaz cotidianamente, no simples, no comum de suas casas. A escrita destas mulheres conhece o caminho, conta outras trajetórias, mas sem esquecer quem antes pisou e abençoou estes caminhos-outros.

as mudanças mais bonitas  
não vêm com calma e sossego  
são uma ventania incontrolável  
jogando tudo para cima  
nada cai no mesmo lugar  
nem as coisas  
nem o coração  
nem você

o tempo fechado nos abre

(Leão, 2019, p. 8).

E da conjuração dos versos...

-Nossos poemas conjuram e gritam-

O silêncio mordido  
rebelar e revela  
nossos ais  
e são tantos gritos  
que alva cidade,  
de seu imerecido sono  
desperta pesadelos.

E pedimos  
que as balas perdidas  
percam o nosso rumo  
e não façam, do corpo nosso,  
os nossos filhos, alvo.

O silêncio mordido,  
antes o pão triturado  
de nossos desejos  
avoluma, avoluma  
e a massa ganha por inteiro  
o espaço antes comedido  
pela ordem.

E não há mais  
quem morda a nossa língua  
o nosso verbo solto  
conjugou antes  
o tempo de todas as dores.

E o silêncio escapou  
ferindo a ordenança  
e hoje o anverso da mudez é a nudez  
do nosso gritante verso  
que ser quer livre.

(Evaristo, 2017, p.87-88).

Os versos celebram travessias de corpos e de vozes que evocam gritos de cura e liberdade, estamos abertas no verso. Na escrita substancia a mudez e o grito históricos de um povo, apropria-se, agora, de um lugar, cujas vozes são gritantes e não há mais tempo de voltas, conjuram-se gritos que são atentamente ouvidos. O anverso, a nudez do poema dá voz ao mar bravo de outros versos, no refutar da violência, do silêncio mordido, celebra-se o encontro ancestral na poesia de mulheres pretas, na cura, na insistência das brechas, se faz teoria, se faz uma outra mulher preta, pois somos contínuas, estamos em travessias.

## **TRAVESSIA É VERBO CONTÍNUO.**

Esta tese refletiu sobre as travessias como ponto de partidas e chegadas, continuidades de mulheres negras que na poética diária, escrevem suas trajetórias no compasso ancestral, igualmente promovendo rasuras em estruturas violentas ao longo dos tempos. O termo epistemológico proposto neste estudo nasce prematuramente em mim e vai compondo-se à medida em que a poesia dessas mulheres negras atravessam minhas subjetividades. A travessia alinhava-se com a minha maternidade, que são processos contínuos e de intensas mudanças, nada fica no lugar, tudo se transforma. Nos primeiros momentos fechados, a poesia de mulheres me abriu caminhos-outros, estes que levaram-me a novas e tantas outras travessias desembocando na costura deste lugar de mãe-pesquisadora, nesta proposição de novos epistemes analíticos. O termo travessia revolve em mim lugares-outros, espaços que só a poesia penetra. Detive o olhar para um outro tempo, tempo de travessias para uma eu-mulher-poesia.

Nesse limiar esta pesquisa objetivou pensar sobre esses corpos femininos negros que pulverizam o mundo nas bordas do lirismo e contam suas histórias, porque a realidade precisa ser transformada e recontada também por essas vozes. Nesse sentido, trago para centro desses estudos a poesia de Conceição Evaristo e Ryane Leão, autoras negras que versam sobre temáticas que entrecortam nossas vivências, nossas subjetividades negras. As poesias passeiam por discussões sobre memórias, ancestralidade, cura, autoreparação, religiosidades, amor.

Desse modo, a poesia negra feminina instrumentaliza essas vozes à margem a pensarem a realidade, decolonizar espaços e promover epistemologias de luta, de pesquisa, sobretudo de voltar o olhar para as nossas subjetividades afim de humanizar corpos negros. Evaristo traz em seus escritos a sensibilidade sankofa de reter nosso olhar para trás e refletir sobre a ancestralidade embalada na escrita memorialística quando ecoa gritos de resistências em seus personagens ou quando desenha nas linhas dos seus versos prenhe de reflexões e escrevivências. Ryane Leão traduz em sua poesia a urgência do olhar para nossas subjetividades fragmentadas, a autoafirmação, vulnerabilidade que compõem a complexidade humana, evocando, de modo igual, dores estruturais negras, recomeços. Ambas autoras promovem a escrita-abrigo, decolonial uma vez que conversam com experiências, rasgos inscritos na pele negra.

Considerando esses pontos, os objetivos gerais e específicos propostos foram alcançados, uma vez que foram refletidos sobre a poesia negra como ferramenta ancestral, feminista e ancestral, cujas rasuras impulsionam o pensar de novas epistemologias, de criar novos espaços de lutas, de vozes que se fazem ouvidas, sobretudo a poesia negra feminina potencializa o abrir de caminhos-outros para o corpo negro, corpo-margem.

Desse modo, o objeto dessa pesquisa esteve embasado em entender a literatura negra feminina como luta coletiva, quilombo de palavras, dispositivo que desmistifica imaginários disruptivos sobre nós. Abrigado pela poesia negra feminina como categoria de análise, este estudo teorizou sobre o feminismo negro decolonial enquanto movimento de sobrevivência e de afirmação de identidade para as mulheres negras, a tecnologia colonial enquanto instrumento que fere mente e corpos de pessoas não brancas. Entendemos a partir dessas discussões que a literatura negra é porta para olhar para si, para os outros, sobretudo para a sociedade que marginaliza e silencia vozes negras, para tanto, é preciso ecoar para além dos muros, portanto, a escrita literária decoloniza lugares pelas frestas das máscaras.

Costurados nas perspectivas supracitadas, os questionamentos arrolados nesta tese, a partir da poesia ancestral de Conceição Evaristo promoveu refletir acerca da reinvenção de mulheres negras, uma vez que funde memória, corpo, identidade movidos pela escrevivência como formas de insurgências, de se manter na vida. Evaristo transforma a escrita em discurso político, decolonial que subverte o cânone e as formas eurocêntricas de legitimação do conhecimento na produção científica. Ao narrar as experiências individuais, Evaristo convoca memórias individuais e coletivas, revela marcas históricas de um processo colonizador, escravagista, pelo racismo estrutural e pelo patriarcado. Em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), a autora convoca mulheres pretas a serem contínuas num canto de si e sobre si. Em nuances memorialísticas chama a força feminina, as dores, o feminismo cotidiano de quem tece a vida com fios de muita luta e esperança. A escrita de Conceição Evaristo dar luz ao protagonismo de mulheres negras que rezam sobre o dia a dia, sob os signos da escrevivência, identidade e escrita-afeto que nos movimenta. “Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia.” (Evaristo, 2017, p.10).

Compondo ainda as perguntas respondidas por estas análises, a poética de Ryane Leão em *Jamais peço desculpas por me derramar* (2019), obra que carrega um lirismo também político, afetivo e de resistência. A autora apresenta uma literatura de busca, de mulheres oceânicas, rios, cuja profundidade é estar à procura de si mesmo, desenhando caminhos-outros de cura, autoreparação. Nesse sentido, respondeu-se ao questionamento proposto de entender como a poesia da autora abriga corpos desabitados no espelho turvo da colonização. Assim, a escrita de Leão traz o viés emancipatório de percepção de si e dos outros, mesmo em meio aos diversos atravessamentos violentos que ferem o corpo feminino negro e cria novos olhares que desautorizam os discursos estereotipados que invisibilizam sujeitas. Como ferramenta feminista e ancestral, a escrita de Ryane Leão devolve às mulheres negras a percepção de si como

reconstrução da autoestima, autoamor, a vontade de pertencimento de um corpo preto desabitado.

E aqui eu lembro de duas imagens, a primeira de um poema meu do livro novo que eu falo de uma mulher negra que escolhe jogar uma pedra no espelho ao invés de dar um murro no espelho e eu acho essa escolha digna, uma escolha que não vai ferir a mão, ainda que fira outros processos, ainda que venham outras questões. E no final do poema, eu digo que cada trincada de vidro no chão reflete um ancestral que olha para essa mulher com gentileza e diz, não se preocupe existe vida na fraqueza. E aí eu devolvo minha própria humanidade que tenho o direito de enfraquecer e a fraqueza vai estar dentro dos processos da vida inevitavelmente (Leão, 2024, p. 4).

A partir das elucubrações, tessituras e redes poéticas levantadas nesta pesquisa, a derradeira pergunta respondida foi sobre vislumbrar as travessias como novos contornos dentro da estrutura de dor para as mulheres pretas. Nesse caminho, propus, aliados à poesia de Evaristo e Leão, refletir sobre a travessia como deslocamento de retorno, de olhar para si de corpos símil que desaguardam e atravessam pelas mesmas dores secularmente. Nessa perspectiva, o termo travessia mora nesse conceito de pensá-lo como estratégia decolonial de enxergar o corpo negro feminino com humanidade, afeto e construção coletiva de reexistência, sobretudo de subverter um sistema dentro de uma lógica colonial que opera pelo apagamento epistêmico e simbólico dos povos negros. Travessia igualmente simboliza refletir sobre a ancestralidade, sobre as nossas mais velhas que costuram nossas vivências como sopros de esperança, de caminhadas. A palavra travessia significa um deslocar de discursos, de imagens enviesadas pela colonização, de se permitir encontrar novos caminhos, novos atravessamentos, encruzilhadas ancestrais.

Aqui Conceição Evaristo representa essa ancestral que reza em nós com a marcha branda de sua poesia-escrevivência e que entrança para às novas gerações, como as Ryane Leão, os caminhos de volta, cuja pressa do dizer derrama em nós, pretas, movimentos de cura, autoafirmação e subjetividades sendo lidas. Escrita-travessias, corpo-travessia, são fragmentos de uma travessia contínua.

O trabalho estrutura-se em três capítulos e suas respectivas divisões em tópicos. O primeiro capítulo visou mostrar acerca da literatura negra brasileira como quilombo de palavras refletindo sobre as produções de ausências que cerceiam a literatura brasileira majoritariamente branca e hétero, edificada em padrões eurocêtricos. O objetivo do capítulo é reter o olhar crítico sobre essas produções literárias e destacar contranarrativas decoloniais para pensar o corpus que legitimam e garantem a visibilidade de autoras e autores negros. Assim, destaquei termos que decolonizam o cânone, porque são epistemologias elaboradas para a feitura de novos debates sobre as pautas negras.

No tópico seguinte, refletiu-se sobre o cânone como espaço de produção de estereótipos do corpo negro. Ainda são discutidas nos tópicos as questões sobre a literatura de mulheres

negras como ferramenta pedagógica e decolonial para emancipação de vozes de corpos, e como essas mulheres pretas elaboram rasuras frente às violências sistematizadas, como racismo, sexismo e ecoam para além da condição objetificada. Por fim, elevo alguns nomes de mulheres mais que potencializam a literatura brasileira com os escritos que se voltam para pensar caminhos literários de esperança, ao mesmo tempo, que peço benção às essas mais velhas para poder trilhar estes caminhos.

O capítulo dois e suas divisões versam acerca do conceito de dororidade, engendrado pela intelectual Vilma Piedade, assim como pensou-se sobre o feminismo negro e decolonial embasado em teóricas feministas negras brasileiras, afro-americanas e latinas-americanas e como estas propõem rupturas estruturais no modo de fazer políticas de gênero. Discutiu-se também sobre colonialidade associado ao conceito de modernidade/colonial e os impactos como estratégias de poder, denominação do ser, e do saber de pessoas colonizadas.

Nas margens finais deste estudo, elaborou-se em fios poéticos análises literárias acerca das obras a partir dos questionamentos aqui supracitados. Nesse intuito, refletiu-se sobre memória, identidade, ancestralidade na poesia evaristiana, como também, acerca das violências epistêmicas que atravessam os corpos negros de mulheres. Na poética de Ryane Leão problematizou-se no tocante à emancipação desses corpos feridos pela tecnologia colonial. Esta tese traz à gira as travessias que mulheres pretas desenham sob as mazelas sociais, culturais e sistêmicas, ainda assim, traçam contornos, dizeres audíveis sobre si mesma, sobre o mundo. É sobre esperar, morder o verso, sobre estar no mundo, como nos ensina Evaristo.

Esta tese é sobre mulheres negras, que na roda fazem, o cotidiano girar. Com suor no rosto, elevam olhar para esperar a realidade, para desenhar nas bordas das escrevivências caminhos de volta. Estas linhas poéticas, teóricas renascem em mim a possibilidade de pensar perspectivas-outras para enxergar-me como pesquisadora negra, como intelectual que contribui para visibilidade de corpos e mentes negras. É sobre as mulheres que compõem a minha caminhada e para as outras que lerão este texto. É sobre encruzeilhar caminhos, estreitar laços.

As travessias que foram costuradas aqui, outrora costuram a mim em tempos nebulosos. A poesia me salvou e me salva quando a vida fica turva. Desbravei! Estou viva. Fiz revoluções. Ergui cidades inteiras de mãos dadas com Conceição Evaristo e Ryane Leão.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ALMEIDA, Dalva Martins de. **Poética da conexão e das ancestralidades: Avós e netas negras na literatura brasileira contemporânea**. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. Brasília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/47527>. Acesso em: 2 fev. 2024.
- ALVES, Miriam. A Literatura negra feminina no Brasil - pensando a existência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v.1, n.3, 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280/261>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorevelado: Literatura Brasileira Contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ALVES, Miriam. Corte e sutura: Miriam Alves completa 70 anos de vida e 40 de carreira literária com lançamento duplo que expressa sua versatilidade. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi. **Biblioteca Pública do Paraná**, v.146, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/candido/2022/04/entrevista-miriam-alves>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- ALVES, Miriam. **Juntar Pedacos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- AUTOR. Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. **Geledés** – Instituto da Mulher Negra, 13 mar. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>. Acesso em 11. Jan. 2025.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Tradução: Pê Moreira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 207-214.
- BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- BERND, Zilá. **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011, 186p; Epub; 9,9M.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed, UFMG, 1998.
- BIDIMA, Jean-Godefroy. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. Rue Descartes, **Paris**, n. 36, p. 7-17, 2002/2. Tradução para uso didático de Gabriel Silveira de

Andrade Antunes. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/jean-godefroy\\_bidima\\_-\\_da\\_travessia.\\_contar\\_experi%C3%A2ncias\\_partilhar\\_o\\_sentido.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/jean-godefroy_bidima_-_da_travessia._contar_experi%C3%A2ncias_partilhar_o_sentido.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 5 fev. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Prefácio Conceição Evaristo. Apresentação Djamila Ribeiro. São Paulo: Polén Livros, 2019a.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b. p. 271-289.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARRASCOSA, Denise. **Sabela e um ensaio afrofilosófico e ubuntuísta** In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. (org.). *Escrevivência: escrita de nós- reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro, 2020. P.206-225. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 31, n.1, jan/abril, 2016. p. 99-127. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>> Acesso em: 20 set. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição**. Tradução: Natália Luchini. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 271- 310.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV. AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16. Disponível em < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em: 22 out. 2023.

CURIEL. Ochy. **Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial**. Tradução: Pê Moreira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 121-152.

CUTI, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.



DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, 2008, pp. 11-23. Universidade de Brasília. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em: 10 de ago. 2023.

DUARTE, Eduardo de. **Literatura, política, identidades**: ensaios. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005. 176p.

DUARTE, Eduardo de. **Machado de Assis afrodescendente**: escritos de caramujo. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

DUARTE, Eduardo de. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, v.23, Rio de Janeiro, 2010, p. 113-138. Disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/download/10953/8012>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993. Disponível em <[http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/arquivos/1942\\_O\\_encobrimento\\_do\\_outro\\_de\\_ENRIQUE\\_DUSSEL441400838.pdf](http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/arquivos/1942_O_encobrimento_do_outro_de_ENRIQUE_DUSSEL441400838.pdf)> Acesso em: 10 mai. 2023.

ESPINOSA, Y.; GÓMEZ, D.; LUGONES, M.; OCHOA, K. **Reflexiones pedagógicas en torno al feminismo decolonial: una conversa en cuatro voces**. In: WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito, Abya-Yala: Tomo I, 2013. p. 403-442. Disponível em < <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2023.

EVARISTO, Conceição. (2024, 8 de março). **Discurso de posse na Academia Mineira de Letras** [Discurso]. Academia Mineira de Letras. Disponível em: <https://academiamineiradeletras.org.br/eventos/conceicao-evaristo-toma-posse-na-academia-mineira-de-letras-com-transmissao-ao-vivo-para-todo-o-brasil>. Acesso em 16 de jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. “Elite intelectual é burra e não percebe a riqueza da pluralidade”. Entrevista concedida a José Eduardo Bernardes. **Brasil de Fato**, 9 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2021/08/09/elite-intelectual-e-burra-e-nao-percebe-a-riqueza-da-pluralidade-diz-conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 13 mar. 2025.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. (org.). *Escrevivência: escrita de nós- reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro, 2020. P.206-225. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2023.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Entrevista concedida a Morgani Guzzo. **Geledés – Instituto da Mulher Negra**, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: FIGUEIREDO, Vera (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005. p. 16–21.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**. 2005. p. 52-27. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf> Acesso em: 15 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4.ed- Rio de Janeiro: Malê, 2020. 142p.; 21 cm.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, v. 13, n. 25, 2º sem, Belo Horizonte, 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> < Acesso em: 23 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

EVARISTO, Conceição. **Poemas Malungos- Cânticos Irmãos**. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, 2011. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7741>. Acesso em 10. Jan. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3.ed.- Rio de Janeiro: Pallas, 2017b. 120 p.;21 cm.

FIGUEREDO, Fernanda Rodrigues. **A mulher negra nos Cadernos Negros**: autoria e representações. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. 128f. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7TTGA8>. Acesso em: 19 set. 2023.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

GONZÁLEZ, Lélia. **A categoria político-cultural da Amefricanidade**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a. p. 341-352.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios, Márcia Lima (Org). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Domínio Público, [s.d.]. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000066.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

GUIMARÃES, Geni. **Leite do Peito**: contos. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva e memória individual**. Tradução de Lucia Leão. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende e Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **Curando nossas feridas: atenção libertadora à saúde mental** [tradução de Tatiana Nascimento]. In: bell hooks sobre racismo e saúde mental. Traduções de Tatiana Nascimento. Disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2017/10/19/76/> . Acesso em: 10 jul. 2024.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Tradução Marcos Santarrita. **Revista Estudos Feministas**, n. 2, 1995. p. 464-478. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

HOOKS, bell. **Eu não sou uma mulher**: mulheres negras e feminismo. Tradução livre para plataforma Gueto. 1. ed. Rio de Janeiro: Plataforma Gueto, 2014.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 5 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas/Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. 272p.

HOOKS, bell. **Irmãs do Inhamé**: mulheres negras e autorecuperação/ Tradução Floresta. 1.ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Dossiê 15 – Tambor de Crioula do Maranhão*. Brasília: IPHAN, 2005. 16 p. (Ed. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Dossiê Interpretativo; processo nº 01450.005742/2007-71). Registro aprovado na 53ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 18 de junho de 2007.

JESUS, Carolina de Jesus. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: 1986.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Abril Educação, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Cobogó, 2019.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LEÃO, Ryane. **Entrevista concedida à Macksa Raquel Gomes Soares**. [Formato digital]. São Luís, 10 Set. 2024. Entrevista não publicada.

LINIKER. **Psiu**. In: LINIKER E OS CAMELOWS. *Goela abaixo* [CD]. São Paulo: Natura Musical, 2019. 3 min 45 s.

LINIKER. **Sem Nome, Mas Com Endereço**: “Você tem flores na cabeça e pétalas no coração...” In: LINIKER E OS CAMELOWS. *Remonta* [álbum digital]. Independente, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo decolonial**. Tradução Pê Moreira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 53-83.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. Tradução Pê Moreira. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.) *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 357-377.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.80, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2763900>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado**, v, 31, n.1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/CxNvQSnhxqSTf4GkQvzck9G/>. Acesso em: 10 mar.2023.

MARÍN, Pilar Cuevas. Memoria Colectiva: hacia un proyecto decolonial. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito, Abya-Yala: Tomo I, 2013. p. 69-104. Disponível em < <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2023.

MARTINS, L. A fina lâmina da palavra. **O eixo e a roda**, n.15, 2007. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/download/3262/3196](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/download/3262/3196). Acesso em: 10 abri.2023.

MARTINS, L. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2002. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 24 set. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** [tradução de Renata Santini]. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 80 p.

MENDES, Algemira Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira**: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2006. 282 f. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2230>. Acesso em: 13 ago. 2023.

MENDOZA, Breny. Colonialidade de gênero e poder: da pós-colonialidade à decolonialidade. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 259-289, 2021.

MIGNOLO, Walter.D. Desobediência Epistêmica. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, 2008, p. 287-324. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 10 fev. 2023.

MIGNOLO, Walter.D. O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017. ISSN 1806-9053. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-26062019-113147/publico/2019\\_FernandaRodriguesMiranda\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-26062019-113147/publico/2019_FernandaRodriguesMiranda_VCorr.pdf). Acesso em: 11 ago. 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**: documentos de uma militância Pan-Africana. Salvador: CEAO/ EDUFBA, 2002.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. Corpo, poética e ancestralidade. **Odeere**: Revista do Programa de Relações étnicas e contemporaneidade. ISSN: 2525-4715 – Ano 2020, Volume 5, número 9, Janeiro – Junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6440>. Acesso em 12, mai. 2023.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010. p. 15-23. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003). Acesso em: 10 jul. 2023.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 624 p.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **Biblioteca Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, 2005. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 8 fev. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], n. 37, 2002. DOI: 10.36311/0102-5864.17. v0n37.2192. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2192>. Acesso em: 10 fev. 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Jundiaí, SP: Coleção Acervo brasileiro. ed.2, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RIBEIRO, Katiúscia. O futuro é ancestral. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/> . Acesso em: 15 jun. 2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SALES, Cristian Souza. A escrita do corpo feminino negro na poesia de Miriam Alves. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, n.5, v.9, 2013, 37–56. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/235>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SALES, Cristian Souza. **Assentamentos de Resistência: escritoras e intelectuais negras do brasil e Caribe em insurgências epistêmicas**. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38440>. Acesso em 10 de Jan. 2023.

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SANTOS, Yasmin. **Conceição Evaristo: voz insubmissa** [recurso eletrônico]/ Yasmin Santos; organização Josélia Aguiar. - 1.ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

SILVA, Assunção de Maria Souza e. **Escrevivência: itinerários de vida e de palavras**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. (org.). **Escrevivência: escrita de nós-reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2020. P.206-225. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2023.

SILVA, Francielle Suenia da. **Escrevivências decoloniais e corpo encantado em Conceição Evaristo**. Tese (doutorado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal de João Pessoa. João Pessoa, 2022. 177f. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25808?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25808?locale=pt_BR). Acesso em: 27 fev. 2023.

SOARES, Macksa Raquel Gomes. **Carolina Maria de Jesus: tessitura da escrita como identidade**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras. f. Universidade Estadual do Maranhão, 2020, 116 f. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/1670>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. 1ed, 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Heleine Fernandes. **A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento**. Rio de Janeiro: Malê, 2020. 258 p.; 21 cm.

SOUZA, L. N. A poética da fome e a escrita da precariedade: sobre Carolina Maria de Jesus. **Vereadas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, [S. l.], n. 28, p. 111–122, 2017. DOI: 10.24261/2183-816x0928. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/497>. Acesso em: 14 de jul. 2023.

SOUZA, Livia Natália. **Intelectuais escreviventes: enegrecendo os estudos literários**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (Org). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1.ed. Rio de Janeiro, 2020. P.206-225. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2023.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito, Abya-Yala: Tomo I, 2013. Disponível em < <http://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população preta. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n13, p.535-549, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=p>. Acesso em 11.Mar. 2023.

WERNERCK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, n.1, v.1, pp. 07–17. <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>. 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303> Acesso em: 20 dez. 2023.

## APÊNDICE 1- ENTREVISTA RYANE LEÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARÁIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL  
DOUTORADO EM LETRAS

### ENTREVISTA COM A POETA RYANE LEÃO

Entrevista com a poeta Ryane Leão concedida à doutoranda Macksa Raquel Gomes Soares em 10 de setembro, de 2024 em formato digital para fins de entender no tocante à vida e obra da supracitada e assim, alargar as discussões da tese, intitulada *“Corpos em travessia: ancestralidade, fratura e memória nas poéticas negras-femininas de emancipação e cura em Conceição Evaristo e Ryane Leão”*, sob a orientação de Prof. Dr<sup>a</sup> Luciana Eleonora de Freitas Deplagne Calado, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB.



**Entrevista da escritora Ryane Leão concedida exclusivamente à pesquisa de doutorado de Macksa Raquel Gomes Soares, no dia 10 de setembro de 2024 por meio de plataforma digital.**

**Macksa Soares-** Ryane, você nos diz que somos continuidades e sua escrita marca uma linhagem dessa continuidade e renovação. Partindo dessa compreensão, quem escreve com você? Quais são as suas vozes-mulheres que ajudam você a compor casas com sua escrita?

**Ryane Leão-** Eu acredito muito em uma escrita que é ancestral. Estive no terreiro com Exu me olhando nos olhos e falando que me deu essa missão de comunicar, assim como Exu, quem sopra nos meus textos é Maria Padilha. Também é Oiá, Exu. Vou respondendo essa pergunta e me arrepiando inteira, porque ele me disse dessa missão ancestral. Você tem tudo que precisa para cumpri-la com muita honra, um legado bonito. Então acredito que todas que foram e todas que são agora. A gente é uma dança entre elas e todas essas foram também não falaram, né? Nesse sentido de renovação que você fala e eu falei das que não falaram pensando na minha mãe, na minha avó. Na sequência de silêncios que eu quebro. Eu sou essa quebra e eu aceito essa quebra sem fardo. Não acho que seja um fardo, quebrar esse paradigma, esse *modus operandi*. Não, eu vou ser uma mulher feliz. Eu vou ser uma mulher amável. Eu vou na contramão do mundo, não estou sozinha. Tem um poema que eu digo, “intuições são suas ancestrais soprando segredos de sobrevivência.” Eu estou atenta aos sinais. Estou buscando o equilíbrio do meu ori. Estou com outra missão que é abrir um terreiro mais para frente, ser mãe de santo. Então essas vozes mulheres são todas que me habitam. Umas eu sei o nome, outras eu nunca saberei, mas eu sei que elas estão aqui. Elas estão o tempo inteiro. Tem uma poeta chamada Naíra Urraide que tem um poema falando assim, “todas as mulheres em mim estão cansadas” Então às vezes, estamos cansadas, às vezes felizes, outras não, mas todas elas caminhando comigo. Essa legião ancestral que faz o peito bater de uma forma mais leve e faz a vida não ser tão dura. A gente não embrutecer o olhar diante do mundo. Elas me sopram que sou possível, que não preciso me definir a partir da dor, do trauma. Elas me sopram que eu nasci para ser amada. Elas me sopram que a gente pode escrever mundos inteiros. Criar universos a partir da escrita. Me sopram que meu ori, minha cabeça caminha na realeza. Então não baixarei minha cabeça nos dias que estiver fraca, que eu falhar nesse processo e elas estarão lá. O primeiro movimento que Padilha faz ao falar com elas é erguer a cabeça das pessoas, especialmente das mulheres que a procuram. Então, elas estarão lá lembrando que não posso ser mulher que anda de cabeça baixa. Não diante de toda essa ancestralidade que carrego.

**Macksa Soares:** Em uma entrevista, você diz que “nunca encontra a palavra certa, mas continua escrevendo”. Gostaria de saber sobre sua relação com a produção literária, ritos espirituais, banhos de ervas, conexões com a natureza. Como é para você esse despojar de si para compor poesias?

**Ryane Leão:** Eu acredito que a gente está sempre escrevendo poema. No jeito que o medo se apresenta. Que a coragem vem como um turbilhão. Um jeito que recebe os amigos para comer. O jeito que toma banho de folhas numa segunda feira, porque o corpo está pedindo. Eu não tenho uma ritualística para a escrita. Eu sou essa ritualística da escrita diariamente. Eu escrevo sobre ancestralidade, sobre amor próprio, autoestima. Sobre a bagunça bonita da vida. Não carregar culpa. Eu preciso colocar isso em prática diariamente. Não é fácil, mas minha escrita caminha comigo. Caminha com meu corpo em movimento. Como mulher de terreiro, estou sempre comunicando com Exu. Sempre conversando com Oyá, sempre falando com Oxum. Sempre dialogando com minhas entidades. E a orixalidade são a própria natureza. Então esses ritos espirituais que eu vivo são os ritos que acabam desembocando na no poema. A composição do poema talvez seja mais um desses ebós.

**Macksa Soares:** Os seus textos trazem uma missão ancestral pela palavra. Como é para você essa escrita de identificação com seu corpo e, ao mesmo tempo, com tantos outros corpos femininos negros? De que maneira a sua literatura coletiva-se?

**Ryane Leão:** Tem um poema no meu segundo livro que diz que não daria para parar em mim. Hoje eu disse isso numa mesa na bienal. Se eu parar em mim eu não entendi essa existência coletiva que é tão presente, tão pulsante. Hoje na bienal, uma bienal uma mulher negra me assistiu, se emocionou muito, me abraçou e disse que esses escritos salvaram a vida dela e me deu o livro dela e me deixou extremamente emocionada. A identificação pra mim é o feitiço. Eu lembro até hoje quando eu vi Mel Duarte, Jeniffer Nascimento, Luiz Ribeiro, Elizandra Souza, Débora Garcia, Tauane Teodoro, Aliana Maia, Ingrid Martins, Gabi, eu nunca vou esquecer quando vi essas mulheres declamando e eu pensei meu Deus, eu também posso fazer isso. Costumo dizer que a gente não consegue ser aquilo que a gente não vê. Quando eu senti, eu vi, especialmente Jeniffer Nascimento, eu falei: caramba! É inerente à escrita negra que haja identificação. É inerente que ela se torne coletiva, porque ela já nasce desse coletivo que mora na gente. Quando a gente lê um livro de mulher negra e se identifica, a gente quer sair correndo e comprar para todo mundo. Igual eu fiz com a Jennifer, comprei dez livros, que era o que eu conseguia na época, mas eu queria que o mundo inteiro lesse e ainda quero que leia Jennifer nascimento. Eu queria que todo mundo assistisse Luiz Ribeiro. Eu queria ser. É uma sensação de estar viva de novo. E a gente vai morrer de novo e os saraus estarão ali. Os slams estarão ali. Os livros de mulheres negras estarão ali dizendo é possível! É possível! Talvez seja por isso que eu gosto tanto de encruzilhada, de estrada, de outra via, outro caminho. Eu falo de dor também, mas tem uma frase da Audre Lorde que ela fala, “se eu expor a minha dor e não mudá-la, então morrerei dela” e isso me movimentou muito e hoje eu penso, eu quero estar viva, eu quero me encher de vida. Como diz Ijeoma Umebinyuo, uma escritora nigeriana que amo e ela tem um poema que diz, “que benção ser essa mulher poderosa” e outro que ela diz, “diga à escuridão que eu não morri.” Há um compromisso dentro do meu peito em seguir firme, em seguir bem. E esse compromisso ele está na forma que eu lido com meu corpo. Na forma que não insisto em não fugir dos espelhos. Na forma que encaro o meu dentro. Na forma que entendo que não sou luz e sombra somente, eu sou a terceira cabaça de Exu. Então tem muita coisa acontecendo em mim. Esses ebós comportamentais cotidianos firmam esse compromisso na terra fértil do que sou e do que quero ser. Eu falo muito isso para as pessoas que me leem, nas minhas oficinas, firme compromissos com você ainda que a escrita seja coletiva, primeiro essa escrita é pra você. Pra te movimentar, pra te trazer de volta à vida. Pra te devolver o fôlego. Salve-se primeiro! Oxum diz, se ame primeiro e a minha ferramenta pra isso é a escrita. Esses dias, eu postei um texto e uma leitora comentou: “Ah, espero poder dizer isso. Vou postar no dia que eu senti isso” e eu falei, postaria agora, porque a escrita é sopro de futuro.

**Macksa Soares:** Nós enquanto mulheres pretas estamos sempre inventando novas epistemologias dentro do contexto colonial que nos violenta e invisibiliza. Como a sua poesia negra feminina constroem e redesenham essa imagem da mulher negra diante desse espelho distorcido?

**Ryane Leão:** As minhas respostas já estavam dançando com essa pergunta, nem tinha visto ela ainda, mas eu lembrei de um outro poema da Ijeoma Umebinyuo que ela fala, “Você não está viva para agradar a estética do olho colonizado” Eu acho que cada poema, cada escrita que a gente vai lendo de uma mulher negra vai preenchendo esse espelho que não é só distorcido, mas também é quebrado. Às vezes foi a gente que quebrou, às vezes foi o mundo. Às vezes foi nossa reação diante do mundo, geralmente é a nossa reação. E aqui eu lembro de duas imagens, a primeira de um poema meu do livro novo que eu falo de uma mulher negra que escolhe jogar uma pedra no espelho ao invés de dar um murro no espelho e eu acho essa escolha digna, uma escolha que não vai ferir a mão, ainda que fira outros processos, ainda que venham outras questões. E no final do poema, eu digo que cada trincada de vidro no chão reflete um ancestral que olha para essa mulher com gentileza e diz, não se preocupe existe vida na fraqueza. E aí eu devolvo minha própria humanidade que tenho o direito de enfraquecer e a fraqueza vai estar dentro dos processos da vida inevitavelmente. O amor próprio vai chegando devagar, devagar. E pensando aqui esse é um outro compromisso meu, mostrar o que é real. Não dá pra falar serei uma mulher negra amada, serei uma mulher negra feliz sem te contar o que acontece no meio disso tudo. Sem te contar que nenhum processo tem linha de chegada, sem contar que eu também estou bagunçada, estou me curando, tô estranha, tô confusa, tô doída e complementando com outro poema meu, “não deixar de fazer festa no meio dos processos.” Você pode ver que estou sempre caminhando no meio das poesias. Essas autoras fazem parte de mim. Eu sou muito fiel às construções de novas narrativas.

**Macksa Soares:** A proximidade com a palavra se deu muito cedo na sua trajetória. Essa ânsia de “agarrar a fala e trazê-la para perto”, como nos ensina bell hooks. Como é sua relação com os *slam’s*, *lambe-lambe* e os *instapoemas*, ou seja, esses ecos na sua composição de mulher negra poeta?

**Ryane Leão:** Sempre que falo da minha trajetória, eu falo que saraus e os slams, especialmente os slams das minas, São Paulo me mostraram que eu também posso, eu também vou e mais do que isso construir a minha voz, a forma que eu me coloco, a forma que a palavra dança com o corpo. Foi essencial. O Lambe-lambe surge no momento que me mudo para SP e é muito solitário, foi pouquinho antes de conhecer os saraus e eu saio com o caderninho anotando tudo que eu leio. Os muros me ajudaram muito, os artistas de rua me ajudaram muito. Eu até tenho uma tatuagem no pulso que são aspas, porque eu li no muro tudo posso entre aspas e não época eu tatuei para tudo poder também. Então eu estava bem sem grana, trabalhava numa rede de lanchonete e foi aí que eu pensei que tipo de arte que eu posso fazer para ser acessível e foi aí que eu pensei vou fazer lambe e foi aí que construir a maior rede de leitores até hoje, mais que até na rede social. Foi na rua, 5 anos colando poesia na rua. Eu não acredito que exista *instapoemas* ou *instapoemas*. Eu acredito que *instagram* seja uma plataforma que a gente usa ao nosso favor, que a gente usa da melhor forma para propagar esses poemas para que mais pessoas escrevam. Essa troca que eu tenho no digital é maravilhosa. Ali que eu sei como a pessoa se sentiu quando leu meu livro. Eu sei quando as adolescentes me repostam. Eu sei quando estão me estudando nas escolas. Eu sei quando a mulher negra posta uma foto e coloca um poema meu de fundo. Então essa troca é maravilhosa. Construir essa rede nesses 15 anos e não abro mão por ninguém. Minha rede de leitores e leitoras, principalmente 96% das pessoas que leem são mulheres. É uma rede forte, uma rede firme, uma rede de

mulheres, especialmente mulheres negras que estão tentando, eu também estou tentando. Essa é parte bonita. E ainda que todos os percalços socioeconômicos, de acesso, eu vejo uma abrangência, um amplificar da literatura. Adoro estar nas redes, Fui pro *blog*, depois foi para *facebook*, fui pro *instagram*, agora tô indo para o *tiktok*. E vejo que estar nas redes aproxima. Eu trabalho com *instagram* também, então, ao mesmo tempo, que essa delícia de troca é um trabalho. Sou criadora de conteúdo, sou influenciadora. Tenho também outra parte múltipla que traz essa possibilidade de trocar com várias com o Brasil todo, gente fora, gente do continente africano que me ler. Eu vou participar agora de uma conferência nos Estados Unidos que estuda poesia pelo mundo que me conheceu no *instagram*. Eu sei que a internet tem seu lugar caótico, mas a gente tenta usar da melhor forma.

**Macksa Soares:** Audre Lorde evoca que a poesia para mulheres negras não é um luxo, mas caminhos de resistências. De que forma sua poesia eleva outras mulheres na sua concepção?

Ryane Leão: Eu lembro quando eu fui fazer uma mesa ano passado e a gente ia comentando algumas falas da Clarice Lispector que li uma entrevista famosa do *youtube* e algum momento ela fala que se der para escrever, escreve se não der não escreve como se fosse algo descartável. Eu não lembro exatamente como ela coloca isso, mas eu lembro que fiquei furiosa com a forma como essa escrita para ela tanto faz e a escrita para mim jamais é tanto faz. É essencial, é sopro de vida, é ancestral, é esse caminho de resistência, é essa encruzilhada. É esse compromisso com esse bem viver. O que eleva é parte que identifica, alguém ler e se identifica e pensa se a Ryane saiu dessa relação abusiva eu também posso sair. Nossa, quantas mulheres negras já falaram que saíram de relacionamentos adoecidos por conta do poema. É triste, porque muitas passam por relacionamentos adoecidos, mas tem esse lado que a poesia entra como um afago, esse acolhimento, podemos estar vivas depois disso. Que não acho sobre ver o lado bom das coisas, é sobre autoficção. A Lívia Natália tem um poema que se chama “autobiografia do impossível” e depois eu fiquei pensando que agente autobiografa o impossível o tempo inteiro. A gente está sempre autoficcioneando. Tudo é biografia. Contar histórias é uma forma também de mudar os finais, restabelecer os começos. Como diz Negro Bispo, tudo é começo, meio e começo que é como foi dividir os capítulos do meu livro novo, com os créditos, obviamente. Acho que a escrita ela dá esse norte, ela nos devolve para gente, ela nos devolve para cura, para as cicatrizes. Ela fala assim, calma, calma, porque passa. Tem uma coisa na gente que é importante saber que não dói sozinha, não tem dor sozinha, não faz sozinha. Não faz revolução silenciosa sozinha. Tenho uma aula que é sobre escrever autoficção, que a gente fala sobre escrever o incômodo e lá no final a gente muda o incômodo. Na palavra tudo é possível e eventualmente se está na palavra, na vida também se torna possível.

**Macksa Soares:** Nosso corpo de mulheres negras historicamente é atravessado por dores, vivências sexistas, racistas, misóginas. Há ainda feridas coloniais abertas. Em que medida sua escrita contribui para os estudos feministas, uma vez que você decoloniza discursos, promove movimentos de saídas, de rasuras?

**Ryane Leão:** Eu falei que eu vou na contramão do mundo, mas isso não quer dizer que não seja atravessada, que meu peito não rasgue, mas eu deixo um convite, vamos na contramão do mundo ainda que rasgue, ainda que doa. Também é importante pontuar que nem sempre eu consigo decolonizar, em alguns dias eu caio, eu choro, vou dormir, talvez seja esse o processo decolonial, assumir que nem sempre dá pra decolonizar. Eu fico pensando que por mais que a gente esteja rompendo as estruturas, o mundo continua sendo o mundo, às vezes eu não consigo me amar. Tem um poema meu que diz, eu não me amo todos os dias, mas eu escolho esta tentativa todas as manhãs. Meu corpo é reza ancestral, ele sempre guarda uma nova chance. E

pra esses dias de dor insuportável, no colo de Iansã, no colo de Padilha há sensações que a gente precisa sentir tipo a raiva. Sentir indiferença. Vontade de se vingar. Todas essas coisas que dizem pra gente não sentir, eu sinto, especialmente as mulheres negras, estão nos meus textos, porque tem que deixar sentir, tem que deixar isso transpassar. No colo da minha mãe de santo, no colo de molambos, trancas-ruas, de todas as minhas linhas de direita e esquerda. No colo de todas aquelas que vieram antes, a coragem volta de algum jeito. Uma escrita pautada em um renascimento, firmado nas raízes da ancestralidade, porque eu já morri muitas vezes, porque não existe rua sem saída. É uma escrita que realmente o encruzilhar é o todo. E se eu já morri muitas, eu já renasci muitas vezes, eu sou teimosa. Eu teimo em mim, eu gosto de renascer. E como diz Maya Angelou, “e ainda assim eu me levanto.” E eu gosto mesmo, eu flerto com as rasuras, com o novo. Eu posso chegar numa roda de mulheres negras e falar sobre dor, geralmente eu vou falar, mas eu vou falar de um outro jeito, porque ninguém pode participar de um evento comigo e sair sangrando. Tô sempre preocupada com isso, sempre costurando, organizando essas palavras nesse balaio de afeto para que então eu consiga as perguntas. E eu possa perguntar qual o álbum que você escuta que te dá vontade dançar no meio da sala? Qual foi a última vez que você deu uma risada e sua barriga doeu? Que você mais gosta de comer? Qual o cheiro que te lembra casa? Qual o gosto que a vida tem na sua boca? E aí me interessa essa parte das mulheres negras que é ignorada, seja na literatura, no audiovisual. Gente, eu quero saber qual sua cor favorita, se você gosta de amarelo, se você gosta do frio ou calor que você faz em dias de sol. Meu Deus, eu me interesso muito. As pessoas não se interessam por nossas subjetividades, a escrita de mulheres negras se interessa muito. Ou quando as pessoas se interessam por nós perguntam só sobre racismo, só pelo peito rasgado. Eu quero saber o que você fez para cicatrizar e já gera uma fala. Nós glorificamos a sobrevivência, me interessa muito os processos, quero saber o que faz festa em seu peito, como você gostaria de ser amada. E aí vamos criando novos imaginários. A literatura é tudo, uma mulher que se olha no espelho e gosta do que vê a partir do meu livro. Eu ganhei, ela ganhou e às vezes eu só precisava perguntar. Sabe essas perguntas que fazem para todo mundo, menos pra gente. Tudo importa.

**Macksa Soares:** Com uma escrita oceânica você constrói poesias que conversam com dororidades de mulheres, sobretudo negras num movimento de identificação. Qual a dor da mulher preta, Ryane e como sua escrita cura e autorecupera essas mulheres enviesadas também por esse contexto violento?

**Ryane Leão:** Nossa dor é muito presente, uma dor antiga, uma dor ancestral, é uma dor que usada como entretenimento. As pessoas se divertem com a dor das mulheres negras, mas nós não somos uma herança só de dor a partir do momento que a gente volta a sonhar grande, a dançar nossas raízes, que a gente se compromete a resgatar movimentos de dentro. Lembrei de uma antropóloga negra chamada Sheila Walker que estuda o que ficou de celebrativo depois da diáspora, ela vai trazendo as festas populares, os eventos. É um outro lugar que não nos coloca como objeto. Como a escrita, como o movimento de outras mulheres negras salvam outras mulheres negras. Eu gosto de pensar caminhos, como a gente luta? Como a gente descansa?

**Macksa Soares:** Corpos-travessias são epistemes que Conceição Evaristo e você nas suas literaturas compõem e é também um conceito que desenvolvo na tese para refletir sobre os caminhos de volta que mulheres negras estão reconfigurando historicamente por meio da ancestralidade, memórias, afetos, religiosidade. Como sua poesia desenha para esses corpos doídos travessias de esperanças, resistências, sobretudo a percepção de si?

**Ryane Leão:** Que pergunta bonita! Obrigada por seu interesse no meu trabalho, por lembrar meu nome, por me colocar sentada ao lado de Conceição Evaristo, como eu estive numa bienal lá no Rio de Janeiro. Obrigada por essa dança bonita que faz com a minha, com a dela, com a sua escrita e vai relembrando grandeza, vai me colocando na imensidão. Eu digo também que a gente precisa trabalhar o tangível, a gente não vai encontrar o amor próprio transbordante, imediato, eu acredito nesses pequenos lapsos que de repente vão se transformando num fogo de artifício, assim como a cura tem esses lapsos. Eu passei por um rompimento de uma relação abusiva em 2014 e eu fiquei muito adoecida e tinha uma preta velha dentro do quarto como se ela tivesse tricotando e ela falava, vamos hoje e até que chegou um dia que eu fui (choro) e eu liguei para uma amiga e disse, eu preciso sair daqui. Essas forças que nos invadem e a gente diz do nada, eu sou macumbeira, eu não acredito que existam coisas do nada, nada é acaso, existe sempre uma ancestral insistindo no que a gente é. É por isso que estou sempre insistente em honrar meu nome, meu sobrenome, honrar o terreiro que estou fazendo boas oferendas. Nós mulheres negras estamos sempre construindo casas no vazio. Eu escrevi no meu livro novo, essa cidade é sua, você pode fazer essa cidade do jeito que você quiser, entendendo que alguns lugares ficarão vazios, mas também inventando essa cidade do zero, criando universos no vazio. Nesse poema eu termino falando, deixe o céu esperar. Eu sou uma mulher negra do esperar, sou filha de oyá, eu sou vento e não desistir de mim é um compromisso diário que fiz com a minha ancestralidade, com a minha espiritualidade. Todos os dias eles erguem as mãos pra mim e falam, vamos! Eu digo, vamos. Seja embora de um lugar ruim, seja para entrar num lugar novo e bom, seja para ouvir o som da minha gargalhada. Quando eu tô triste estou rindo baixo, porque eu sou uma mulher que ocupa espaço, sou uma mulher grande, uma mulher que ri alto, assim serei, assim tem que ser. Eu nasci para ser grande, eu sou a ventania, eu tô em todo lugar. Enfim, obrigada, espero que as minhas respostas tenham te alcançado e obrigada por me fazer emocionar, o maior presente, significa que a gente está vivo. Não vou pedir desculpas por estar chorando. Ah, não! Eu vou chorar mesmo, virar água e sorri ao lado de Oxum.